NÚCLEO DE ESTUDOS UMBANDISTAS



A UMBANDA COMO ELA É.

CURSO DE INTRODUÇÃO À DOUTRINA DE UMBANDA

Brasília, junho de 2013.

NÚCLEO DE ESTUDOS UMBANDISTAS – NEU
COORDENAÇÃO DE ASSUNTOS DOUTRINÁRIOS

CURSO DE INTRODUÇÃO À DOUTRINA DE UMBANDA

Curso Básico Preparatório para Médiuns e Associados
Edição revista e ampliada

Brasília – junho de 2013

NÚCLEO DE ESTUDOS UMBANDISTAS – NEU
COORDENAÇÃO DE ASSUNTOS DOUTRINÁRIOS

CURSO DE INTRODUÇÃO À DOUTRINA DE UMBANDA

Curso Básico Preparatório para Médiuns e Associados
Edição revista e ampliada

Brasília – junho de 2013

A todos os mentores queridos: Caboclo Ubirajara, Pai Tomé de Angola, Cabocla Bartira, Caboclo Irapuã das Matas, Zezinho, Tranca-Rua das Almas, João Caveira, Maria Molambo, e tantos outros irmãos queridos, cuja inspiração e auxílio foram determinantes para que este trabalho acontecesse. A eles e a Deus por sua infinita bondade, nosso preito de eterna gratidão

ÍNDICE

Apresentação..... 01

Capítulo I

Umbanda, seus Princípios e sua Origem..... 03
Os problemas externos..... 03
Os problemas internos..... 04
A Natureza da Umbanda..... 05
As Origens da Umbanda..... 09

Capítulo II

A Teologia da Umbanda..... 19
Os fundamentos da Umbanda..... 19
Os arquétipos de Umbanda..... 21
A magia da Umbanda..... 24
As vibrações de Deus e as sete linhas da Umbanda..... 28
O Orixá Obaluaê..... 40
Finalizando..... 41

Capítulo III

Os Exus..... 43
O Mito do inferno, do diabo e das penas eternas..... 43
Origem, natureza e missão dos Exus..... 46
Das linhas de Exus..... 48
Das características dos trabalhos de Exu..... 52
Exus e impostores..... 53

Capítulo IV

Umbanda – Sua Ritualística..... 56
O ritual dentro das religiões..... 57
O Espiritismo Kardecista e a crítica aos rituais..... 59
As funções e as características do ritual de Umbanda..... 60
Os materiais de trabalho..... 63
Dos rituais em espécie, do terreiro e do Congá..... 77
Dos rituais de trabalho..... 80
Dos rituais extravagantes..... 92
A grafia dos Orixás: a Lei de Pemba..... 95
Do que são os sinais riscados..... 95
Da Função dos sinais riscados..... 96
Das dificuldades relativas aos pontos riscados..... 97
O código da Lei de Pemba..... 99
Os pontos riscados de Exu..... 105

Capítulo V

A Mediunidade..... 112
Dos tipos de mediunidade..... 112
Do desenvolvimento mediúnico..... 119
Do comportamento do médium..... 121

Bibliografia..... 126

APRESENTAÇÃO.

Com este volume, iniciamos nossa caminhada em direção ao conhecimento mais aprofundado das verdades espirituais contidas nesse grande universo da Umbanda, que em 15/11/2008 completou cem anos de existência.

Esse primeiro século de existência foi marcado por uma grande luta pela superação do preconceito, da ignorância e da desinformação que, infelizmente, existem mesmo entre os adeptos e iniciados dessa doutrina redentora que é a Umbanda.

Durante esse período, foi grande o empenho das falanges abnegadas – Caboclos, Pretos Velhos, Crianças e Exus – que compõe as legiões de trabalhadores da Umbanda no plano espiritual, para vencer os obstáculos e firmar os alicerces do movimento em terras brasileiras.

Infelizmente, muitos irmãos carentes de esclarecimento serviram-se do nome Umbanda para acobertar práticas espúrias – popular e erroneamente conhecidas como magia negra – sacrificando nossos irmãos inferiores e se deleitando em rituais pagãos regados a álcool, que fizeram o deleite de espíritos inferiores, alguns zombeteiros e ignorantes, outros malévolos e astutos que se serviam desses desvios para alimentar o preconceito contra a Umbanda, trabalhando para denegrir sua imagem e lançá-la no descrédito frente à opinião pública.

Outros umbandistas, contudo, persistiram no bem e se mantiveram fiéis ao ideário original apresentado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, preservando uma referência segura de prática da caridade cristã que é a única verdadeira razão de ser da Umbanda.

Esse segundo século que se inicia está destinado a ser o da propagação da verdadeira Umbanda, livre de superstições, livre de crendices despropositadas, livre de práticas contrárias à Lei de Harmonia Universal, comprometida com a evolução do planeta e do homem.

Todos nós temos um compromisso com esse desafio. Para tanto, é preciso vencer nossas próprias limitações e o caminho para isso é o estudo constante e dedicado; é o conhecimento das verdades espirituais, que nos colocará em sintonia com nossos dedicados mentores, transformando-nos em instrumentos ativos da propagação do evangelho do cristo, refletido na simplicidade dos caboclos, na humildade dos pretos velhos e na pureza das crianças.

Estudemos e trabalhemos.

Que Oxalá nos abençoe e nos auxilie!

Capítulo I

Umbanda – Seus Princípios e sua Origem.

1. UMBANDA – SEUS PRINCÍPIOS E SUA ORIGEM.

Umbanda é uma religião recente – considerando sua implantação no Brasil no início do Séc. XX – em relação a outras religiões tradicionais que já existem há séculos, ou até mesmo há milênios, como é o caso do Judaísmo, ou do hinduísmo.

Por ser jovem em seu estágio atual, encontra sérias dificuldades e desafios, tanto entre seus praticantes, quanto entre o público em geral, para sua afirmação como doutrina religiosa. Apesar disso, conta com alguns milhões de adeptos e simpatizantes no Brasil; pessoas que procuram os centros umbandistas, em busca de conforto espiritual, cura, desobsessão, conselhos, enfim, em busca de um caminho seguro para trilhar, num mundo de tantas incertezas e de tantas dores.

Por essa razão, entende-se ser imprescindível para o médium umbandista o acesso a uma formação doutrinária que lhe permita conhecer sua religião de modo mais aprofundado, a fim de que possa se converter em um instrumento útil para as entidades que vêm prestar auxílio e fazer a caridade.

Embora seja uma forma aparentemente heterodoxa de se começar um estudo, entende-se que é imprescindível ao estudante da Umbanda conhecer os problemas que a religião enfrenta, até porque tais problemas apontam para os conteúdos doutrinários mais significativos da doutrina, por isso esse curso se inicia pela análise dos problemas enfrentados pela Umbanda em seu estágio atual.

1.1 – Os Problemas Externos.

As religiões tradicionais, notadamente as de fundamentação bíblica fazem seguidamente veementes acusações contra a prática da Umbanda, disseminando inverdades e perpetuando preconceitos que, como tais, têm origem e sustentação na desinformação e na ignorância. Tais acusações se fundamentam nas proibições bíblicas de evocação dos mortos, consultas a videntes e necromantes; todas presentes principalmente no Velho Testamento e na Lei Mosaica. É certo, contudo que Jesus, ao longo de sua trajetória, jamais fez qualquer proibição desse tipo e até, pelo contrário, referendou muitas das práticas presentes na Umbanda e no Espiritismo.

Mesmo assim, são freqüentes os ataques à crença umbandista e é comum assistirem-se a programas religiosos – veiculados em redes de televisão pertencentes a igrejas – cenas tendentes a ridicularizar e lançar descrédito sobre as práticas dos terreiros.

Tudo isso, somado à ignorância da maioria das pessoas, que tende a criticar sem antes procurar conhecer o que se está criticando, acabou por gerar um grande sentimento de preconceito contra o que se acredita ser prática de feitiçaria, magia negra ou de ritos diabólicos; tão grande que chega a ter a adesão, inclusive, de muitos espíritas.

Mais que isso, existe o preconceito em relação à origem, já que se acredita de, forma bastante generalizada, que a Umbanda nasceu a partir da simplificação dos cultos trazidos pelos escravos africanos. Isso faz com que o abominável preconceito contra os negros – que se afirma não existir no Brasil – se projete sobre a Umbanda.

Quem tem conhecimento dos fundamentos do Espiritismo, sabe que cada um professa a doutrina que seu desenvolvimento espiritual lhe permite alcançar e entender e que é preciso uma mente muito receptiva, para estar em sintonia com as forças cósmicas superiores, assim sendo, deve-se rogar aos mentores equilíbrio para manter-se distante dos debates estéreis que não mudam a opinião de ninguém e ainda conduzem a climas de hostilidade incompatíveis com a crença umbandista num mundo de fraternidade e de amor ao próximo. No mais, a Constituição da República, Lei maior do país, assegura o direito de culto, além de impedir expressamente que os umbandistas sejam importunados no exercício desse direito.

1.2 – Os Problemas Internos.

Além do que já se falou, a Umbanda convive também com problemas de ordem interna e, não é nenhum exagero afirmar que tais problemas são em grande parte responsáveis pelos problemas externos.

Sucede que, ao contrário de outras doutrinas religiosas (como o Espiritismo Kardekiano, por exemplo), a Umbanda não teve em seus primórdios um trabalho de codificação formal que lhe conferisse uma unidade doutrinária e, consequentemente uma unidade de culto.

No princípio, o público que ela estava destinada a atender e assistir, composto por pessoas simples, de poucos conhecimentos teóricos, excluídas em sua maioria, além de não manifestar uma preocupação com aspectos doutrinários, ainda era bastante suscetível a crendices, superstições, mistificações e rituais, preferindo acreditar em magia a acreditar em conhecimento.

A opção dos mentores por adotar uma terminologia usada nos cultos tribais de nação, para designar linhas vibracionais e entidades, a fim de melhor falar a esse público-alvo, então acostumado a freqüentar as “macumbas” cariocas produziu uma inexorável confusão entre a

origem desses ritos tribais e a origem da Umbanda, criando a idéia falsa de que Umbanda nada mais era do que uma simplificação, um abrasileiramento das religiões africanas tradicionais.

Tudo isso contribuiu para que surgissem ritos, cultos e crenças diversificadas e, muitas vezes, até antagônicas em alguns de seus princípios, todas utilizando indiscriminadamente a designação de Umbanda. Sobre isso, falam os instrutores da Fraternidade do Grande Coração – FGC em seu **1º Curso de Dirigentes da Fraternidade do Grande Coração Aumbandhã**:

> *Hoje, dentro da Umbanda, encontramos diversas interpretações e costumes. Os cultos seguem algumas influências comuns, mas são fortemente influenciados pelos seus componentes, pelos dirigentes locais que, sem uma base única e clara, permitem distorções, múltiplas facetas e ritos diversos. A Umbanda sofre o risco de se tornar conhecida pela religião, pelo culto no qual, qualquer dirigente que se diz conhecedor e com influências espirituais abre a sua "Umbanda", à sua moda e satisfação. (FGC, 2005, p. 2)*

Nessa linha, sob a mesma denominação de "Umbanda", encontra-se uma imensa variedade de formatos que vão desde um semi-kardecismo, até rituais primitivos envolvendo práticas denominadas de magia negra, com sacrifício de animais e oferendas regadas a sangue e álcool.

Não é objetivo deste curso, e nem seria lícito do ponto de vista da caridade, criticar ou lançar anátema sobre as convicções de quem quer que seja, mas é necessário que se diga que, muitas das crenças que se abrigam sob o nome de Umbanda, na verdade Umbanda não são.

Mas, então, o que é Umbanda?

Como se está falando de uma doutrina, a resposta a essa pergunta deve principiar por enumerar e elucidar os princípios, os fundamentos dessa doutrina. Vamos a eles:

1.3 – A Natureza da Umbanda.

O epicentro da prática de Umbanda se localiza em trabalhos mediúnicos, onde espíritos desencarnados se manifestam através da faculdade dos médiuns, dando comunicações e consultas, por isso, a despeito do que pretendem alguns, Umbanda é uma espécie do gênero Espiritismo. A base dessa afirmação é que não existem leis diferentes regendo as formas de manifestação no Espiritismo Kardecista e na Umbanda.

O que diferencia as duas religiões são alguns aspectos filosóficos que norteiam cada uma delas e que influenciam diretamente na forma de culto. Sobre isso, é importante atentar para o que ensina Ramatis no livro **A Missão da Umbanda**, por intermédio da mediunidade

de Norberto Peixoto:

> *É importante relembrar que a umbanda é um movimento espiritualista visivelmente diferente do espiritismo, mas com muita sincronia em vários aspectos, tendo em vista que ambos são regidos pelas leis universais que regulam o intercâmbio entre os planos da vida. (PEIXOTO, 2006, p.42)*

Ainda assim, as diferenças filosóficas não são tão significativas, se se considerar que dois dos pilares são comuns: ambas as doutrinas têm a reencarnação como princípio essencial e a evolução e libertação do espírito como objetivos a serem alcançados pelo aprendizado e pela prática da caridade e do amor, enfim, pelo autoburilamento.

Além disso, as duas doutrinas são ESSENCIALMENTE MONOTEÍSTAS, isto é, têm clareza de que existe um único Deus, criador supremo do Universo e de todas as coisas que nele existem. Desse Deus único, eterno e causa primária de todas as coisas emana a vontade que preside toda a ordem e a harmonia universal.

Por essa razão, não é correto falar – como fazem alguns – na existência de uma "Lei de Umbanda". Existe uma única Lei de Harmonia Universal, à qual tudo o que existe está inexoravelmente subordinado. Algumas religiões, presunçosamente, costumam criar códigos religiosos diversos, como se Deus fosse obrigado a seguir a vontade dos homens, mas os umbandistas devem ter claro que o que podia, em certo momento, ser revelado à humanidade sobre as leis divinas, foi revelado pelo Espirito de Verdade a Kardec, e se encontra compilado no Pentateuco das obras básicas da Doutrina Espírita.

A esse respeito, convém recorrer às palavras de Ramatis:

> *A moral contida no Evangelho de Jesus e magistralmente exaltada em O Evangelho Segundo o Espiritismo, que é universal e cósmica, tem aplicabilidade às várias religiões terrícolas, mesmo que o conceito de mal ou bem seja limitado por vossa temporalidade material, que ocasiona mudanças de hábitos e valores constantes.* (PEIXOTO, 2006, p. 62)

O trecho por si só dispensa maiores comentários e ainda traz a assinatura de um espírito da envergadura de Ramatis. Por isso, na missão que aqui se assume de transmitir ensinamentos sobre a Doutrina Umbandista, considerando que existem muitas opiniões diferenciadas sobre assuntos diversos, entre adeptos, iniciados e até entre autores de obras sobre Umbanda, sempre que houver, no âmbito deste trabalho, manifestação sobre questões controvertidas, a opinião aqui esposada estará lastreada nos ensinamentos contidos nas obras da codificação, principalmente em **O Livro dos Espíritos** e em **O Evangelho Segundo o Espiritismo**.

Muitos podem se perguntar: então, qual é a diferença entre a Umbanda e o Espiritismo Kardecista? Responde-se a isso que as diferenças existem, mas, por se tratar de assunto de bastante complexidade, não se o abordará nesse capítulo inicial, deixando claro, contudo que o tópico será devidamente tratado ao longo desse trabalho e de todo o curso.

Para concluir, vale dizer, então que **a Umbanda é uma doutrina religiosa espiritualista, de caráter universalista, fundada exclusivamente na prática do bem e do amor ao próximo, repudiando qualquer atitude que vise a provocar malefícios ou a interferir no livre-arbítrio de qualquer ser, ou na harmonia da natureza. É uma religião que possui princípios próprios, teologia própria e ritos próprios e não se confunde com outras práticas assemelhadas.**

Em seu livro **Código de Umbanda**, Rubens Saraceni[1] enumera, de maneira bastante consciente, alguns conceitos muito eloqüentes na elucidação da natureza da Umbanda:

> *Por isso, a doutrina de Umbanda é universalista e está aberta à incorporação de conceitos já consagrados, de interesse da maioria e estimuladores da religiosidade livre do fanatismo e do sectarismo.*
> *Conceitos tais como:*
> *- só existe um Deus;*
> *- o homem é criação de Deus;*
> *- o homem-carne é animado por um espírito imortal;*
> *- o homem foi feito à semelhança de Deus;*
> *- ao espírito é dado o direito de reencarnar;*
> *- o ser justo e virtuoso ascende aos céus;*
> *- o ser injusto e viciado desce às trevas;*
> *- a toda ação corresponde uma reação;*
> *- a prática do bem traz recompensa, e a prática do mal acarreta débitos;*
> *- uma encarnação deve ser bem aproveitada pois possibilita a aquisição de uma consciência virtuosa;*
> *- existência do carma coletivo e do individual;*
> *- existência do recurso da reencarnação retificadora;*
> *- sujeição à Lei das Afinidades;*
> *- superioridade dos bens espirituais aos bens materiais;*
> *- prática regular da prece;*
> *- Consagração do ser ao serviço religioso;*
> *- fraternidade total em relação à raça, à cor, à religião e à cultura;*
> *- aceitação de hierarquias espirituais e divinas a serviço de Deus na condução do destino dos espíritos menos evoluídos ou dos encarnados;*
> *- aceitação da manifestação dos espíritos durante as sessões religiosas, quando incorporam e dão orientações, realizam curas, afastam obsessores, anulam magias negativas, etc.;*
> *- evolução contínua dos espíritos.* (SARACENI, 2008, p. 52)

É necessário, apenas, que se façam pequenos esclarecimentos a respeito de alguns conceitos:

---

[1] Embora não concordemos com alguns pontos de vista defendidos pelo autor em questão, temo-lo como referência, pelos muitos acertos que demonstra e por sua vasta obra, contribuindo para a difusão e o crescimento da Umbanda.

Quando se afirma que só existe um Deus, isso significa que o culto aos Orixás não os trata como se fossem divindades. Esse ponto será tratado em capítulo autônomo.

A afirmação de que o homem é feito à semelhança de Deus, significa que é racional, tem potencialidade criativa, é capaz de atingir uma perfeição relativa, jamais absoluta, porque perfeição absoluta somente Deus possui. Portanto, semelhança não significa igualdade absoluta. Jamais o homem será um deus, mas pode e deve se aproximar dEle pelo aprimoramento contínuo.

Ascender ao céu ou descer às trevas nada têm a ver com os conceitos tradicionais de céu e inferno. Os umbandistas têm consciência de que o inferno não existe, muito menos existe um diabo lendário, eternamente voltado para o mal. No estágio atual de evolução da humanidade, salvo o caso de alguns espíritos que reencarnam em missão, ascender ao céu significa ser recolhido a uma colônia espiritual, onde se será tratado, onde se terá oportunidade de aprendizado e trabalho na seara do Mestre, enquanto se aguarda uma nova encarnação reparadora. Na outra ponta, descer às trevas significa ir para uma zona umbralina, onde se sofrerão os efeitos dos erros e desregramentos durante a encarnação, enquanto também se aguarda por uma nova encarnação.

A sujeição à lei das afinidades constitui um dos capítulos mais complexos deste aprendizado e está diretamente ligada ao conceito de Orixá. Será também tratada em capítulo autônomo, mas por enquanto se pode dizer que o ser se aproxima e atrai tudo aquilo com que se afiniza, o que significa dizer que a vida do homem é ditada em grande parte por suas idiossincrasias.

Quanto à consagração do ser ao serviço religioso, é preciso ter claro que os trabalhos de Umbanda devem ter dirigentes, como qualquer atividade social. Entretanto, a idéia de dirigente não pode ser confundida com a de sacerdote. Entende-se que os rituais de feitura – típicos das religiões tribais de nação – com recolhimentos e deitadas, com cortes e assentamentos de cabeça, nada têm a ver com a proposta original do Caboclo das Sete Encruzilhadas[2], estando, mesmo, em oposição ao ideal de simplicidade e humildade que permeia os princípios da doutrina. Nesse sentido, também, vale recorrer aos ensinamentos de Ramatis:

> *Na Umbanda, preservam-se os aspectos positivos, benfeitores, das tradições africanistas. Não se impõem assentamentos vibratórios individuais dos orixás fundamentados em iniciações sanguinolentas, com raspagens de cabeças e oferendas regulares para satisfazer o 'santo'. Assim, basta fixar no conga alguns elementos*

[2] O Caboclo das Sete Encruzilhadas foi a entidade que introduziu a Umbanda no Brasil, no dia 15 de novembro de 1908, conforme se verá em tópico posterior relacionado à História da Umbanda.

> *condensadores para servirem de imantação, afim com o orixá regente do terreiro. A mediunidade canalizada para a caridade, o amor por todos os seres vivos em auxílio aos sofredores é o mais seguro 'assento' dos orixás no templo interno de cada criatura* (PEIXOTO, 2006, p. 84)

No mais das vezes, a condição de sacerdote iniciado produz uma sensação de superioridade que conduz ao orgulho e à vaidade pessoal, sentimentos totalmente antagônicos com os princípios da doutrina. Umbanda é luz, Umbanda é amor, Umbanda é caridade e um dirigente de Umbanda deve se caracterizar, acima de tudo por sua postura moral, por sua vontade de servir e fazer o bem. O assentamento está na mente e no coração.

1.4 – As Origens da Umbanda.

Durante um século, foi normal acreditar que a Umbanda era uma religião derivada dos cultos africanos de nação, simplificados e sincretizados, para adaptarem-se à realidade brasileira. Mesmo dentro dos terreiros essa era a crença vigente. Isso, porém, não é verdade e é chegado o momento de esclarecer esse equívoco e devolver à Umbanda sua verdadeira face, seus verdadeiros princípios, sua verdadeira origem.

1.4.1 – Aumpram, a lei divina.

Ao contrário do que a maior parte das pessoas acredita, a palavra "Umbanda" não é um vocábulo de origem africana. Esclarecem os mestres da Fraternidade do Grande Coração (FGC, 2005) que ela é, na verdade uma corruptela da palavra originária do idioma sânscrito, "Aumpram", que significa "Lei Divina".

Essa visão – embora contestada por muitos que ainda se apegam a uma visão estritamente africanista e insistem em dizer que o vocábulo deriva de "embanda" (sacerdote, segundo a tradição banto) – é abraçada pelo NEU como verdadeira, por corroborar a antiguidade da Umbanda. Aos mais acirrados, contra argumentamos que o próprio vocábulo "embanda" já é uma corruptela do vocábulo original sânscrito.

O sânscrito é uma língua antiqüíssima originada na Índia e que é, inclusive, considerada pelos lingüistas como a língua mãe da maioria das que são faladas no mundo ocidental. Mas, como, então, algo tão antigo pode estar relacionado a uma religião que acaba de completar um século de existência?

Esse é um assunto controvertido e que pode gerar muita polêmica, pois existem várias

correntes defendendo origens diferentes. Há os que defendem a origem africana da Umbanda, tratando-a como uma forma abrasileirada dos cultos de nação; há os que defendem ser a Umbanda uma simples mistura de aspectos de diversas religiões, formando um conjunto mais abrangente; há ainda os que acreditam estarem as origens da Umbanda ligadas aos primórdios do planeta. Entende-se aqui ser essa última visão a mais acertada, contudo é preciso ter cautela na assunção desse entendimento, pois existe muita versão fantasiosa, falando de práticas típicas de Umbanda cultivadas na Terra há centenas de milhares de anos, por espíritos oriundos de outros orbes e de outras galáxias, encarnando e criando civilizações extremamente evoluídas e travando confrontos na extinta Atlântida entre magia positiva e magia negativa.

Volte-se a insistir que não é objetivo deste curso criticar as convicções de ninguém, porém aqui sempre se colocará a razão a serviço da fé. Nesse sentido, vale dizer que a ciência já estabeleceu a origem dos primeiros homens, ainda muito rudimentares, em torno de cem mil anos no passado[3]. Obviamente, antes desse marco não poderia haver práticas religiosas no planeta, pois faltariam praticantes.

Igualmente, não se poderia sustentar a tese de que civilizações futurísticas, grandemente evoluídas tenham aqui florescido nos primórdios do planeta, pois que isso seria contrário à lógica da evolução, afinal a Terra era naquele momento, na ordem dos mundos, um planeta primitivo, incompatível com um grau elevado de desenvolvimento civilizacional.

Certamente se reconhece o advento de espíritos oriundos de outros orbes, aqui chegados na condição de degredados, com a missão de contribuir para a evolução dos terráqueos primitivos, mas também se tem claro que sua chegada se deu dezenas de milhares de anos depois do surgimento dos primeiros hominídeos. Essa visão é expressamente sustentada por Kardec em **A Gênese**:

> *De acordo com o ensino dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou, se quiserem, uma dessas colônias de Espíritos, vinde de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão mesma, chamada raça adâmica. Quando ela aqui chegou, a terra já estava povoada desde tempos imemoriais. Como a América, quando aí chegaram os europeus.*
> *Mais adiantada do que as que a tinham precedido neste planeta, a raça adâmica é, com efeito, a mais inteligente, a que impele ao progresso todas as outras. A Gênese no-la mostra, desde os seus primórdios industriosa, apta às artes e às ciências, sem haver passado aqui pela infância espiritual, o que não se dá com as raças primitivas, mas concorda com a opinião de que ela se compunha de Espíritos que já tinham progredido bastante. <u>Tudo prova que a raça adâmica não é antiga na terra e nada se opõe a que seja considerada como habitando este globo desde apenas alguns</u>*

[3] Oficialmente a ciência reconhece a existência do homem de Neandertal num período compreendido entre 150.000 e 35.000 anos no passado. Observe-se que o Neandertal corresponde ao chamado homo sapiens

> *milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos, nem com as observações antropológicas, antes tenderia a confirmá-las.* (KARDEC, 1996, p.226/227) (grifo nosso).

Também se reconhece que esses espíritos degredados traziam consigo um intelecto muito desenvolvido, com um grande número de conhecimentos que estavam gravados em sua memória espiritual, sendo trazidos latentes para as encarnações que passaram a acontecer na Terra e tendo gradativamente desabrochado, passando a servir como uma poderosa mola propulsora do desenvolvimento das raças primitivas de terráqueos [4].

Sabe-se ainda que esses espíritos, provenientes principalmente de Capela começaram suas encarnações em terras das extintas Lemúria e Atlântida, em meio a tribos ainda selvagens, com as quais compartilharam seus conhecimentos científicos. Sobre isso convém assinalar o testemunho incontestável de Emanuel em **A Caminho da Luz**:

> *Entre as raças negra e amarela, bem como entre os grandes agrupamentos primitivos da Lemúria, da Atlântida e de outras regiões que ficaram imprecisas no acervo de conhecimentos dos povos, os exilados da Capela trabalharam proficuamente, adquirindo a provisão de amor para suas consciências ressequidas. Como vemos, não houve retrocesso, mas providência justa de administração, segundo os méritos de cada qual, no terreno do trabalho e do sofrimento para a redenção.* (XAVIER, 2007, p. 40)

Os conhecimentos trazidos por esses espíritos degredados eram ainda impossíveis de serem compreendidos pelos homens primitivos que habitavam a terra, o que fez com que os terráqueos começassem a considerá-los como divindades. Esse fato é relatado por Edgar Armond em **Os Exilados da Capela**:

> *Logo, após, os primeiros contatos que se deram com os seres primitivos e, reencarnados os capelinos nos tipos selecionados já referidos, verificou-se de pronto tamanha dessemelhança e contraste, material e intelectual, entre essas duas espécies de homens, que sentiram aqueles imediatamente a evidente e assombrosa superioridade dos ádvenas, que passaram logo a ser considerados super-homens, semideuses, Filhos de Deus, como diz a gênese mosaica, e, como é natural, a dominar e dirigir os terrícolas* . (ARMOND,1999, p. 56/57)

Como todo ser primitivo tende a tratar como sobrenatural aquilo que não compreende racionalmente, e como muitos capelinos dominavam conhecimentos científicos relacionados à manipulação de energia e fluidos sutis, esses seres passaram a ser tratados como magos e seu conhecimento tratado como magia.

---

[4] O homem de Cro-Magnon, reconhecido presentemente como o ancestral já mais próximo do homem atual (homo sapiens sapiens) viveu num período que se estende de 100.000 e 35.000 anos no passado e pertence à quarta raça atlante.

Sucede que entre os degredados, houve os que, desde o princípio, buscaram o aprimoramento pela dedicação ao bem, e aqueles que, empedernidos, persistiram em fazer o mal. Fácil perceber, então, como se deu o surgimento de designações como “magia branca” e “magia negra”.

Posteriormente, com o cataclismo que culminou no afundamento da Atlântida, muitos sobreviventes migraram para terras asiáticas, americanas e africanas, onde se fixaram. Na Ásia, acabaram por fincar raízes na Índia, onde deram origem aos Árias, precursores do tronco étnico indo-europeu. Na África, fixaram-se principalmente no Egito e na Etiópia. Ali deram origem às grandes civilizações egípcia e etíope.

1.4.2 – O sincretismo: a união de três povos.

Em solo africano, o conhecimento da Aumpram, distorcido e preservado através da tradição oral, acabou por originar as religiões tribais, nas quais se cultuavam Orixás, como seres divinos, personificados, possivelmente, por capelinos que, durante suas encarnações realizaram façanhas consideradas pelos primitivos como grandes feitos de magia.

Boa parte dos conhecimentos científicos relacionados à manipulação de fluidos e energias foi assimilada por esses povos que continuaram a praticá-los, embora de forma rudimentar. Toda tribo possuía seu feiticeiro, seu curandeiro que nada mais era que um indivíduo que aprendera com algum antepassado um pouco do legado científico dos capelinos.

Tais práticas eram parte integrante da religião daqueles povos, religião essa que também incluía o intercâmbio entre encarnados e desencarnados, através das faculdades mediúnicas, embora também a mediunidade fosse tratada como um elemento mágico.

Passando de geração em geração, sob a forma de religião ancestral, essas práticas aportaram no Brasil, a partir do Século XVI, juntamente com os escravos africanos que começavam a chegar.

Nesse ponto, é imprescindível assinalar que a religião que chegava com os africanos, já há muitos séculos não era a Aumpram originária. Era, na verdade, uma religião com traços bastante primitivos, marcada por superstições e crendices; temperada com elementos introduzidos por espíritos oportunistas e malévolos, como sacrifício de animais e oferendas de baixo padrão vibratório.

Os escravos, proibidos por seus senhores de praticarem sua religião e forçados pelos padres a se converterem ao catolicismo, passaram a manter em seus altares, montados nas

senzalas, imagens de santos católicos, fingindo cultuá-los, mas preservando secretamente a adoração a suas divindades tribais. Essa situação perdurou durante todo o período da escravidão.

Paralelamente a isso, havia os indígenas brasileiros, também descendentes de sobreviventes da extinta Atlântica, cuja religião também continha elementos "mágicos" remanescentes dos conhecimentos da Aumpram.

Do convívio entre índios e negros aconteceu uma natural integração desses conhecimentos que acabou por produzir modificações tanto na religião dos escravos, quanto na dos índios.

Por fim, vale salientar que o próprio catolicismo praticado naquela época pelo elemento branco era uma religião marcada por superstições e por misticismo: crença no demônio, em práticas de bruxaria, em acontecimentos miraculosos e sobrenaturais, enfim, em elementos "mágicos", decorrentes de práticas originadas principalmente na Idade Média, a idade das trevas..

Além disso, era extremamente comum, nos momentos de dificuldades, como doenças em família, os senhores brancos procurarem em segredo os curandeiros negros nas senzalas, para pedir ajuda aos Orixás.

Isso acabou por produzir uma mistura de crenças gerando um clima de tolerância tácita, viabilizando o culto dos Orixás em terras brasileiras, desde que tal culto acontecesse sob o disfarce de imagens católicas. A isso se deu o nome de sincretismo, palavra originária do grego e formada pelos radicais *"sim"* (união, convergência) e *"Creta"* (ilha grega do Mar Egeu). Conta a História que Creta era habitada por povos rivais, mas, quando foi invadida por um povo estrangeiro, seus habitantes se uniram para defender a ilha do inimigo comum. Daí vem o vocábulo "sincretismo". Vale dizer, então, que o que houve no Brasil não foi a união voluntária de crenças, mas o disfarce de uma crença em outra para viabilizar sua existência, o que tem muito mais características de "mimetismo" que de sincretismo.

1.4.3 **– A corrente astral de umbanda.**

Enquanto esses fatos se sucediam, milhões de espíritos oriundos de Capela continuavam seus ciclos encarnatórios em diversos pontos do planeta. Muitas dessas encarnações já eram missionárias, pois grande número desses espíritos já se encontravam redimidos e em condições de retornar ao orbe de origem, mas, ligados por fortes vínculos afetivos ao orbe terrestre, optavam por aqui permanecer e auxiliar na evolução da Terra.

Esses espíritos – entre os quais se encontram nomes venerandos, tanto no Brasil, como em várias partes do globo – profundos conhecedores da ciência cósmica, formavam, com a permissão e a bênção de Jesus, uma fraternidade no Astral Superior, conhecida como AUMBANDHÃ[5] (Luz Divina). Por serem grandes conhecedores da ciência cósmica, a principal missão dessa fraternidade é trabalhar para combater o uso maléfico dessa ciência, conhecido popularmente como magia negra.

Muitos dos espíritos pertencentes a essa fraternidade tiveram, ao longo da colonização, encarnações em terras brasileiras, onde ocuparam corpos de escravos ou índios (provavelmente, muitos tenham completado sua redenção nessas encarnações), tendo contribuído para disseminar os conhecimentos de manipulação energética entre essas duas raças.

1.4.4 – O astral inferior e a baixa ciência.

A evolução não acontece igualmente para todos e, milhares de espíritos detentores de conhecimentos científicos mantiveram-se afastados da Lei Divina, numa atitude de revolta e insubordinação, formando no astral uma corrente de baixíssima vibração, dispostos sempre a usar seus conhecimentos para praticar o mal, semeando dor e sofrimento na face do planeta, sempre que encontrassem condições propícias para estabelecerem seu império entre os encarnados, criando óbices para o desenvolvimento do planeta como um todo.

As práticas cultivadas e ensinadas por esses espíritos acabaram ganhando a denominação genérica de “magia negra”, que nada mais é que a aplicação de conhecimentos científicos com o objetivo de fazer o mal.

1.4.5 – Das macumbas à umbanda.

Em 1888 o Brasil era um país marcado por profundas desigualdades sociais, com uma distribuição de renda perversa, onde só existiam ricos e pobres.

Com a Lei Áurea, milhares de escravos libertos deixaram de contar com o precário sustento que tinham nas casas de seus antigos senhores e ficaram entregues à própria sorte, sem ter como nem do que sobreviver. Surgia uma nova classe, a dos miseráveis.

---

[5] Existem referências à existência dessa corrente astral desde há 700.000 anos, mas esse é um assunto sobre o qual não existe unanimidade doutrinária e, por isso, optamos por não tomar como verdadeiro nesse curso, já que objetivo é, acima de tudo, produzir conhecimento seguro. De qualquer modo, fazemos a nota, a fim de que o fato não seja simplesmente omitido.

Muitos desses ex-escravos, por força de sua religião ancestral, estavam habituados ao intercâmbio com mundo espiritual e dominavam alguns conhecimentos manipulatórios. Encontraram nisso uma forma de sobrevivência, fazendo curas, benzições, e trabalhos espirituais diversos em troca de dinheiro.

Rapidamente as tendas abertas com essa finalidade caíram na simpatia da grande massa excluída da população e passaram a ser freqüentadas em busca de todo tipo de ajuda, inclusive em busca de trabalhos dirigidos para as vinganças pessoais, para as conquistas amorosas entre outras práticas atentatórias ao exercício do livre arbítrio e consequentemente à Lei Divina.

Essas tendas, muito populares, principalmente no Rio de Janeiro, recebiam a designação de "macumbas" e rapidamente se transformavam em grandes pólos de difusão da magia negra.

A providência divina, sempre atenta às necessidades dos homens, não tardaria a intervir para impedir um avanço desproporcional do mal.

No ano de 1908 foi criado o movimento que se destinava a empreender veemente combate às práticas espúrias de "magia", bem como a levar o bálsamo divino a todos aqueles que necessitassem de ajuda, principalmente os pobres e excluídos que nada tinham.

Era a Umbanda que lançava seus marcos na terra do Cruzeiro e se anunciava como a religião do futuro. Norberto Peixoto (2006) assim narra os fatos que culminaram com a criação da nova religião entre nós:

> *Em fins de 1908, uma família tradicional de Neves, Niterói –RJ, foi surpreendida por uma ocorrência que tomou aspectos sobrenaturais: o jovem Zélio Fernandino de Moraes, que fora acometido de estranha paralisia, que os médicos não conseguiam debelar, certo dia ergueu-se do leito e declarou: "amanhã estarei curado". No dia seguinte, levantou-se normalmente e começou a andar, como se nada lhe houvesse tolhido os movimentos. Contava 17 anos de idade e preparava-se para ingressar na carreira militar na Marinha. A medicina não soube explicar o que acontecera. Os tios, sacerdotes católicos, colhidos de surpresa, nada esclareceram. Um amigo da família sugeriu então uma visita à Federação Espírita de Niterói, presidida na época por José de Souza. No dia 15 de novembro, o jovem Zélio foi convidado a participar da sessão, tomando um lugar à mesa. Tomado por uma força estranha e superior a sua vontade, e contrariando as normas que impediam o afastamento de qualquer dos componentes da mesa, o jovem levantou-se, dizendo:"aqui está faltando um flor", e saiu da sala indo ao jardim, voltando logo após com uma flor, que depositou no centro da mesa. Esta atitude insólita causou quase que um tumulto. Restabelecidos os trabalhos, manifestaram-se nos médiuns kardecistas espíritos que se diziam pretos escravos e índios. Foram convidados a se retirarem, advertidos de seu estado de atraso espiritual.*
>
> *Novamente uma força estranha dominou o jovem Zélio e ele falou, sem saber o que dizia. Ouvia apenas a sua própria voz perguntar o motivo que levava os dirigentes dos trabalhos a não aceitarem a comunicação daqueles espíritos e do porquê em serem considerados atrasados apenas por encarnações passadas que revelavam.*

Seguiu-se um diálogo acalorado, e os responsáveis pela sessão procuravam doutrinar e afastar o espírito desconhecido, que desenvolvia uma argumentação segura. Um médium vidente perguntou: "Por quê o irmão fala nestes termos, pretendendo que a direção aceite a manifestação de espíritos que, pelo grau de cultura que tiveram, quando encarnados, são claramente atrasados ? Por quê fala deste modo, se estou vendo que me dirijo neste momento a um jesuíta e a sua veste branca reflete uma aura de luz ? E qual o seu nome irmão ? E o espírito desconhecido falou: "Se julgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã (16 de novembro) estarei na casa de meu aparelho, para dar início a um culto em que estes irmãos poderão dar suas mensagens e, assim, cumprir missão que o Plano Espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome, que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque para mim não haverá caminhos fechados.

O vidente retrucou: "Julga o irmão que alguém irá assistir a seu culto"? perguntou com ironia. E o espírito já identificado disse: "cada colina de Niterói atuará como porta-voz, anunciando o culto que amanhã iniciarei".

No dia seguinte, na casa da família Moraes, na rua Floriano Peixoto, número 30, ao se aproximar a hora marcada, 20:00 h, lá já estavam reunidos os membros da Federação Espírita para comprovarem a veracidade do que fora declarado na véspera; estavam os parentes mais próximos, amigos, vizinhos e, do lado de fora, uma multidão de desconhecidos.

Às 20:00 h, manifestou-se o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Declarou que naquele momento se iniciava um novo culto, em que os espíritos de velhos africanos que haviam servido como escravos e que, desencarnados, não encontravam campo de atuação nos remanescentes das seitas negras, já deturpadas e dirigidas em sua totalidade para os trabalhos de feitiçaria; e os índios nativos de nossa terra, poderiam trabalhar em benefício de seus irmãos encarnados, qualquer que fosse a cor, a raça, o credo e a condição social. A prática da caridade, no sentido do amor fraterno, seria a característica principal deste culto, que teria por base o Evangelho de Jesus.

O Caboclo estabeleceu as normas em que se processaria o culto. Sessões, assim seriam chamados os períodos de trabalho espiritual, diárias, das 20:00 às 22:00 h; os participantes estariam uniformizados de branco e o atendimento seria gratuito. Deu, também, o nome do Movimento Religioso que se iniciava: UMBANDA – Manifestação do Espírito para a Caridade.

A Casa de trabalhos espirituais que ora se fundava, recebeu o nome de Nossa Senhora da Piedade, porque assim como Maria acolheu o filho nos braços, também seriam acolhidos como filhos todos os que necessitassem de ajuda ou de conforto.

Ditadas as bases do culto, após responder em latim e alemão às perguntas dos sacerdotes ali presentes, o Caboclo das Sete Encruzilhadas passou a parte prática dos trabalhos, curando enfermos, fazendo andar paralíticos. Antes do término da sessão, manifestou-se um preto-velho, Pai Antônio, que vinha completar as curas. No dia seguinte, verdadeira romaria formou-se na rua Floriano Peixoto. Enfermos, cegos etc. vinham em busca de cura e ali a encontravam, em nome de Jesus. Médiuns, cuja manifestação mediúnica fora considerada loucura, deixaram os sanatórios e deram provas de suas qualidades excepcionais.

A partir daí, o Caboclo das Sete Encruzilhadas começou a trabalhar incessantemente para o esclarecimento, difusão e sedimentação da religião de Umbanda. Além de Pai Antônio, tinha como auxiliar o Caboclo orixá Malé, entidade com grande experiência no desmanche de trabalhos de baixa magia.

Em 1918, o Caboclo das Sete Encruzilhadas recebeu ordens do Astral Superior para fundar sete tendas para a propagação da Umbanda. As agremiações ganharam os seguintes nomes: Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia; Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição; Tenda Espírita Santa Bárbara; Tenda Espírita São Pedro; Tenda Espírita Oxalá, Tenda Espírita São Jorge; e Tenda Espírita São Jerônimo.

Embora não seguindo a carreira militar para a qual se preparava, pois sua missão mediúnica não o permitiu, Zélio Fernandino de Moraes nunca fez da religião sua profissão. Trabalhava para o sustento de sua família e diversas vezes contribuiu financeiramente para manter os templos que o Caboclo das Sete Encruzilhadas

> *fundou. Ministros, industriais, e militares que recorriam ao poder mediúnico de Zélio para a cura de parentes enfermos e os vendo recuperados, procuravam retribuir o benefício através de presentes, ou preenchendo cheques vultosos. "Não os aceite. Devolva-os", ordenava sempre o Caboclo.*
> *A respeito do uso do termo espírita e de nomes de santos católicos nas tendas fundadas, o mesmo teve como causa o fato de naquela época não se poder registrar o nome Umbanda, e quanto aos nomes de santos, era uma maneira de estabelecer um ponto de referência para fiéis da religião católica que procuravam os préstimos da Umbanda. O ritual estabelecido pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas era bem simples, com cânticos baixos e harmoniosos, vestimenta branca, proibição de sacrifícios de animais. Dispensou os atabaques e as palmas. Capacetes, espadas, cocares, vestimentas de cor, rendas e lamês não seriam aceitos. As guias usadas são apenas as que determinam a entidade que se manifesta. Os banhos de ervas, os amacis, a concentração nos ambientes vibratórios da natureza, a par do ensinamento doutrinário, na base do Evangelho, constituiriam os principais elementos de preparação do médium.* (PEIXOTO, Norberto, 2006, p. 16 a 20)

Por tudo que foi dito, pode-se perceber que a Umbanda é uma religião idealizada no astral, que se serviu de nomes e termos também presentes nos rituais de origem africana, com o intuito de melhor se comunicar inicialmente com as camadas menos favorecidas da população, naquele momento já habituadas ao vocabulário predominante nas macumbas.

Logicamente, a presença de santos católicos também é um traço que já existia nos rituais originários de nação, para burlar a intolerância dos brancos e que, num segundo momento passou a servir como um elemento para também deixar mais à vontade os muitos católicos que frequentemente buscavam consolo espiritual nos terreiros de Umbanda.

Percebe-se claramente que Umbanda não é uma simplificação dos ritos de nação. Na verdade é uma religião com princípios e práticas próprios que, inclusive, guardam profundas diferenças em relação aos ritos tribais, começando por sua teologia e por sua base triangular.

Isso, contudo, é assunto que será tratado de forma detalhada no segundo capítulo deste curso.

Capítulo II

A teologia da Umbanda

2. A TEOLOGIA DA UMBANDA

O termo “teologia” possui um espectro muito amplo de significações, indo muito além da acepção de “estudo da divindade”. Pode abranger o estudo de todo o conjunto de princípios e crenças basilares de uma religião. É nessa acepção que será entendido nas páginas seguintes, onde se buscará analisar de forma criteriosa e racional todos os princípios fundamentais que regem a prática de Umbanda no país.

Falar em teologia de Umbanda é falar sobre um tema controvertido, porque, como já se pontuou anteriormente, não existe unidade na doutrina e isso faz com que exista uma diversidade enorme de cultos e manifestações, muitas vezes antagônicas, todas acontecendo sob o nome de Umbanda.

É certo, contudo, como já foi antes acentuado, que a Lei de Deus é uma só e que Kardec deixou todos os fundamentos da comunicação entre os planos da vida, por isso, esse estudo teológico abraça os conceitos que se encontram em sintonia com a Lei Divina e com os princípios herdados da Codificação Kardekiana.

2.1- Os Fundamentos da Umbanda.

Todo umbandista, se pretende praticar sua fé de forma racional, coerente e livre de superstições e crendices, deve ter como fundamentos, sustentáculos de sua fé que:

- A UNICIDADE DE DEUS É INDISCUTÍVEL – Deus é único, senhor **absoluto** do universo, criador único de todas as coisas, soberano **absoluto** de todos os destinos, por isso não existem “divindades menores”. A palavra “divindade” só pode ser usada no singular para se referir a esse Deus único, Eterno, Onipotente, Onisciente e Onipresente.

- JESUS CRISTO É O PARADIGMA DE EVOLUÇÃO NA TERRA – Jesus é um espírito de altíssima hierarquia que reencarnou na terra em missão, a fim de trazer aos homens as regras de comportamento que conduzem ao aprimoramento espiritual. Viver uma vida em consonância com seu evangelho é um objetivo que se deve perseguir todos os dias. Somente isso poderá trazer luz e evolução no curso das encarnações sucessivas.

- A IGUALDADE DA CRIAÇÃO É EXTERIORIZAÇÃO DA JUSTIÇA DIVINA – Todos os espíritos, em todos os infinitos rincões do universo foram criados em condições idênticas: simples e ignorantes [6], mas dotados de inteligência e de potencial evolutivo, por isso, não há seres superiores desde sempre; os espíritos de alta hierarquia passaram por um processo evolutivo como o que outros passam hoje.

- A MORTE FÍSICA É APENAS UMA TRANSIÇÃO DO ESPÍRITO IMORTAL – Não existe morte. Existe apenas um desencarne, quando o espírito deixa sua provisória roupagem material e retorna ao mundo dos espíritos, onde permanecerá por algum tempo em local compatível com seu grau evolutivo, enquanto aguarda nova oportunidade para prosseguir na Jornada. É importante frisar que o inferno não existe, da mesma forma que não existem as penas eternas. Existem inúmeras moradas na casa do pai e nós estaremos sempre alojados naquela que se encontre adequada a nossas necessidades e potencialidades.

- A MULTIPLICIDADE DAS EXISTÊNCIAS É LEI UNIVERSAL – Todos os seres da criação se submetem a incontáveis encarnações, na terra ou em outros orbes, visando ao aprendizado e ao aprimoramento sendo a evolução fruto do esforço e da conquista pessoal. Só a reencarnação, o aprendizado constante e a superação do carma produzem progresso espiritual.

- A PRÁTICA DO BEM É CONDIÇÃO FUNDAMENTAL DE EVOLUÇÃO – Somente através da solidariedade e da fraternidade irrestritas, conforme ensinado e praticado por Jesus, somos capazes de atingir estágios de consciência que nos habilitem a entender as verdades universais que nos aproximam do Criador e nos distanciam da condição primitiva em que ainda nos encontramos.

- O INTERCÂMBIO ENTRE OS PLANOS DE CONSCIÊNCIA VIVA É UMA REALIDADE INEXORÁVEL – faz- se através da faculdade mediúnica, com o objetivo de propiciar a evolução nos dois planos, através da prática da caridade cristã, do aconselhamento espiritual, da doutrinação de obsessores da troca de fluidos salutares, necessária para o corpo e para o espírito. A Corrente Astral de Umbanda congrega milhões de espíritos agrupados em diversas falanges, especializados em

[6] A palavra ignorante aqui é utilizada no sentido de "desprovido de conhecimentos, aquele que ignora, porque ainda não adquiriu conhecimentos", tal qual as crianças.

> manipulação fluídica, que se manifestam nas casas umbandistas com o objetivo de prestar assistência e auxílio a todos que para lá afluem em busca de socorro espiritual. Cabe lembrar que a roupagem com a qual se apresentam se relaciona diretamente a uma das muitas experiências que tiveram como espíritos encarnados, não necessariamente a última. Outro ponto importante é que estes mesmos irmãos e irmãs podem, dependendo da necessidade e de sua capacidade espiritual, atuar junto a outras colônias e correntes astrais no socorro aos irmãos necessitados, sempre com a permissão do Pai, para o progresso mútuo entre assistidos e assistentes.

Com base nesses fundamentos, pode-se afirmar que viver a Umbanda é acreditar em Deus, amando-O sobre todas as coisas, praticar o amor de modo fraterno, adquirir experiência e aprendizado, no convívio com o próximo e com os mensageiros desencarnados, e construir no dia-a-dia a própria evolução, contribuindo para a evolução dos outros e do planeta, tendo como princípios de ação A HUMILDADE, A SIMPLICIDADE E A PUREZA, lembrando sempre que a **humildade** se pratica pelo sacrifício do orgulho e da vaidade, pela consciência da condição inferior e da necessidade de aprendizado, aperfeiçoamento, caridade e altruísmo; que a **simplicidade** implica no desapego aos caprichos e às necessidades fúteis e artificiais, numa profunda ligação com a natureza e no amor ao trabalho e às virtudes essenciais, no despojamento e desprendimento e que a **pureza** se revela no amor à honestidade, á sinceridade e à verdade, no cultivo das emoções mais simples e mais autênticas, na alegria, na gratidão, na afabilidade, no perdão e na fraternidade.

2.2- Os Arquétipos da Umbanda.

O homem é um ser eminentemente simbólico. A simbologia está presente em todas as atividades humanas, desde as mais corriqueiras, até as mais complexas: uma criança que desenha um coração está expressando afetividade, uma placa de trânsito com a imagem de um adulto segurando uma criança pela mão alerta para a proximidade de uma escola, uma bandeira remete à idéia de nação. A publicidade tem descoberto o poder da linguagem simbólica e se utilizado cada vez mais dessa perspectiva.

Carl Jung, psiquiatra alemão, contemporâneo de Freud, dedicou toda a sua obra ao estudo dessa dimensão semiótica do ser humano. Pertence a ele a descoberta de que a humanidade por força de sua experiência acumulada através das eras, produziu símbolos complexos para representar algumas particularidades comuns a todas as culturas, em todas as

épocas e que se encontram guardadas no que ele chamou de inconsciente coletivo. A esses símbolos ele chamou “arquétipos”.

A Umbanda renasceu no Brasil com a missão de ser uma religião universalista, que abrigaria indistintamente a todos que a ela recorressem. Por essa razão ela é uma religião fundada em inúmeros simbolismos. Na verdade, é uma religião arquetípica, a começar pela representação de seus princípios de ação.

Existem em Umbanda três formas estruturais principais, sob as quais as entidades se apresentam nos trabalhos: Preto Velho, Caboclo e Criança. Essas formas, embora não sejam as únicas, são as mais importantes, pois de sua vibração surge o triângulo fluídico de sustentação do movimento. Sobre essa questão, Ramatis fala muito claramente, através da mediunidade de Norberto Peixoto em **Umbanda Pé no Chão:**

> “Por exemplo: As formas de apresentação dos espíritos que se classificam como exus são as mais diversas possíveis, descartando-se a imposição de que somente caboclos, pretos velhos e crianças são ‘entidades de umbanda’, embora reconheçamos que são as principais, sem desmerecer nenhuma outra ou dar uma conotação de superioridade sobre as demais, pois sabemos que formam uma espécie de triangulo fluídico que sustenta o movimento do astral para a Terra.” (PEIXOTO, 2008 p.23)

Tais formas, além de fundamentais na sustentação, são também arquétipos da própria filosofia do movimento umbandista, conforme se verá em seguida.

2.2.1- O arquétipo Preto Velho.

Em todas as culturas a figura do ancião, arqueado pelo peso dos anos e das experiências, está ligada à idéia de sabedoria. É o arquétipo do “velho sábio”, na psicologia de Jung.

Além disso, a figura do velho escravo representa aquele que sofreu dores e humilhações sem se revoltar e, por isso, atingiu a redenção, superando as más tendências, o orgulho, a vaidade e a cólera.

O arquétipo preto velho representa, portanto, a HUMILDADE temperada com enorme sabedoria. É a figura do velho escravo, paciente e dócil, a quem todos têm coragem de expor suas dores, suas dificuldades, sem se sentirem intimidados ou diminuídos. É o espírito que, embora se encontre num grau elevadíssimo da escala espiritual, apresenta-se numa roupagem despojada, inspirando confiança e semeando conselhos úteis, promovendo a cura das mazelas espirituais, auxiliando o consulente no caminho da paz e da harmonia.

2.2.2- O arquétipo Caboclo.

A figura do Caboclo representa o homem em perfeita harmonia com a natureza, retirando dela tudo o de que necessita, sem excessos.

A vida frugal do indígena é um símbolo do desapego aos bens materiais desnecessários, afinal o índio vive de uma forma absolutamente simples, não se preocupa em vestir-se com esmero desnecessário, nem em acumular bens, nem em viver em palácios para satisfazer seu orgulho e sua vaidade.

Retira da natureza o alimento, a vestimenta, o abrigo e o remédio, sempre na medida do necessário, demonstrando-se sempre muito feliz e realizado com essa condição.

O arquétipo caboclo representa, então, a SIMPLICIDADE, vinculada à harmonia com a natureza, à manipulação das ervas e à cura dos males físicos pelos princípios ativos que a mãe Terra disponibiliza.

2.2.3- O arquétipo Criança.

Em qualquer cultura a figura da criança inspira afetividade, alegria, doçura, paz interior, alegria de viver. Além disso, a criança também é um símbolo de sinceridade e honestidade, sem as quais não é possível existir verdadeira fraternidade.

Todas essas virtudes só podem existir simultaneamente em um coração verdadeiramente puro, como a figura do coração infantil, ainda isento da maldade do mundo, por isso, o arquétipo criança representa a PUREZA.

Contudo, apesar da aparência frágil, as entidades que se apresentam sob essa forma são capazes de atuar em qualquer tipo de trabalho, pois são detentores de grande força espiritual. É comum se encerrarem os trabalhos com a incorporação de crianças, pois elas são excepcionais na limpeza do ambiente, deixando no ar uma aura de alegria e de paz, após um trabalho pesado em que se diluiu muita tristeza, dor e sofrimento.

Tradicionalmente essas são as três formas consideradas como arquétipos fundamentais da Umbanda, quanto a isso não há divergência, entretanto existem outras formas de apresentação que são tidas por Ramatis como em igualdade hierárquica com as primeiras e por outros autores como subplanos hierárquicos das formas básicas. Sobre isso, é interessante observar o que diz Victor Rebelo em artigo intitulado **A Origem da Umbanda**, publicado no site da **Revista Cristã de Espiritismo**

> *"Os mentores espirituais, quando baixam no terreiro, fazem-no através de três formas básicas, arquetípicas, de apresentação. Essas três formas são as de caboclo, preto-velho e criança. Todos os mentores espirituais de nossa Umbanda, como seres espirituais desencarnados, podem transformar ou modificar o corpo astral (também conhecido como perispírito, psicossoma etc.), segundo suas vontades. É devido a essa transformação ou modificação do corpo astral que muitas entidades que baixam em nossos terreiros se apresentam como caboclos (índios), pretos velhos e crianças. Com isto, estamos afirmando que toda Entidade que baixa na Umbanda, de acordo com a Tradição de Síntese, ou é caboclo, ou é preto-velho, ou é criança. Além deles, temos os exus e pombas giras, serventia desses orixás menores. Na grande maioria dos templos umbandistas, mais populares, encontramos entidades que se manifestam através de outras roupagens fluídicas, sustentando egrégoras afins, tais como a linha dos baianos, boiadeiros, marinheiros, ciganos e a linha do Oriente. Na verdade, são sub-planos dentro da hierarquia umbandista, falanges de espíritos que atuam em nome dos orixás menores: criança, caboclo e preto velho."* (REBELO, 2008)

Além disso, como bem se vê, ainda é possível falar num quarto arquétipo fundamental: o Exu. Sabe-se da grande importância que os exus possuem dentro da Umbanda, chegando ao ponto de alguns autores afirmarem que "não existe Umbanda sem exu".

Entidade controvertida, muito ainda se falará sobre ele no decorrer desse curso, mas cabe ressaltar a princípio que a importância de exu se liga ao fato de ser ele um guardião, um mensageiro dos orixás e um "agente mágico". Vale observar o que sobre ele diz Ramatis em **A Missão da Umbanda:**

> *"Exu é o princípio do movimento, aquele que tudo transforma, que não respeita limites, pois atua no ilimitado, liberto da temporalidade humana e da transitoriedade da matéria, interferindo em todos os entrecruzamentos vibratórios existentes entre os diversos planos do Universo. Por isso, exu é considerado o mensageiro dos planos ocultos, dos orixás, sendo o que leva e traz, o que abre e fecha, nada se fazendo sem ele na magia."* (PEIXOTO, 2006: p. 70/71)

O arquétipo Exu simboliza, portanto, o lado também mais controvertido da Umbanda: a magia. Essa, que para muitos é a grande fonte de atrativo da doutrina, para outros é a principal fonte de preconceito. Afinal, existe magia? Se existe, o que é? Se não existe, por que se continua a falar dela?

É impossível tentar conduzir um estudo sério sobre a filosofia umbandista, sem se deter sobre esse assunto, sobre o qual é preciso tratar de forma objetiva, clara e isenta de paixões ou preconceitos de qualquer espécie, analisando tudo á luz da razão e dos ensinamentos da espiritualidade superior.

2.3- A Magia da Umbanda.

Todos os livros especializados em Umbanda possuem capítulos inteiros dedicados à magia. Na verdade, existem livros inteiros dedicados a essa prática. Entre os próprios adeptos

existem muitos que permanecem na Umbanda, devido à possibilidade de aprender e praticar magia. É a atração do ocultismo, o desejo de fazer prodígios que os outros não fazem e de possuir um poder que os outros não possuem.

Diante disso, é imprescindível observar o que dizem sobre o assunto as obras que foram tomadas como referência para o esclarecimento das controvérsias. Veja-se, então, o que fala **O Livro dos Espíritos**:

> *"552. Que pensar da crença no poder de enfeitiçar que certas pessoas teriam?*
> *- Algumas pessoas têm um poder magnético muito grande, do qual podem fazer mau uso se o seu próprio Espírito for mau. Nesse caso poderão ser secundadas por maus Espíritos. Mas não acrediteis nesse pretenso poder mágico que só existe na imaginação das pessoas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras leis da Natureza. Os fatos que citam são fatos naturais mal observados e sobretudo mal compreendidos."* (KARDEC, 1998 p. 201/202) (grifo nosso)

Seguindo a mesma linha, vamos encontrar referência igualmente segura nas palavras de Ramatis no livro **Umbanda Pé no Chão** :

> *"Temos de liberar o ato magístico da conotação de misticismo fantástico, de mistério fenomênico, de algo sobrenatural. Toda ação de magia se baseia em leis da natureza e delas não se consegue prescindir. Umbanda é essencialmente magística e toda a sua magia tem por finalidade o bem do próximo."* (PEIXOTO, 2008 p. 55)

Fica inequívoco que magia não existe de fato. O que verdadeiramente existe é a manipulação de energias naturais, trabalhadas com o objetivo de se atingir uma certa finalidade e, em se tratando de Umbanda, essa finalidade será sempre o bem do próximo.

Mas, então, por que tantos ainda acreditam que Umbanda faz magia? Por que se fala tanto em magia branca, magia negra, enfim, em magia de modo geral? Para entender é preciso retomar a perspectiva histórica:

2.3.1- A origem da idéia de magia.

Nos primórdios do planeta, os ancestrais da humanidade (provavelmente nós mesmos), ainda completamente ignorantes, incapazes de compreender os fenômenos da natureza, acreditavam que tais fenômenos provinham de alguma origem mágica, sobrenatural. Por essa razão, muitos povos cultuavam como divindades, o sol, a lua, o vento, o fogo, alguns animais, enfim, tudo aquilo que eles não podiam explicar de modo racional, em razão de ainda desconhecerem as leis da natureza e os princípios da Física, da Química, da Astronomia e das demais ciências que só vieram à luz gradativamente através dos séculos e do esforço intelectual da própria espécie na senda da evolução.

Como já se falou no capítulo 1, os *capelinos*, ao chegarem degredados, trouxeram em sua memória espiritual os conhecimentos científicos de manipulação de energias sutis e gradativamente foram praticando essa ciência aqui, em seu novo lar. Os primitivos, incapazes de compreender a natureza científica daquelas práticas, acabaram entendendo-as como magia.[7]

Essa crença em magia contaminou todas as civilizações da antiguidade, havendo registros desse fato entre os egípcios, cuja religião era eminentemente mágica; entre os assírios, onde a astrologia era tida em grande conta e os sacerdotes eram conselheiros do imperador; entre os babilônios e persas, onde os magos tinham lugar de destaque, tanto na religião, como na vida política do país e, inclusive entre os hebreus – o povo escolhido segundo a tradição bíblica – cujas práticas ditas "mágicas" levaram Moisés a produzir sérias proibições na Lei, contra as invocações e as consultas a videntes.

Na Era Clássica, a religião de gregos e romanos possuía um forte componente mágico, fundada no mito e nas crendices, postulava deuses convivendo promiscuamente entre os mortais, recebendo oferendas e trocando favores. É curioso que mesmo entre um povo pragmático como o romano, houvesse um espaço tão grande para a magia, mas a verdade é que os oráculos estavam presentes no dia-a-dia, assim como as feiticeiras, os amuletos e os encantamentos.

Após a queda do Império Romano, todas as tribos bárbaras que se estabeleceram nas antigas províncias imperiais mantiveram seu feiticeiro ou feiticeira. Alguns povos, como os celtas possuíam uma religião rica em rituais de magia e em intercâmbio com seres desencarnados. As crenças mágicas estimularam a idéia de que era possível tornar chumbo em ouro e a alquimia se disseminou entre todas as culturas, propiciando, séculos depois, o surgimento da ciência química. A gradativa cristianização das tribos provocou o contraste entre o Cristianismo e as crenças primitivas, acentuando o sentimento de intolerância da Igreja que culminou na criação da inquisição que levou milhares, talvez milhões de pessoas à fogueira sob a acusação de bruxaria. O caso de Joana D'Arc é o mais conhecido.

Apesar de toda a repressão da Igreja, a magia, tachada de bruxaria, foi uma realidade inquestionável em todo o continente europeu ao longo de toda a Idade Média, de Portugal à Rússia, da Noruega à Grécia, todos os povos que habitavam o continente possuíam suas crenças místicas e praticavam rituais diversos voltados para o sobrenatural, para a prática de

---

[7] Exemplo histórico mais recente disso pode ser encontrado na história do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, que, para amedrontar os índios, ateou fogo em um recipiente de aguardente. Desconhecendo o álcool, os indígenas pensaram que Bartolomeu podia atear fogo na água e passaram a enxergar nele um ser sobrenatural, um mago.

encantamentos e de intercâmbio com o outro plano da vida.

Veio o Século XVI e a conquista da América propiciou a interação do branco europeu com o elemento indígena americano. Esse indígena também possuía em suas culturas a prática de magia que se encontrava incorporada em sua religião. A disseminação das práticas mágicas gerou, por força da intolerância religiosa, mais uma vez, uma verdadeira caça às bruxas, da qual a cidade de Salém, nos Estados Unidos se tornou um símbolo, devido ao sacrifício de milhares, principalmente de mulheres ao longo do Século XVII.

A chegada do escravo negro produziu a interação das práticas mágicas de três raças e o continente se converteu em solo fértil para a magia, com o xamanismo na América do Norte, o vodu no Caribe e as macumbas no Brasil.

Cabe ressaltar que este enredo fez parte de um longo processo relacionado com questões de dominação não só religiosa, mas também política e econômica. A visão dos vencedores negou quaisquer vozes aos vencidos, relegando praticamente todas as suas práticas (científicas e médicas entre elas) como atividades inferiores. Muitas sequer tiveram espaço como referência em bibliotecas. Foram simplesmente aniquiladas pelas labaredas.

Claro que algumas (primitivas) delas possivelmente seriam substituídas por outras mais elevadas, com o decorrer da evolução de seus espíritos. Prova disso são as diversas buscas que a ciência ocidental faz ao passado e às "ciências inferiores". Exemplo disso está na disseminação da Acupuntura, entre outros.

2.3.2- A verdade sobre a magia.

É de se considerar que uma tal crença não permaneceria viva ao longo de tanto tempo e em tantos lugares tão distantes e simultaneamente, se não houvesse algo de verdadeiro por trás do mito. Na verdade, o que se praticou ao longo de milênios foi um arremedo do conhecimento manipulatório trazido pelos capelinos e cultivado de modo imperfeito ao longo dos tempos.

Na verdade, o que se convencionou chamar de magia, é conhecimento científico de manipulação de fluidos e energias sutis, de energia cósmica, espiritual. Um conhecimento que a ciência terrena ainda não logrou sistematizar, mas que vai aos poucos começando a conhecer. Chegará o dia em que a crença em magia desaparecerá, porque o homem entenderá que o que se pensava ser magia era, na verdade, tão só e simplesmente ciência.

A Corrente Astral de Umbanda congrega em suas fileiras, alguns milhões de espíritos que são profundos conhecedores dessa ciência, grandes manipuladores de energia espiritual,

verdadeiros cientistas do astral que se servem de seus conhecimentos para a prática da caridade cristã e para frear o uso desse mesmo conhecimento para a consecução de objetivos espúrios, como pretende o astral inferior. Não existe, portanto, magia branca ou magia negra. Não existe, portanto, magia. Existe ciência que pode ser usada para a prática do bem ou para a do mal. Quem trabalha na Umbanda utiliza essa ciência para a prática do bem e não existe meio termo para isso: ou se faz unicamente o bem, ou não se está trabalhando nas fileiras da Umbanda.

Posteriormente, este estudo terá um capítulo inteiro dedicado somente ao componente magístico da Umbanda, onde se explicarão de modo detalhado e sistemático, as principais práticas, sua razão de ser, seus efeitos e o perigo de se usá-los de modo indiscriminado e incorreto.

2.4- As Vibrações de Deus e as Sete Linhas de Umbanda.

Quem quer que freqüente ou já tenha freqüentado um terreiro de Umbanda já ouviu alguma alusão às sete linhas, pois o conceito é conhecido e difundido em todas as casas umbandistas do país.

Apesar desse aparente consenso, provavelmente não exista nada mais heterogêneo e polêmico dentro da teologia umbandista. Mais uma vez, paga-se o preço pela ausência de uma codificação que unifique os artigos de fé.

O mesmo problema ocorre em relação aos orixás: nos cultos africanos, como a herança original do conhecimento das verdades cósmicas havia sido bastante deturpado com o passar dos séculos, cultuavam-se orixás como sendo deuses, personificados na figura de antepassados que tiveram grande importância na história de uma determinada nação.

Muitos terreiros de Umbanda, ainda hoje, incorrem nesse mesmo equívoco, cultuando orixás personificados, por desconhecimento das leis cósmicas que regem toda a doutrina umbandista.

Deus vibra incessantemente, distribuindo sua vontade soberana sobre todo o Universo. As vibrações de Deus são poderosas ondas eletromagnéticas. A princípio, tais ondas são geradas em sete freqüências básicas, as quais se chamará as sete vibrações originais do Criador. Tais vibrações são denominadas Orixás. Através dessas vibrações, ele preserva a harmonia, a ordem universal conforme sua vontade.

Orixás, portanto, são vibrações emanadas diretamente do criador. Necessário se faz que se entenda que não são divindades, não são seres, não são individualidades – da mesma

forma que Deus não é um indivíduo – são emanações provindas diretamente de Deus, em sua tarefa de governar o Universo. A esse respeito, recorra-se ao depoimento de Ramatis em **Umbanda Pé no Chão**: *"Os orixás são aspectos da Divindade, altas vibrações cósmicas que se rebaixam até nós, propiciando a apresentação da vida em todo o Universo"* (PEIXOTO, 2008 p. 64). Existem orbes habitados por espíritos perfeitos, onde as vibrações de Deus (orixás) são recebidas diretamente pelos habitantes que se encontram em sintonia plena com o Criador. Isso se dá nos chamados mundos perfeitos, citados por Kardec em **O Livro dos Espíritos**.

Em mundos imperfeitos, contudo, onde os habitantes são ainda muito pouco evoluídos para manterem esse contato direto com as vibrações emanadas diretamente de Deus, existem espíritos de alta hierarquia espiritual empenhados no trabalho de administração do orbe, trabalhando continuamente como intermediários do Senhor do Universo, para preservar a harmonia desses mundos. Tais entidades se organizam, produzindo um movimento que tem por missão produzir um rebaixamento vibratório da emanação original, fazendo com que essas energias sejam plenamente assimiladas pelos habitantes do mundo que se propõem a ajudar. São, portanto, intérpretes, administradores da vontade divina, atuando na natureza e mantendo intercâmbio com os encarnados na condição de mensageiros da Divindade.

Essa é a tarefa, a missão da Corrente Astral de Umbanda, no que diz respeito à Terra e seus habitantes. Convém conferir o que diz a esse respeito Ramatis em **A Missão da Umbanda:**

> *"A umbanda é importante meio de rebaixamento vibracional das energias do Cristo Cósmico. Serve como condensadora energética para os mundos das formas (mental, astral e etérico)aos espíritos de alta hierarquia espiritual que almejam que o Cristo esteja desperto em cada um dos terrícolas: Jesus, Maitreya, Buda, Krishna, e outros Maiorais comprometidos com a evolução crística planetária. Eles direcionam essas vibrações do espaço que envolve o orbe, enfeixando-as no triângulo fluídico plasmado no Astral superior e que sustenta o movimento umbandista no plano físico."* (PEIXOTO, 2006 p. 174)

Por isso, fica claro que quando se fala em "mensageiros de Umbanda" está-se proferindo uma verdade inquestionável: os abnegados irmãos que vêm até o terreiro nas sessões ou giras, são realmente mensageiros da vontade de Deus.

2.4.1- Por que sete linhas?

Por se tratar de um movimento altamente organizado, a Corrente Astral de Umbanda conta com espíritos especializados em determinados tipos de trabalho, cada um atuando

dentro da faixa de sintonia da vibração original (orixá) com que esteja mais afinizado. Como as vibrações originais são sete, sete também são as linhas de Umbanda. O famoso autor W. W. da Matta e Silva em seu livro **Umbanda de Todos Nós** assim sentencia: *"Isso tudo bem compreendido, começamos por afirmar que SETE são realmente as LINHAS DA LEI DE UMBANDA, porque o 7 sempre foi, é e será cabalístico."* (SILVA, 2009 p. 92).

Portanto, cada linha de Umbanda corresponde a uma das sete vibrações originais. As linhas são organizadas e hierarquizadas, por isso, no topo da escala, no comando de todos os milhares de espíritos que compõem uma linha, existe um espírito de altíssima hierarquia, a que se convencionou chamar de Orixá Maior. Isso não significa uma personificação do orixá, apenas se identifica o comandante de uma linha pelo termo orixá, que é a própria vibração. Trata-se de uma metonímia.

Sucede que cada uma dessas vibrações possui espectros intermediários ou subvibrações que também contam com espíritos especializados trabalhando. No comando de cada uma dessas sublinhas ou legiões há um espírito, também de alta hierarquia, conhecido como orixá menor.

Grande parte da confusão com relação ao nome das linhas de Umbanda vem do fato de que devido à falta de esclarecimento, orixás maiores e menores foram tomados no mesmo grau de escala e os mais presentes e atuantes passaram a ser cultuados de forma autônoma nos terreiros, o que fez surgirem inúmeras linhas imaginárias. Excelente esclarecimento sobre isso nos é prestado por Diamantino Fernandes Trindade, Ronaldo Antônio Linares e Wagner Veneziani Costa, no livro **Os Orixás na Umbanda e no Candomblé**:

> *"De todos os assuntos discutidos na Umbanda, certamente o que mais provoca controvérsias é o das inúmeras linhas, ou mais propriamente 'pseudolinhas' de Umbanda que, via de regra, encontramos nos mais diferentes terreiros.*
> *Uma pesquisa realizada junto a um grupo de 48 alunos do Curso de Formação de Sacerdotes de umbanda, da Federação Umbandista do Grande ABC, revelou que, no cômputo geral, esses alunos conheciam 33 linhas de Umbanda.*
> *Erroneamente costuma-se chamar linha de Umbanda toda e qualquer manifestação espiritual. Determinadas pessoas costumam enquadrar espíritos que em vida pertenceram a determinadas categorias profissionais ou viveram em determinadas regiões como pertencentes a uma certa linha de Umbanda. Exemplos disso são as 'linhas' de baianos e de boiadeiros.*
> *Existem ainda os que consideram as mil e uma subdivisões existentes em uma mesma linha como sendo também uma linha de Umbanda . como exemplo podemos citar a linha de Oxóssi e as 'pseudolinhas' correspondentes tais como: linha das matas, linha de Pena Branca, linha de Jurema, etc."* (TRINDADE, LINARES e COSTA, 2008 p.42)

Diante da controvérsia e da falta de unidade em relação ao assunto, preferiu-se pautar a classificação dada neste curso pelo entendimento esposado por W. W. da Matta e Silva (SILVA, 2009) e também por Ramatis (PEIXOTO, 2006) que convergem em assim classificar

as sete linhas de Umbanda:

- 1ª – Linha de Oxalá;
- 2ª – Linha de Yemanjá;
- 3ª – Linha de Xangô;
- 4ª – Linha de Ogum;
- 5ª – Linha de Oxossi;
- 6ª – Linha de Yori;
- 7ª – Linha de Yorimá.

Na junção de formas de apresentação e linhas, deve-se destacar que as linhas de Oxalá, Yemanjá, Xangô, Ogum e Oxóssi são compostas por Caboclos; a linha de Yori é formada por Crianças e a linha de Yorimá é formada por Pretos Velhos. Cumpre destacar que não existe hierarquia entre as linhas, mas existe forte hierarquia dentro de cada linha.

Para uma melhor compreensão dessa hierarquia, entenda-se que o comando de cada linha é entregue a uma única entidade de elevadíssima hierarquia espiritual, o orixá maior, identificado pelo próprio nome da linha. Esse orixá maior possui sete subordinados diretos, ou sete chefes de legião, chamados orixás menores [8]. A esse respeito vale observar a exposição de W.W. da Matta e Silva: *"Vamos começar, portanto, demonstrando que SETE são realmente as Vibrações Originais ou Linhas e de SETE em SETE são os Orixás de cada uma."* (SILVA, 2009 p. 89) Sobre o mesmo assunto é igualmente importante registrar o esclarecimento preciso e inconteste de Ramatis:

> *"É importante realçar que cada hierarquia, ou raio cósmico, ou orixá, tem sete subdivisões ou subplanos dimensionais, e assim sucessivamente como uma multiplicidade de orixás menores. Estes de manifestam com uma série de cores e sons, em que uma cor ou som peculiar prepondera em intensidade sobre os demais..."*(PEIXOTO, 2006 p. 180)

Uma provável explicação para isso está no fato de que a vontade do criador expressa

[8] É importante observar que essa hierarquização é questionada por alguns autores que não a aceitam e aqui podemos destacar Trindade, Linares e Costa cujo entendimento a respeito transcrevemos: "Na realidade, as linhas de Umbanda são apenas sete e, absolutamente, não comportam um universo quadrado com subdivisões exatas de sete em sete, como pretendem alguns autores que, esquecendo ou desconhecendo o papel importante desempenhado por Zélio de Moraes e pelo seu guia espiritual, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, perdem-se em meio a um mundo de desinformações, quando na verdade basta fazer um estudo de mente aberta sobre as raízes da Umbanda, como culto de terreiro, para ver então que existe uma lógica impressionante, um crescendo notável, que, envolvendo os diferentes aspectos da existência humana, vai do nascimento à morte, do romper da aurora ao pôr-do-sol." (op.cit. p. 42/43)

nas sete vibrações originais deve estar direcionada para um número muito grande de funções específicas, expressas em subvibrações de freqüência intermediária entre uma e outra vibração original. Assim, os trabalhadores da Corrente Astral de Umbanda se organizam de forma especializada, atuando cada um num setor em que seja mais experiente ou detenha maior conhecimento, sintonizado com a freqüência específica para aquele tipo de trabalho.

2.4.2- A hierarquia das linhas.

Seja como for, é importante que se entenda a hierarquia das sete linhas, a fim de que, nos trabalhos práticos, se tenha consciência de quem são aqueles irmãos dedicados e abnegados que comparecem, quando chamados, a fim de fazer a caridade.

É sempre bom lembrar que os espíritos que se encontram na condição de orixás maiores são entidades missionárias, de padrão evolutivo muito elevado e que não reencarnam mais de modo compulsório na terra. Por isso, foram ao longo dos tempos confundidos com verdadeiras divindades, o que não são. São de fato irmãos nossos, com mais tempo de estrada e com muito mais merecimento na superação das provas, libertos do carma e gozando a condição de espíritos puros. São verdadeiros governadores siderais que já alcançaram a condição de auxiliares de Deus, mas não são deuses. Nunca é demais relembrar que a Umbanda é uma religião MONOTEÍSTA.

Para entender a hierarquia das diversas linhas, observe-se a tabela a seguir, lembrando que a hierarquia é a mesma em todas as linhas.

Tabela 1 – Hierarquia das linhas de Umbanda.

GRAU	POSTO	QUANTIDADE
1º Grau	Orixá maior. Chefe de toda a linha	1
2º Grau	Chefe de Legião, ou Orixá menor.	7
3º Grau	Chefe de Falange, ou Orixá menor	49
4º Grau	Chefe de Grupamento	343
5º Grau	Guia	2.401
6º Grau	Protetor	16.807
7º Grau	Obreiro	117.649

Considerando o grau de evolução espiritual dos encarnados do planeta, o mais comum é que nos terreiros se trabalhe com entidades do 6º e 7º graus, uma vez que a incorporação de entidades superiores a essas hierarquias exige muita preparação por parte dos médiuns.

Contudo, independentemente do grau hierárquico da entidade manifestante, ela jamais se apresentará arrogante, ou se atribuindo ares superiores. Caso isso aconteça, pode-se ter certeza de que não se trata de uma entidade de Umbanda, pois seria incompatível com a organização que tem por divisa "humildade, simplicidade e pureza".

Dito isso, resta então passar ao estudo de cada uma das linhas, com suas particularidades.

Para melhor entendimento desse estudo, convém recorrer ao ensinamento de Ramatis:

> *"Cada um dos orixás tem peculiaridades e correspondências próprias na Terra: cor, som, mineral, planeta regente, elemento, signo zodiacal, essências, ervas, entre outras afinidades astro-magnéticas que fundamentam a magia na umbanda por linha vibratória."* (PEIXOTO, 2008 p. 64)

É com base nisso que se estudarão as características de cada linha, salientando que todas as orientações contidas nas páginas a seguir estão baseadas nos ensinamentos de Ramatis, através das obras citadas nesse estudo e nos de W. W. da Matta e Silva, através da obra **Umbanda de Todos Nós.**

2.4.3- A linha de Oxalá.

Essa linha tem como atributos a fortaleza e a paciência. É responsável por estabelecer a ligação com a espiritualidade e conduzir ao despertar da fé, à religação com o Cristo interno de cada um.

Cor: branco.
Planeta regido: Sol.
Domínio na natureza: o espaço sideral.
Domínio na vida: saúde, progresso, paz e alimentação.
Mineral: diamante, quartzo incolor, topázio imperial e citrino.
Signo regido: leão.
Ervas: arruda, manjericão, hortelã, alecrim, laranjeira, poejo e erva-cidreira.
Flor: girassol e jasmim.
Dia da semana: domingo
Nota musical: mi
SAUDAÇÃO A OXALÁ: ***EPA BABÁ, OXALÁ!***

É uma linha de caboclos. Seus sete chefes de legião são: Caboclo Urubatão da Guia,

Caboclo Ubirajara, Caboclo Ubiratan, Caboclo Aymoré, Caboclo Guaracy, Caboclo Guarany, Caboclo Tupy.

2.4.4- A linha de Yemanjá.

Essa linha tem como atributos o respeito e o amor. Ligada ao feminino universal é responsável pela geração da vida, estimulando o amor maternal em todos os seus filhos. Sua ligação principal é com a água, considerada fonte da vida orgânica. Seus sítios vibracionais são os mares, os oceanos, os lagos, os rios, enfim, todos os redutos de água salgada e doce.

Cor: Azul-escuro.
Planeta regido: Lua.
Domínio na natureza: Água do mar
Domínio na vida: a maternidade, a fertilidade.
Minerais: ametista, quartzo rosa, pedra da lua, ágata rosa e amarela, pérola e água-marinha
Metal: prata.
Signo regente: câncer
Ervas: lágrima-de-Nossa-Senhora, pata-de-vaca, açucena, picão-do-mato, oriri, mastruz, chapéu-de-couro.
Flor: rosa branca.
Dia da semana: segunda-feira.
Nota musical: si.
SAUDAÇÃO A YEMANJÁ: ***ODO-FE-IABÁ!***

É uma linha de caboclas. Suas sete chefes de legião são: Cabocla Yara ou Mãe D'Água, Cabocla Indayá, Cabocla Nanã Buruquê, Cabocla Estrela do Mar, Cabocla Oxum, Cabocla Inhaçã, Cabocla Sereia do Mar.

Obs.: Os Orixás menores Oxum, Inhaçã e Nanã Buruquê, devido a vários fatores, dentre os quais se pode destacar a freqüência com que se manifestam nos terreiros, recebem saudação em separado, contudo estão enfeixadas na vibração de Yemanjá. Devido a essa deferência, e por se entender que nada de mal existe em se saudarem os orixás menores e considerando que já é uma tradição da Umbanda, seguem os traços característicos dessas vibrações:

Oxum:

Cor: azul-claro.

Planeta regido: Lua

Domínio na natureza: água doce (rios, cachoeiras)

Domínio na vida: amor, fertilidade, gestação e parto.

Metal: ouro

Ervas: camomila, erva-doce, colônia, coentro, gengibre, melão e erva de Santa Maria.

Flor: palmas e rosas brancas.

Dia da semana: segunda-feira

SAUDAÇÃO A OXUM: ***AIÊ-IEU, MAMÃE OXUM!***

Inhaçã:

Cor: amarelo.

Planeta regido: Lua

Domínio na natureza: os ventos, as tempestades e a morte.

Domínio na vida: a perseverança, a determinação.

Metal: cobre.

Ervas: folha de bambu, dormideira, anil, erva de Santa Bárbara, malmequer, para-raio e louro

Flor: palmas e rosas amarelas.

Dia da semana: quinta-feira.

SAUDAÇÃO A INHAÇÃ: ***EPARREI IANSÃ!***

Nanã Buruquê:

Cor: lilás.

Planeta regido: Lua

Domínio na natureza: pântanos e lagoas.

Domínio na vida: vida, saúde e morte.

Metal: chumbo.

Ervas: manacá, avenca, cedrinho, mostarda, agrião, quaresma e cipreste.

Flor: rosas vermelhas.

Dia da semana: sábado.

SAUDAÇÃO A NANÃ: ***SALUBA NANÃ!***

2.4.5- A linha de Xangô.

Essa linha tem como atributos a sabedoria e a prudência; a compreensão da cadeia de ações e reações que geram relações de causa e consequência e enformam o nosso equilíbrio cármico. È, por isso mesmo, considerada a linha da justiça.

Cor: marrom
Planeta regido: Júpiter.
Domínio na natureza: as pedreiras, os raios e trovões.
Domínio na vida: a justiça, o equilíbrio.
Minerais: Topázio, turmalina verde-claro, esmeralda, amazonita, quartzo verde e ametista.
Metal: estanho.
Signos regidos: sagitário/peixes
Ervas: folhas de café, folhas de limoeiro, quebra-pedra, erva-moura, aperta-ruão, erva-de-são-joão e folhas de goiabeira.
Flor: lírio branco.
Dia da semana: quinta-feira.
Nota musical: sol.
SAUDAÇÃO A XANGÔ: ***KAÔ-KABECILÊ!***

É uma linha de caboclos. Seus sete chefes de legião são: Caboclo Xangô-Kaô, Caboclo Xangô Sete Montanhas, Caboclo Xangô Sete Pedreiras, Caboclo Xangô da Pedra Preta, Caboclo Xangô da Pedra Branca, Caboclo Xangô Sete Cachoeiras, Caboclo Xangô Agodô.

2.4.6- A linha de Ogum.

Os atributos dessa linha são a vontade e a vitória, a energia propulsora da conquista, o impulso da ação e do poder da vontade e da fé. É a força daquele que está à frente, por isso é considerada a linha dos caminhos abertos. É a vida em sua plenitude, o poder do sangue que corre nas veias.

Cor: vermelho.
Planeta regido: Marte.
Domínios na natureza: os caminhos e as guerras.

Domínios na vida: a vontade, a coragem, a luta, o desejo de conquistar e alcançar.
Minerais: rubi, hematita, ágata vermelha, ametista, granada, quartzo fumê e água-marinha.
Metal: ferro.
Signos regidos: áries e escorpião.
Ervas: espada de Ogum, losna, folha de romã, carqueja, jurubeba, comigo-ninguém-pode e macaé.
Flor: cravo vermelho.
Dia da semana: terça-feira.
Nota musical: fá.
SAUDAÇÃO A OGUM: PATACURI OGUM, ***OGUM-IÊ, MEU PAI!***

É uma linha de caboclos. Seus sete chefes de legião são: Caboclo Ogum de Lei, Caboclo Ogum Yara, Caboclo Ogum Megê, Caboclo Ogum Rompe-Mato, Caboclo Ogum Malê, Caboclo Ogum Beira-Mar, Caboclo Ogum Matinata.

2.4.7- A linha de Oxóssi.

Os atributos dessa linha são a nutrição, a energia vital e o equilíbrio fisiológico, além do crescimento, e da renovação. Pela associação com o índio caçador, Oxóssi é tido como o caçador de almas. Seus pontos marcantes são a fartura a riqueza e a liberdade de expressão.

Cor: verde.
Planeta regido: Vênus.
Domínios na natureza: matas, animais silvestres e agricultura
Domínios na vida: saúde, energia vital, nutrição, equilíbrio físico, religiosidade
Minerais: lápis-lazúli, quartzo rosa, turmalina rosa, safira, sodalita, azurita, safira quartzo azul cianita e kunzita.
Metal: cobre.
Signos regidos: touro e libra.
Ervas: funcho, aroeira, malva rosa, gervão roxo, cipó caboclo, mil folhas e sete sangrias
Flor: Palmas.
Dia da semana: sexta-feira.
Nota musical: ré.
SAUDAÇÃO A OXÓSSI: ***OKÊ BAMBE OCLIM!***

É uma linha de caboclos. Seus sete chefes de legião são: Caboclo Arranca-Toco, Cabocla Jurema, Caboclo Araribóia, Caboclo Guiné, Caboclo Arruda, Caboclo Pena Branca, Caboclo Cobra Coral.

2.4.8- A linha de Yori.

Os atributos dessa linha são a alegria contagiante, a pureza, a ingenuidade, mas também a grande força espiritual oriunda dessas entidades, além da sinceridade e das verdades ditas de forma clara.

Cor: rosa.

Planeta regido: Mercúrio.

Domínios na natureza: energia etérica.

Domínios na vida: amor, parto e infância.

Minerais: esmeralda, granada, ágata vermelha, turquesa, safira, rubi, amazonita, e turmalina vermelha.

Metal: mercúrio.

Signos regidos: gêmeos e virgem.

Ervas: amoreira, abre-caminho, capim-limão, alfazema, verbena, salsaparrilha e morangueiro.

Flor: crisântemo branco.

Dia da semana: quarta-feira.

Nota musical: dó.

SAUDAÇÃO A YORI: ***ONI, BEIJADA!***

É uma linha de crianças. Seus sete chefes de legião são: Tupanzinho, Ori, Yariri, Doum, Yari, Damião e Cosme.

2.4.9- A linha de Yorimá.

Os atributos dessa linha são a doutrinação e a filosofia, além da magia em sua forma mais pura e eficiente. Experiência, paciência, virtude, tolerância, amor ao próximo, humildade e sabedoria. Tudo a serviço de combater o mal.

Cor: violeta.

Planeta regido: Saturno.

Elementos na natureza: fluidos sutis, vibrações cósmicas.
Elementos na vida: sabedoria, humildade, aprendizado, carma e evolução.
Minerais: ônix, malaquita, esmeralda, turquesa, turmalina verde-escuro, ametista, sílica-gema e água-marinha..
Metal: chumbo.
Signos regidos: capricórnio e aquário.
Ervas: folhas de eucalipto, folhas de tamarindo, vassoura preta, vassoura branca, guiné, erva-grossa e cambará.
Flor: palmas vermelhas.
Dia da semana: sábado.
Nota musical: lá.
SAUDAÇÃO A YORIMÁ: ***ADOREI AS ALMAS!***

É uma linha de pretos velhos. Os sete chefes de legião são: Pai Guiné, Pai Tomé, Pai Arruda, Pai Congo de Aruanda, Vovó Maria Conga, Pai Benedito e Pai Joaquim.

2.5- As Falanges Auxiliares.

Falou-se sobre as sete linhas básicas da Umbanda, mas é necessário que se diga que, por ser uma religião essencialmente universalista, está aberta a receber entidades das mais diversas procedências. Assim, ao longo do tempo, várias correntes foram se agregando ao ritual de Umbanda, recebidas de braços abertos e praticando a caridade à sua maneira. É preciso entender que tais entidades, não constituem linhas à parte, pois as linhas de Umbanda sempre serão sete. O que acontece é que essas entidades se agregam a uma das vibrações, com a qual tenham mais afinidade.

2.5.1- Os Marinheiros.

Espíritos de pessoas ligadas ao mar, possuem grande força magnética. Seus trabalhos são sempre muito alegres, gostam de dança e de cantos. São excelentes nos trabalhos de descarga e limpeza de energias pesadas, sendo muito aconselhados para realizarem o fechamento das giras. Não são caboclos, são um arquétipo especial e enquadram-se na vibração original de Yemanjá. Saudação: ***Ê MARUJADA***!

2.5.2- Os Boiadeiros.

Espíritos ligados à terra, ao trabalho rude e árduo, são muito atuantes na captura de obsessores que são "laçados" por eles e encaminhados para instituições de auxílio e tratamento espiritual. Também são especialistas no desmanche de trabalhos e na manipulação de energias. Apresentam-se na roupagem de caboclos e enquadram-se na vibração original de Oxóssi. Saudação: ***CHETUÁ, BOIADEIRO!***

2.5.3- Os Baianos.

São entidades incansáveis no trabalho do bem. Excelentes conselheiros, suas palavras demonstram sempre grande sabedoria e firmeza da caráter. São muito bons em trabalhos de desmanche de magia negativa, devido ao fato de serem grandes manipuladores e de terem um bom trânsito na linha de Exu. Não são caboclos; constituem um arquétipo à parte. Quando manifestados, enquadram-se em qualquer uma das sete vibrações originais, mas preferencialmente na de Yorimá. Saudação: ***É PRA BAHIA, MEU PAI!***

2.5.4- Os Ciganos.

São espíritos de pessoas oriundas do povo cigano. Muito simples e alegres, sua manifestação é sempre carregada de uma energia sensual, tanto a manifestação feminina, quanto a masculina. Trabalham e dão consultas sobre assuntos financeiros e amorosos e também sobre questões ligadas à saúde. Embora aos poucos vão se constituindo numa sublinha, o mais comum é que se manifestem na vibração de Exu. Saudação: *ARRIBABÔ ARRIBA!*

2.6- O Orixá Obaluaie

Obaluaiê é muito cultuado na Umbanda e aparentemente não se enquadra em nenhuma das sete linhas. Isso, porém é um equívoco. Nessas legiões que se enquadram na vibração original de Yorimá, atuam entidades ligadas ao ciclo da vida e à morte. São em geral médicos e enfermeiros do plano espiritual atuando na corrente vibratória em hospitais, trazendo o bálsamo para aliviar as dores bem como em cemitérios, auxiliando os espíritos desencarnados a completar seu desligamento do corpo físico.

Cor: preto e branco.

Planeta: Saturno.

Mineral: obsidiana, ônix e olho de gato.

Metal: chumbo.

Signos regentes: capricórnio e aquário.

Erva: canela de velho, sabugueiro, mamona, assa-peixe, babosa, manjericão roxo e erva-de-passarinho.

Flor: monsenhor branco.

Dia da semana: sábado.

Nota musical: lá

SAUDAÇÃO A OBALUAIÊ: ***ATOTÔ OBALUAIÊ!***

2.7- Finalizando.

Tratou-se, portanto, dos principais aspectos ligados à teologia de Umbanda. Logicamente que, até por se tratar de uma apostila, os tópicos aqui tratados têm a característica de um resumo com os pontos mais importantes sobre cada assunto. É aconselhável a leitura dos livros constantes da bibliografia, para um maior aprofundamento em todas as áreas estudadas nesse capítulo.

Convém ainda lembrar que o assunto sobre as linhas de Umbanda ainda não está completo, pois nesse capítulo tratamos das energias ligadas ao pólo positivo das vibrações. No próximo capítulo trataremos do pólo negativo, que também aborda um dos assuntos mais controvertidos dentro da Umbanda: Nossos queridos irmãos EXUS e POMBAS GIRAS. Encerramos lembrando, até para aguçar a curiosidade sobre o capítulo seguinte, que não existe Umbanda sem Exu.

Capítulo III

Os Exus.

3. OS EXUS.

De todos os artigos de fé constantes da Doutrina de Umbanda, sem dúvida, Exu é o mais polêmico, e o que enseja maior número de críticas por parte dos inimigos da Umbanda.

Toda a controvérsia sobre a figura de Exu remonta ao sincretismo religioso oriundo do período escravagista, sobre o qual muito já se falou ao longo desse curso. Sucede que, no panteão dos deuses africanos, Exu era cultuado como um Orixá autônomo, tendo como domínios a comunicação e as coisas mais materiais. Era o guardião das aldeias e das casas, o senhor do axé, devendo receber as oferendas em primeiro lugar a fim de assegurar que tudo corresse bem e de garantir que sua função de mensageiro entre o *Orun* e o *Aiye*, mundo material e espiritual, fosse plenamente realizada.

Na concepção dos africanos esse orixá era irreverente, sensual e provocador; na prática, o mais humano dos orixás. Essa visão correspondia perfeitamente à concepção religiosa dos iorubás e também dos bantos, já que, para eles, não existia qualquer tipo de maniqueísmo, sendo o bem e o mal apenas faces de uma mesma moeda, razão pela qual não concebiam um demônio perpetuamente voltado para o mal. Dentro dessa concepção amoral, Exu é simplesmente mais um Orixá, mais um deus, apenas que um Orixá temido por sua astúcia e capacidade de provocar problemas para aqueles que estivessem em falta com ele.

Não é difícil perceber de que maneira, num ambiente marcado pela hegemonia católica e pela intolerância religiosa, Exu foi rapidamente associado com a figura do diabo criado pela ignorância das vertentes cristãs tradicionais. Para muitos essa associação persiste até os dias de hoje e, pior ainda, muitos irmãos umbandistas menos esclarecidos também a sustentam.

Obviamente que os verdadeiros Exus, dado o grau de complexidade dos trabalhos que tem que realizar no dia-a-dia, acabam por fazer uso dessa superstição em seu próprio favor, uma vez que, para lidar nos meios mais grosseiros, onde a ignorância predomina, o temor do diabo é muitas vezes um instrumento útil. Também nisso se manifesta a astúcia de Exu: saber converter a desvantagem em vantagem, o desfavorável em favorável.

Mas afinal, Exu é mesmo um demônio?

3.1 – O Mito do Inferno, do Diabo e das Penas Eternas.

Desde a mais remota antiguidade, todos os povos sempre tiveram uma ideia intuitiva de vida futura, de vida após a morte. Da mesma forma sempre se acreditou que, por critérios de justiça, aos bons seria reservada uma vida de prazeres, enquanto aos maus sobraria alguma

espécie de tormento, como punição para seus crimes. O que variava era o conceito de bom e mau, assim como o de bem e mal. Vale dizer, então, que a Igreja copiou dos povos pagãos a imagem do inferno, tendo, num mesmo pacote aproveitado para copiar também a imagem do ser responsável por esse inferno.

Essa cópia, contudo, sofreu algumas adaptações.

Se se tomar emprestados alguns conceitos das mitologias mais conhecidas, como a grega e a romana, se verá que esses povos também tinham entre suas crenças a imagem de um inferno que abrigaria a alma dos ímpios. Para eles, contudo, esse submundo possuia penas individualizadas, enquanto no inferno cristão a pena do fogo eterno é indistintamente distribuída, valendo para todos os que forem condenados no julgamento divino.

Da mesma forma, nas mitologias citadas, as figuras de Hades/Plutão, governantes desses reinos sombrios, eram as de deuses como os demais, a quem coubera a administração do submundo, quando da partilha dos domínios do mundo.

Hades/Plutão se limitavam, portanto, a administrar seus domínios, sem contudo interferir entre os vivos numa disputa por suas almas, a exemplo do que faz o diabo cristão, competindo com Deus, tentando arrebanhar almas e semear o caos sobre a terra.

Nota-se claramente que a Igreja potencializou o inferno pagão, sob a égide do maniqueísmo que lhe norteou a teologia, a partir das ideias de Santo Agostinho. Esse conceito potencializado foi amplamente disseminado durante a Idade Média, como forma de preservar a hegemonia do Estado e do Clero sobre as massas ignorantes e se conservou, através dos séculos, entre os postulados das religiões cristãs tradicionais, vez que se encontrava por demais arraigado na mentalidade do povo em geral.

Há que se considerar, entretanto, que o inferno e o diabo da cristandade, copiados das mitologias pagãs, justificam sua origem, não sendo nada mais que aquilo que se pode encontrar em qualquer mitologia que se preze: MITOS.

No livro **O Céu e o Inferno**, um dos pilares da Doutrina Espírita, Kardec se pronuncia sobre as penas enternas e, consequentemente, sobre a existência de um inferno como preconizado pelas religiões cristãs tradicionais da seguinte forma:

> *"O dogma da eternidade absoluta das penas é, portanto, incompatível com o progresso das almas, ao qual opõe uma barreira insuperável. Esses dois princípios destroem-se, e a condição indeclinável da existência de um é o aniquilamento do outro. Qual dos dois existe de fato? A lei do progresso é evidente: não é uma teoria, é um fato corroborado pela experiência: é uma lei da Natureza, divina, imprescritível. E, pois, que esta lei existe inconciliável com a outra, é porque a outra não existe. Se o dogma das penas eternas existisse verdadeiramente, Santo Agostinho, S. Paulo e tantos outros jamais teriam visto o céu, caso morressem antes de realizar o progresso que lhes trouxe a conversão."* (KARDEC, 2007: pág., 55)

Fica clara a insanável contradição existente entre a evolução experimentada por todos os espíritos ao longo das sucessivas encarnações e a existência de um inferno destinado ao cumprimento de penas eternas. É uma coisa, ou outra.

Ora, os umbandistas tem como ponto incontroverso de sua doutrina a existência de múltiplas encarnações destinadas ao aprimoramento da alma, ao resgate dos débitos e ao aprendizado constante. Por essa razão é inadmissível para um umbandista acreditar na existência do inferno, ou mesmo de um diabo.

Mas há ainda outras razões para tanto: a se acreditar em demônios segundo os dogmas da cristandade tradicional, seria necessário acreditar-se em anjos, porque, segundo a explicação bíblica adotada pela Igreja e difundida pelo mundo cristão, teria sido a partir de uma revolta comandada por Lúcifer – anjo resplandescente criado por Deus – que teriam surgido os demônios – todos eles ex-anjos – que compõem a corte infernal.

Acreditar nisso corresponderia a aceitar o fato de que Deus tivesse criado seres hierarquizados a priori, isto é, seres que não teriam de passar pelos estágios de aperfeiçoamento inerente a toda a humanidade, ou seja, perfeitos desde sempre, o que é contrário à perfeição e à justiça divina.

Corresponderia ainda a acreditar que esses mesmo seres criados perfeitos tivessem vindo, em determinado momento a se rebelar contra o Deus que os criara para a felicidade eterna, o que é expressão de imperfeição. Ora, se a perfeição em si é a negação absoluta da imperfeição, o fato de seres perfeitos assumirem atitudes de imperfeição patente é um paradoxo absoluto e insanável, produto de mentes pueris.

Abordando a questão, Kardec (2007) assim se manifesta:

> *"Se Satã e os demônios eram anjos, eles eram perfeitos; como, sendo perfeitos, puderam falir a ponto de desconhecer a autoridade desse Deus, em cuja presença se encontravam? Ainda se tivessem logrado uma tal eminência gradualmente, depois de haver percorrido a escala da perfeição, poderíamos conceber um triste retrocesso; não, porém, do modo por que no-los apresentam, isto é, perfeitos de origem. A conclusão é esta: — Deus quis criar seres perfeitos, porquanto os favorecera com todos os dons, mas enganou-se: logo, segundo a Igreja, Deus não é infalível "* (KARDEC, 2007: pág. 80)

E mais adiante, rematando a questão à luz da Doutrina dos Espíritos:

> *Segundo o Espiritismo, nem anjos nem demônios são entidades distintas, por isso que a criação de seres inteligentes é uma só. Unidos a corpos materiais, esses seres constituem a Humanidade que povoa a Terra e as outras esferas habitadas; uma vez libertos do corpo material, constituem o mundo espiritual ou dos Espíritos, que povoam os Espaços. Deus criou-os perfectíveis e deu-lhes por escopo a perfeição, com a felicidade que dela decorre. Não lhes deu, contudo, a perfeição, pois quis que a obtivessem por seu próprio esforço, a fim de que também e realmente lhes pertencesse*

> *o mérito. Desde o momento da sua criação que os seres progridem, quer encarnados, quer no estado espiritual. Atingido o apogeu, tornam-se puros espíritos ou anjos segundo a expressão vulgar, de sorte que, a partir do embrião do ser inteligente até ao anjo, há uma cadeia na qual cada um dos elos assinala um grau de progresso.*
> *Do expresso resulta que há Espíritos em todos os graus de adiantamento, moral e intelectual, conforme a posição em que se acham, na imensa escala do progresso. Em todos os graus existe, portanto, ignorância e saber, bondade e maldade. Nas classes inferiores destacam-se Espíritos ainda profundamente propensos ao mal e comprazendo-se com o mal. A estes pode-se denominar demônios, pois são capazes de todos os malefícios aos ditos atribuídos. O Espiritismo não lhes dá tal nome por se prender ele à idéia de uma criação distinta do gênero humano, como seres de natureza essencialmente perversa, votados ao mal eternamente e incapazes de qualquer progresso para o bem.* (op. cit., pág. 86)

Para umbandista esclarecido, portanto, não existe lugar para crenças em demônios, em satanás, ou no inferno, ficando inequívoco que não existindo inferno ou demônios, Exu não pode ser um demônio. Mas, então, quem ou o que é Exu?

3.2 – Origem, Natureza e Missão dos Exus.

Há cerca de setenta e cinco séculos, por volta de 5.500 aC., na Índia, a civilização ali existente foi abalada por uma imensa rebelião que sacudiu as estruturas do império que lá se firmara e trouxe morte e destruição aos templos religiosos do país, os quais abrigavam inúmeros sacerdotes conhecedores das verdades espirituais eternas e imutáveis, bem como hábeis em manipulação de energias sutis.

Essa rebelião foi comandada pelo filho mais jovem do soberano Ugra. O rapaz, sabendo que não teria chance de pleitear o trono, uniu-se a grupos de rebeldes e de agitadores, criando um poderoso exército e gerando uma violenta guerra que culminou com a divisão dos árias em duas correntes que se separaram e seguiram rumos diferentes, uma delas indo em direção ao oriente e outra vindo para o ocidente.

O nome do príncipe em questão era Irshu e o episódio ficou conhecido como o Cisma de Irshu, tendo passado para a posteridade como um dos mais violentos e sanguinários episódios conhecidos na História daqueles povos. Devido a isso, o nome Irshu passou a ser associado, desde então com “o Princípio do Mal”.

Muitos teóricos atribuem a palavra Exu a uma corruptela de Irshu, mas, se assim for, deve-se entender que os africanos não a teriam aplicado ao Orixá em questão, devido ao princípio do mal, até porque, como já foi dito, esses povos não viviam sob concepções maniqueístas. Talvez o sentido da associação dos nomes esteja no fato de que Irshu provocou uma divisão, uma separação, da mesma forma que Exu representa dentro da estrutura da Umbanda uma nítida separação de forças, conforme se verá mais adiante.

A verdade é que muito pouco tem-se sabido de fato sobre os verdadeiros Exus. Se há, contudo uma coisa que se pode saber e isso com absoluta certeza é que Exu não é aquilo que ficou guardado no imaginário popular: não é o demônio – até porque esse não existe – , nem é uma entidade voltada para o mal, nem muito menos um mercenário leviano, pronto para fazer qualquer trabalho mediante uma boa paga.

3.2.1 – Da origem e da natureza dos Exus.

Comece-se por afirmar que, como bem diz o ditado popular, a sepultura não faz santos. Isso significa que, ao desencarnar, o indivíduo leva consigo todo o potencial e todas as mazelas que possuía em vida. Esse indivíduo terá que responder por suas más ações, purgar seu carma. Ora, existem ainda hoje indivíduos que se encontram em um estado lastimável de evolução espiritual, vivendo muito mais dentro dos limites da vida instintiva, da mesma forma que já há aqueles que se encontram bastante espiritualizados, vivendo no cotidiano os ensinamentos do Cristo.

Entre essas duas pontas, existe uma imensa variedade de matizes e está claro que, após o desencarne, o destino de cada espírito será diretamente proporcional a suas inclinações e isso tanto poderá significar um recolhimento a uma colônia para tratamento e preparação para trabalhar na direção do bem, quanto a precipitação nas profundezas do umbral, onde incontáveis sofrimentos irão se desdobrar.

Sabe-se que no plano físico, dentro das penitenciárias, os malfeitores se agrupam e criam verdadeiras organizações destinadas a fazer o mal. No plano espiritual isso não é diferente. As entidades umbralinas criam grandes organizações, verdadeiros exércitos destinados a lançar a desordem e o caos sobre a face do planeta. À medida que o tempo passa, essas organizações se tornam mais especializadas e mais temíveis.

Há, contudo, muitos espíritos que, após permanecerem muito tempo na senda do mal, começam a se arrepender e a enxergar a luz, a desejar uma ascensão em seu processo evolutivo. Esses espíritos costumam pedir uma oportunidade e, como a misericórdia do pai é infinita, o pedido é atendido e a oportunidade se apresenta sob a forma de tratamento e, posteriormente, de trabalho na seara do bem, como forma de resgate do mal que já fora por tanto tempo praticado. É o resgate pela positiva.

Esses espíritos obviamente não poderiam começar sua regeneração entre os mais afortunados, recebendo um prêmio a que ainda não fizeram jus. É então que os trabalhadores da Corrente Astral de Umbanda os resgatam, tratam e permitem que eles se organizem,

conforme sua vibrações originárias em legiões agora voltadas para a prática do bem e do socorro aos necessitados em geral. Tais legiões compõem aquilo que chamamos de Quimbanda, ou o plano oposto da Lei.

Na Quimbanda se agrupam e se organizam milhões de entidades de diferentes graus evolutivos, em processo de resgate e de regeneração, às quais se convencionou dar o nome de Exu, ou Pomba-Gira, de acordo com o gênero de seu psiquismo.

3.2.2 – Da missão dos Exus.

Ao longo dos tempos, por influência do Candomblè, algumas casas de Umbanda convencionaram chamar os Exus de "Mensageiros dos Orixás". Essa designação não está de todo errada, embora não esteja também de todo certa. Na verdade, sabe-se que Orixás não são seres personificados e individualuzados, mas os espíritos de grande envergadura que dirigem as sete linhas acabaram sendo chamados metonimicamente de Orixás. Nessa perspectiva, todos os espíritos que chegam aos trabalhos do terreiro são mensageiros dos Orixás. Acontece que aos Caboclos, Pretos Velhos, Crianças, Boiadeiros, Marinheiros, Baianos, Ciganos e Orientais cabe um trabalho mais etéreo, ligado à saúde, ao psiquismo, e à manipulação de energias um pouco mais sutis, enquanto aos Exus cabe o trabalho pesado: fazer a segurança das casas, mantendo obsessores fora, desimantar energias densas, desfazer trabalhos de magia negra, resgatar espíritos arrependidos nas profundezas do umbral, tratar de questões ligadas ao plano mais material, como problemas financeiros, afetivos, sexuais, corrigindo desequilíbrios e aplicando a justiça, quando devidamente autorizado pelos planos superiores. Tem-se, por aí, um pequeno vislumbre da missão que cabe a esses irmãos abnegados e tão importantes para a realização dos trabalhos.

É comum também serem chamados de guardiões, porque são eles que, além de fazerem a segurança dos locais de trabalho, ainda estão ao lado das pessoas que protegem, no dia-a-dia, atuando como verdadeiros guarda-costas, livrando de perigos, afastando energias negativas, intuindo para a tomada de decisões corretas, e dando força nos momentos difíceis.

3.3 – Das Linhas de Exus.

Os Exus, atuando no plano oposto, também se organizam em linhas, comandadas por Exus Coroados e subordinadas às sete linhas de Umbanda.

Isso pode parecer estranho, mas deve-se pensar que, se entre os encarnados existem

organizações hierarquizadas para tudo que se faz, por que elas não existiriam no astral, onde o entendimento, a ordem e a disciplina são muito maiores que nos planos físicos?

As linhas de Exu se organizam semelhantemente às dos Orixás, apresentando a diferença de não haver aqui o Exu maior que corresponderia ao Orixá maior. Na verdade, o espírito venerando que exerce a função de Orixá maior, também o é para as linhas de Exu que lhes são subordinadas. Assim, ao invés de se ter um que comanda sete, tem-se sete que comandam mais sete e assim sucessivamente.

3.3.1 – Da composição das linhas.

Elucidado isso, cabe, então, demonstrar como se organizam as linhas de Exu, de acordo com suas características vibracionais e com o tipo de missão que devem cumprir. Antes, porém, deve-se esclarecer que existem três graus de ascensão dentro das linhas; assim, os Exus podem ser:

Exu Coroado – aquele que já atingiu o grau mais alto dentro da hierarquia, estando já pronto para passar a outro nível evolutivo, mas ainda sujeito à lei do carma e às reencarnações. Geralmente são chefes de legião ou de falanges.

Exu Batizado – Aquele que já alcançou bastante conhecimento na senda do bem, já possui informações e conhece as leis que regem os planos espirituais, mas ainda possuem grande comprometimento cármico e estão sujeitos a reencarnações. Em geral, podem comandar falanges ou grupamentos.

Exu Espadado – Geralmente de quinto grau na escala evolutiva, é um Exu que já adquiriu suficiente esclarecimento através do trabalho na organização, superou velhos comprometimentos viciosos e já está caminhando para conseguir atingir a condição de Exu Batizado.

Exu Pagão – Sob essa designação encontram-se espíritos em diversos graus de desenvolvimento, desde os que acabaram de ser arregimentados, até aqueles que já se encontram preparados para serem espadados. Já estão prontos para a prática do bem, mas ainda carecem de muito esclarecimento e possuem ainda grande comprometimento cármico.

Cada linha possui em seu comando um Exu Coroado, na condição de chefe de legião, auxiliado por outros seis, também chefes de legião. Nessa organização temos as seguintes linhas:

1ª linha: Linha de Malei – Ação vibracional de Oxalá.

Exu Sete Encruzilhadas: Comando negativo da linha;

Exu Sete Chaves: Intermediário para Ogum;

Exu Sete Capas: Intermediário para Oxóssi;

Exu Sete Poeiras: Intermediário para Xangô;

Exu Sete Cruzes: Intermediário para Yorimá;

Exu Sete Ventanias: Intermediário para Yori

Exu Sete Pembas: Intermediário para Yemanjá.

2ª linha: Linha do Cemitério - Ação vibracional de Ogum.

Exu Tranca Ruas: Comando negativo da linha;

Exu Tira Teimas: Intermediário para Oxalá;

Exu Veludo: Intermediário para Oxóssi;

Exu Tranca Gira: Intermediário para Xangô;

Exu Porteira: Intermediário para Yorimá;

Exu Limpa Trilhos: Intermediário para Yori;

Exu Arranca Toco: Intermediário para Yemanjá.

3ª linha: Linha dos Caboclos Quimbandeiros – Ação vibracional de Oxóssi.

Exu Marabô: Comando Negativo da linha;

Exu Pemba: Intermediário para Ogum;

Exu da Campina: Intermediário para Oxalá;

Exu Capa Preta: Intermediário para Xangô;

Exu das Matas: Intermediário para Yorimá;

Exu Lonan: Intermediário para Yori;

Exu Bauru: Intermediário para Yemanjá.

4ª linha: Linha de Mossorubi – Ação vibracional de Xangô.

Exu Gira Mundo: Comando negativo da linha;

Exu Meia Noite: Intermediário para Ogum;

Exu Mangueira: Intermediário para Oxóssi;

Exu Pedreira: Intermediário para Oxalá;

Exu Ventania: Intermediário para Yorimá;

Exu Corcunda: Intermediário para Yori;

Exu Calunga: Intermediário para Yemanjá.

5ª linha: Linha das Almas – Ação vibracional de Yorimá.

Exu Caveira: Comando negativo da linha;

Exu do Lodo: Intermediário para Ogum;

Exu Brasa: Intermediário para Oxóssi;

Exu Come Fogo: Intermediário para Xangô;

Exu Pinga Fogo: Intermediário para Oxalá;

Exu Bara: Intermediário para Yori;

Exu Alebá: Intermediário para Yemanjá.

6ª linha: Linha Mista – Ação vibracional de Yori.

Exu Tiriri: Comando negativo da linha;

Exu Toquinho: Intermediário para Ogum;

Exu Mirim: Intermediário para Oxóssi;

Exu Lalu: Intermediário para Xangô;

Exu Ganga: Intermediário para Yorimá;

Exu Veludinho: Intermediário para Oxalá;

Exu Manguinho: Intermediário para Yemanjá.

7ª linha: Linha Nagô – Ação vibracional de Yemanjá.

Pomba Gira Rainha: Comando negativo da linha

Exu Sete Nanguê: Intermediário para Ogum;

Maria Mulambo: Intermediário para Oxóssi;

Exu Sete Carangola: Intermediário para Xangô;

Maria Padilha: Intermediário para Yorimá;

Exu Má-Canjira: Intermediário para Yori;

Exu Mará: Intermediário para Oxalá.

Tem-se assim, 42 chefes de legião que comandam 294 chefes de falange que comandam 2058 chefes de subfalange que, por sua vez, comandam 14.406 chefes de grupamento, isso até o quarto grau de evolução, pois, daí para baixo, surgem os integrantes de grupamento e a quantia chega a milhões.

A hierarquia é rigorosamente respeitada e os atos de desobediência são severamente punidos com a suspensão dos trabalhos e outras punições que não são dadas a conhecer.

Assim, a disciplina é rígida e o trabalho dos Exus e Pombas Giras é sempre baseado nessa disciplina.

3.3.2 – Correspondências vibratórias da linha.

Na vibração Exu, assim como ocorre nas linhas da direita, há correspondências vibratórias para cada linha de Exu individualmente, que em geral é a mesma do Orixá de que o Exu é serventia. Contudo, é possível encontrar correspondências que atendem à linha como um todo, conforme discriminado abaixo:

Cor: Vermelho e preto.
Dia da semana: segunda-feira.
Domínios na natureza: caminhos, cruzamentos astrais, cemitérios
Domínios na vida: vida afetiva, sexualidade, finanças e problemas materiais em geral.
Metal: Ferro para Exu e cobre para Pomba-Gira.
Minerais: Carvão mineral para o Exu e jaspe de sangue para a Pomba-Gira
Flor: Cravos diversos para o Exu e rosas diversas para a Pomba-Gira.
Ervas: anis estrelado (badiana), bananeira, aveloz (figueira do diabo, gaiolinha), azevinho, bardana (erva do tinhoso), bate testa, beladona, brinco de princesa, cana de açúcar, canela, canudo (mata cobras), cardo santo (papoula), carne de anta (limãozinho), cebola, chapéu turco, chique-chique (facheiro, mandacaru, palmatória, rabo de raposa), comigo ninguém pode, erva dos cachos (tintureira), erva preá (maria-preta), erva queimadeira, facheiro preto, fedegoso, fedegoso crista de galo (RJ), figo do inferno, gratia dei (urtiga branca), hortelã pimenta, joazeiro, junquilho, mamona roxa, maria-mole, mastruço, mata cabras, mata pasto, pimenta da costa, pimenta darda, pó de mico, quixabeira, raiz de patchouli, rompe gibão, rosa vermelha, sapatinho do diabo, sapê, unha de exu, urtiga brava (urtiga vermelha)
Saudação: Laroiê Exu!

3.4 – Das características dos Trabalhos de Exu.

Em geral, os trabalhos de Exus e Pomba-Giras são marcados pela descontração e pela alegria. Isso porque os irmãos costumam descer dando risadas, dançando e até mesmo contando pequenas anedotas e fazendo brincadeiras com os presentes.

Nunca se deve perder de vista, contudo, que, apesar do clima de descontração, as

atividades por eles desenvolvidas são marcadas pela mais absoluta seriedade. Trabalham com forças densas, dominando obsessores furiosos e violentos, desmanchando trabalhos, dissipando energias pesadas e deletérias. Apenas o fazem de um modo mais descontraído, demonstrando que a seriedade não é inimiga do bom humor.

Quando tem que falar sério, fazem-no de forma natural e sem rodeios, por isso são muitas vezes tachados de grosseiros. Erroneamente, deve-se dizer, porque o que muitos consideram grosseria é, na verdade, um modo autêntico e direto de dizer as verdades que precisam ser ditas. Não adianta querer esconder más intenções, hipocrisia, ou quaisquer outras mazelas dos Exus, pois eles são hábeis intérpretes da mente e dos sentimentos humanos e acabam por trazer à tona aquilo que as pessoas se esforçam por dissimular, desde que isso tenha relação com o tratamento que esteja realizando.

Há que se desfazer, entretanto, um equívoco que há muito já se tornou lugar comum nos terreiros de Umbanda: apesar do que se disse, Exus e Pomba-Giras não costumam se utilizar de um vocabulário chulo, falando palavrões e distribuindo xingamentos a torto e a direito. Isso é ação de entidades impostoras que se fazem passar por Exus, ou, então, reflexo da mente ainda deseducada do médium.

Os verdadeiros guardiões, sejam masculinos ou femininos expressam-se com sobriedade dentro dos limites de sua evolução. Se são cultos, fazem-no com elegância, se não o são, fazem-no com simplicidade, mas primando sempre por um linguajar condizente com a moral cristã.

Os trabalhos que desempenham estão ligados ao lado mais material da vida. São questões financeiras, pendências jurídicas, desajustes amorosos e sexuais, doenças, inimizades e rancores, entre tantos outros, sempre, contudo, buscando a solução que tenda ao equilíbrio e à harmonia, em consonância com as leis imutáveis do universo.

3.5 – Exus e Impostores.

Outro equívoco que carece ser desfeito é o de que “Exu faz qualquer coisa, mediante uma boa paga”. Os verdadeiros Exus e Pomba-Giras são trabalhadores da seara divina e não executam trabalhos de pistolagem espiritual, em nenhuma hipótese. Trabalham para fazer o bem e disso depende sua própria evolução. Esforçam-se por ajudar a todos que os procuram, por mais mesquinhas que sejam as intenções dos consulentes.

Em sua sabedoria, ouvem os pedidos e, quando esses são voltados para a prática do mal de qualquer espécie, atuam no astral para alterar o ânimo daqueles que atenderam. Assim,

muitas vezes, pela prática de um bem direto ao paciente, conseguem desencorajar desejos de vingança, emoções animalizadas, paixões desenfreadas e toda sorte de maus impulsos.

Existem, contudo, entidades profundamente radicadas no mal que, trabalhando em casas que não primam pela prática dos ensinamentos do Cristo, se fazem passar por Exus e Pomba-Giras, oferecendo seus préstimos, em troca de favores materiais. Esses impostores perigosos não são Exus, são Quiumbas; verdadeiros marginais do astral que se aproveitam da desinformação, da ignorância dos encarnados para semear o mal e tentar desestabilizar a escalada evolutiva do planeta e de seus habitantes.

É devido à ação ambígua desses impostores que a figura de Exu vem sendo a tanto tempo confundida com a figura do demônio católico e protestante. Infelizmente, a desinformação atinge mesmo os meios umbandistas e não é raro encontrar casas de Umbanda que, pretendendo fazer trabalhos sérios e voltados para o bem, recusam-se a trabalhar com os guardiões, por acreditarem na imagem difundida pelos quiumbas.

Apesar disso, mesmo em casas assim, a presença abnegada dos guardiões se faz sentir, dando proteção e sustentação aos trabalhos, afastando obsessores e cuidando da harmonia dos trabalhos, nos dois planos.

Capítulo IV

A Ritualística de Umbanda

4. UMBANDA – SUA RITUALÍSTICA.

Uma visão dos ritos e dos materiais de trabalho à luz dos mentores

O Dicionário Aurélio Eletrônico define ritual como um *"conjunto de práticas consagradas pelo uso e/ou por normas, e que se deve observar de forma invariável em ocasiões determinadas; cerimonial."*

É comum acreditar-se que os rituais sejam formas de uso exclusivo das religiões, mas, na verdade, eles estão presentes em praticamente todos os setores da vida e seria correto afirmar que os seres humanos não conseguiriam conduzir suas atividades, se não tivessem rituais bem definidos.

Olhando-se para o dia-a-dia, percebe-se que algumas práticas que consideradas corriqueiras e que se repetem todos os dias possuem um caráter eminentemente ritualístico. Quando a família se senta ao redor de uma mesa para o almoço ou para o jantar, está cumprindo um ritual, pois não há qualquer aspecto de caráter prático que determine que todos devem comer ao mesmo tempo e ao redor da mesa.

Do mesmo modo, quando se cumprimenta alguém, dizendo bom dia, boa tarde, ou boa noite, está-se executando, sem que se perceba, um ritual de convivência em sociedade, ditado pelas normas de boa educação, inclusive com predileção/preferência por esta ou aquela pessoa, de acordo com seu status social, sexo, idade e, ainda é possível afirmar que estes aspectos variam ritualisticamente em cada sociedade.

Na mesma linha de raciocínio, é fácil perceber que todos os dias, ao se dirigirem para o trabalho, as pessoas costumam tomar sempre o mesmo caminho, buscam estacionar sempre no mesmo lugar e, por mais que isso tenha um fundo prático, ditado pelas conveniências de menores distâncias e maior comodismo, não deixa de possuir um aspecto ritual.

Pode-se ainda citar os ritos de passagem que todos enfrentam, como o vestibular, a formatura, as antigas festas de debutantes e ainda se pode dizer que o próprio namoro é um ritual, que deságua em outro mais complexo que é o casamento e cada qual possui seus próprios ritos – os quais também podem ser alterados pelo tempo ou pelo grupo estabelecido.

Em interessante artigo publicado na página do Grupo de Estudos em Religião e Sociedade, intitulado **O Espiritismo e os Ritos**, Luiz Signates pontua sobre o assunto:

> *"O que pretendemos fazer, bem entendido, é alguma atualização teórica do conceito de ritual, para, por um lado, demonstrar que até o ato de escovar os dentes após as refeições constitui um rito (útil, sem dúvida, mas, como vimos, isso não é critério definidor suficiente para o conceito)..."* (SIGNATES, 2008)

A ampliação desse leque de comparações permite perceber que até mesmo a ciência é ritualística, na medida em que as descobertas, para que sejam reconhecidas pela comunidade científica, precisam se submeter a uma série de procedimentos pré-estabelecidos, sem o que lhes é negada a validade. Logicamente que, nesse caso, como também nos demais, o ritual tem uma razão prática de ser, razão essa voltada para os objetivos que se pretende atingir e que está relacionada ao procedimento metódico e sistemático que confere rigor e confiabilidade às pesquisas científicas.

Com base nisso, é possível entender que a prática ritualística contribui para a uniformização dos procedimentos, sendo, então, necessária para a garantia da disciplina e da organização de atividades que se pretendam desenvolver.

Além disso, observa-se também que os rituais do cotidiano – também chamados em Antropologia de **rituais profanos** – possuem todos uma finalidade, um objetivo a ser atingido, sendo lícito falar que, por exemplo, o ato de escovar os dentes após as refeições visa à preservação da higiene bucal e da saúde; que o caminho habitual seguido rumo ao trabalho visa ao encurtamento das distâncias e ao cumprimento dos horários e que o rigoroso ritual científico visa à precisão na construção das leis e enunciados.

Assim entendido, o ritual pode ser facilmente conceituado como meio para se atingir uma finalidade e aí se encontram duas das três facetas básicas contidas nos rituais; mas é necessário analisar mais detidamente o exemplo da família fazendo refeições em torno da mesa. Esse ritual, bastante tradicional, pode ser visto por três ângulos distintos: Primeiramente, a refeição possui uma finalidade prática que é a nutrição do corpo, da qual ninguém pode prescindir. Em segundo lugar, o fato de todos comerem ao mesmo tempo contribui para a organização do trabalho da dona de casa que fará todo o serviço uma única vez. Finalmente, a união em torno de uma mesma mesa possui uma profunda carga simbólica, na medida em que se pode ali representar a família partilhando o alimento em gesto de verdadeira fraternidade.

Deduzem-se, portanto, desse exemplo, as três funções básicas desempenhadas pelo ritual, as quais estarão presentes em todos os **rituais umbandistas**, conforme melhor se explicará adiante: **função simbólica, função organizacional e função utilitária**.

4.1- O Ritual Dentro das Religiões.

Olhando para todas as religiões conhecidas, vê-se que todas, sem exceção, possuem rituais, costumeiramente praticados sem objeções por seus adeptos e iniciados, como meios de

ligação com a força superior que se busca contatar. Falando sobre isso em seu livro **Umbanda e Seus Graus Iniciáticos**, Rogério D'Ávila e Maurício Omena lecionam o seguinte:

> *" A execução contínua de um ritual cria, mediante a tradição e fundamentos* em que se apóia, uma composição de energias convergentes para esta prática, estabelecendo assim, o que se denomina egrégora, o que torna imprescindível a ritualística, para a manutenção do bom desempenho do trabalho, da realização do objetivo." (D'AVILA & OMENA, 2006: p. 58)

Um católico, por exemplo, submete-se à confissão, participa da eucaristia, além de passar pelos sacramentos do batismo, da crisma, até, ao final, receber a extrema unção, entre outros. Já os evangélicos, além da participação efetiva nos cultos ainda participam de inúmeros rituais de conversão, de evangelização, recebem a Santa Ceia, dentre outras cerimônias com características ritualísticas.

É sabido que entre os muçulmanos, existe a obrigação de se virar três vezes por dia para Meca, a fim de se fazerem as orações obrigatórias; precisam visitar a Caaba, ao menos uma vez na vida, e guardam com jejuns e orações todo um mês, conhecido como o mês do Ramadam.

Entre os budistas, rituais de meditação e de purificação são extremamente comuns e imprescindíveis para a prática dos preceitos da religião pregada por Sidarta. Alguns desses rituais ficaram conhecidos através do cinema e de séries televisivas, principalmente daquelas que buscaram, em certo momento, retratar o kung fu e acabaram por nos deixar amostras relevantes do lado ritualístico daquela que talvez seja a religião mais filosófica entre as conhecidas.

A religião hinduísta é repleta de rituais por muitos considerados exóticos, mas que para eles estão repletos de sentido sagrado. Talvez o ritual hindu mais conhecido no ocidente seja o tradicional banho de purificação nas águas do Rio Ganges.

Também a religião judaica é marcada por rituais, todos de profundo caráter simbólico e ligados a fatos marcantes da história do povo judeu. Provavelmente o mundo todo conheça o ritual de preces executadas no muro das lamentações em Jerusalém, sem falar, é claro, da famosa circuncisão que marca ritualmente os homens em seu próprio corpo, em nome de uma suposta aliança com o Senhor.

Até mesmo a religião anglicana, nascida sob o signo do racionalismo do povo inglês, é pontuada por uma série de rituais muito semelhantes ao ritual Católico Romano, de onde provem as bases do anglicanismo.

É de se salientar que algumas dessas religiões são ancestrais e seus praticantes vem

executando os rituais há milênios de forma convicta. Vale então observar o que diz Luiz Signates no artigo já referido:

> *A própria atenção dos espíritos superiores não está agregada às "exterioridades", e sim aos sentimentos e pensamentos daqueles a quem eles se ligam. Isso é verdadeiro, porquanto uma prática ou objeto só tem "valor" quando há alguém que, individual ou coletivamente, lhe atribua valor* (SIGNATES, 2008)

Nesse sentido, é possível afirmar que o ritual, seja ele qual for, só possui valor, na medida da importância que lhe atribuem seus participantes, mas esse valor extrínseco acaba por se refletir sobre os próprios participantes, na medida em que os mesmos se organizam em torno da significação do ritual e haurem os efeitos positivos emanados da egrégora formada pelo esforço de todos. Simplificando: O ritual adquire força no esforço coletivo e a força por ele adquirida se converte em benefício para o próprio indivíduo. Posteriormente essa questão será tratada novamente, no âmbito exclusivo da Umbanda.

4.2- O Espiritismo Kardecista e a crítica aos rituais.

O Livro dos Espíritos, no capítulo onde trata de poder oculto, talismãs e feiticeiros traz a seguinte orientação, ditada pelo Espírito de Verdade:

> *"553. Qual pode ser o efeito de fórmulas e práticas com as quais certas pessoas pretendem dispor da vontade dos Espíritos?*
> *- O de as tornar ridículas, se são de boa-fé; no caso contrário são tratantes que merecem castigo. Todas as fórmulas são charlatanices; não há nenhuma palavra sacramental, nenhum signo cabalístico, nenhum talismã que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porque eles só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais."* (KARDEC, 1998. p. 202)

Por um lado, todo umbandista deve concordar plenamente com a orientação, até porque o livro em questão constitui uma das bases doutrinárias em que se apóia a Umbanda. Por outro lado, é necessário fazer uma interpretação criteriosa das palavras ali contidas, sob pena de se incorrer no sectarismo daqueles que tomam tudo ao pé da letra, fazendo da ortodoxia uma bandeira e condenando todo tipo de ritual, disseminando um purismo incompatível com as condições reais do planeta.

Primeiramente faz-se necessária uma análise conjuntural, para que se entenda que, ao tempo de Kardec e na realidade da Europa, "fórmulas e práticas" diziam respeito a superstições e crendices oriundas ainda, muitas vezes, da velha Idade Média, abrangendo mitos de feitiçaria e crenças infundadas em amuletos, fórmulas mágicas, maldições, bruxarias e outras práticas que, nos dias de hoje pareceriam pueris.

Em segundo lugar, atentando para o sentido da pergunta, percebe-se que Kardec fala em “fórmulas e práticas”, para “dispor da vontade dos Espíritos”, porque realmente havia crenças, segundo as quais, se uma pessoa estivesse de posse de determinado amuleto, ou soubesse pronunciar certas palavras mágicas, poderia comandar a ação dos espíritos, ou, pelo menos, de alguns espíritos, similarmente ao que acontece nas lendas árabes de gênios, onde quem tem a lâmpada comanda a vontade do gênio.

Ora, com um mínimo de esclarecimento, é possível saber que isso é impossível, principalmente quando se trata de espíritos superiores, ou, ainda que não superiores, dotados de um grau maior de esclarecimento. Tais espíritos são atraídos pelo pensamento voltado para o bem e para a prática da caridade cristã.

Tudo isso está perfeito e vai ao encontro das informações repassadas pelos espíritos superiores, entre eles Ramatis – que é autor de referência desse estudo - , mas não decorrem daí argumentos consistentes para embasarem as críticas que uma parte dos kardecistas tece aos rituais de Umbanda, pelo simples fato de que a Umbanda não tem talismãs, ou amuletos, não usa fórmulas mágicas, nem fórmulas sacramentais com o objetivo precípuo de atrair os bons espíritos. Nesse sentido, a crítica demonstra acima de tudo uma enorme ignorância quanto ao verdadeiro sentido dos rituais umbandistas e acaba por carregar a leviandade daqueles que criticam o que desconhecem. Ademais, como já se pontuou anteriormente, não existem religiões sem rituais e o próprio Espiritismo Kardecista tem seus rituais, conforme bem salienta Signates:

> *“No sentido mencionado, não há como afirmar que o Espiritismo seja destituído de rituais. Os cursos hoje tão em voga nas casas espíritas são, sem dúvida, ritos de iniciação e de passagem. A seqüência de atitudes, hoje praticamente universalizada no meio doutrinário brasileiro, recomendada por André Luiz na obra Desobsessão, constitui um ordenamento ritualístico muito bem demarcado da prática mediúnica. A pontuação de preces (inicial e final) de todas as reuniões e cultos espíritas são marcações rituais. E, renovando a citação, a gesticulação (ou a falta dela) nos passes constitui, sem dúvida, prática ritual.” (SIGNATES, 2008)*

O trecho destacado é suficientemente eloquente em relação ao que se propõe demonstrar, fala por si só e, por isso mesmo dispensa a necessidade de qualquer comentário complementar.

4.3- As Funções e as Características do Ritual de Umbanda.

Já foi falado que os rituais em geral possuem **três funções básicas**, tais sejam: **finalista, organizacional e simbólica**, em que pese os antropólogos da religião entenderem

que não se possa exigir a função finalista do ritual, uma vez que seu papel é de um artigo de fé que, nessa condição, dispensa uma finalidade prática. Na verdade, qualquer ação visa a um fim e, quando se busca uma ligação com o criador, o fim é esse, em última análise.

Os rituais de Umbanda, portanto, estão sempre pontuado das três funções básicas, que podem ser entendidas da seguinte maneira.

- Função prática ou finalista: Nas reuniões ou nas atividades de firmeza haverá sempre entidades desenvolvendo um trabalho que pode ser de limpeza, desimantação, energização, fluidificação, harmonização, cura, entre muitos outros. O momento em que tais trabalhos são executados é exatamente o momento em que os rituais estão acontecendo. Assim, enquanto se canta, enquanto se assiste à manifestação das entidades, ou se ouve seus conselhos coletiva ou individualmente, elas estão trabalhando no ambiente, nos médiuns e nos consulentes, concorrendo para o equilíbrio de forças e energias. Isso, em última análise é o que se busca na Umbanda, sendo portanto uma função finalista do ritual.

- Função organizacional ou disciplinadora: A manifestação dos espíritos que trabalham na Corrente Astral de Umbanda se dá, no mais das vezes, para o tratamento de problemas de grande complexidade que atingem tanto os médiuns quanto os consulentes e pacientes que procuram as casas umbandistas. Em muitos casos os mensageiros de Umbanda se deparam com graves obsessões ou com trabalhos de **magia** negativa que envolvem organizações umbralinas perigosas e bem preparadas. Para fazer frente a tais problemas, é necessária uma corrente vibracional muito forte e consistente. Nesse ponto entra a função organizacional e disciplinadora do rito: enquanto as pessoas estão executando as práticas rituais, encontram-se concentradas naquela atividade e, conseqüentemente, vibrando numa faixa compatível com o trabalho que está sendo realizado. Trata-se de uma interessante alternativa ao mero ato de concentração, até porque a corrente mediúnica é formada por pessoas com diferentes características, o que faz com que algumas tenham grande facilidade em manter a concentração, e outras se dispersem rapidamente. Cantar um ponto, por exemplo, é uma maneira de uniformizar o padrão vibratório.

- Função representativa ou simbólica: Em outros momentos já se teve oportunidade de falar do caráter eminentemente simbólico que permeia a Umbanda, bem como de

> associá-lo ao papel dos símbolos para a natureza humana. A simbologia, portanto, não poderia estar ausente dos rituais, muito embora em diversos momentos haja uma interação da função simbólica com as demais. O ato, de saudar o congá, por exemplo, tem o caráter de uma reverência, de uma atitude de submissão à Força Superior que governa o universo que está simbolizada no altar, mas, ao mesmo tempo, favorece que o médium receba as emanações ali contidas, na medida em que o congá é também um condensador das energias espirituais da casa. As saudações às diversas linhas são meramente um cumprimento genérico aos mensageiros daquela linha que se encontram presentes no trabalho, mas serve também como marco divisório na sucessão das diversas linhas que se manifestam, alertando aos médiuns da corrente que as vibrações irão sofrer uma alteração A roupa branca envergada pelos médiuns é um símbolo de pureza, mas também está ligada à vibração das cores, uma vez que a cor branca facilita o trânsito das energias espirituais.

Isso vem demonstrar que não existem rituais vazios dentro da Umbanda. Cada um tem sua razão de ser e está ligado a uma necessidade latente nos trabalhos.

Ressalte-se que tal necessidade é sempre dos médiuns e dos consulentes, pois que as entidades poderiam dispensar o formalismo ritualístico, caso houvesse de parte dos encarnados um grau elevado de consciência e conhecimento da mecânica que envolve os trabalhos praticados no dia-a-dia das diversas casas de Umbanda.

Na prática, contudo, ainda que assim o fosse, seria necessário organizar a seqüência dos trabalhos, pois certamente que os mesmos não aconteceriam em ambiente anárquico, Essa tentativa de organização das ações acabaria por resultar em novo ritual, ainda que destituído de elementos simbólicos.

Além de tudo o que já foi dito, há que se ressaltar que o ritual umbandista primará sempre pela simplicidade e pela objetividade. Equivale a dizer que as entidades vem para realizar um trabalho de caridade e, para isso, não necessitam de qualquer tipo de ostentação. São dispensadas, portanto, as roupas multicoloridas, as decorações exageradas, os adereços e as alegorias. Nada de espadas de lata, nem de espelhos; nada de arcos e flechas de brinquedo, nem de cocares improvisados; nada de coroas, tridentes ou vestidos chamativos, até porque o excesso de formas destoa com o ideal de humildade, simplicidade e pureza que a Umbanda procura disseminar.

Nessa mesma linha, deve-se dizer que a Umbanda não possui práticas divinatórias baseadas em oráculos, razão pela qual a consulta a búzios não pertence ao ritual umbandista.

A descoberta das vibrações originais se dá pela data de nascimento do indivíduo, baseada nas influências planetárias vigentes naquele momento. Quanto aos protetores, guias e orixás regentes do médium, esses se apresentam diretamente nos trabalhos de desenvolvimento e fazem sua identificação positiva.

Da mesma forma, a Umbanda dispensa o sacerdócio, uma vez que para a condução dos trabalhos só são necessários conhecimento, mediunidade e desejo sincero de fazer o bem, em consonância com a verdadeira caridade cristã. Ramatis dá o veredicto definitivo a esse respeito em **A Missão da Umbanda**:

> *"PERGUNTA: - É necessário o sacerdócio para poder firmar-se em uma casa de Umbanda, e até mesmo conduzi-la?*
> *RAMATIS: - Não. São necessárias a mediunidade, a humildade e a simplicidade, as quais imantam a cobertura de entidades da verdadeira umbanda. Os sacerdotes ministram rituais e não precisam ser médiuns. Zélio Fernandino de Moraes era simples cidadão, jovem, e possuía mediunidade inequívoca, que aflorou naturalmente, sem depender de títulos honoríficos, graus sacerdotais ou iniciações conduzidas na Terra. Aliás, o preparo espiritual de um medianeiro na umbanda começa muito antes de sua atual encarnação, sendo precedido de intensa sensibilização energética em seus chacras e em seu corpo astral, que deverão vibrar muito próximo das vibrações das entidades que o assistirão. Isso é o que representa a cobertura e a outorga do plano espiritual superior, e tudo o mais feito na Terra, se não antecedido da sensibilidade psicoastral potencializada pelos técnicos do lado de cá será improfícuo. Obviamente que, existindo verdadeiramente a sensibilidade mediúnica, os ritos aplicados em centros de umbanda sérios servem de roteiro seguro ao médium, que se vê apoiado por seus irmãos umbandistas e tem o reconhecimento da comunidade que o cerca, aumentando-lhe a segurança para a sintonia com o outro lado.* (PEIXOTO, 2006: p. 126)

Fica claro que as camarinhas e os rituais de iniciação herméticos e pontuados por práticas questionáveis à luz da caridade cristã são, não apenas dispensáveis, como também são estranhos ao universo da verdadeira Umbanda, pertencendo, na verdade, aos cultos de nação.

Pode-se, então, concluir que o ritual umbandista existe com o objetivo de atingir finalidades propostas que vão desde o desenvolvimento das potencialidades mediúnicas dos praticantes, até os trabalhos de cura e desobsessão, levados a cabo em sessões de trabalho nas casas que se dedicam a tal fim.

Nesses rituais não existe fetichismo, sendo certo que todos os elementos utilizados possuem uma finalidade prática, ligada a suas características e peculiaridades. Para que não restem dúvidas, convém que se faça uma análise detalhada das características e principalmente das funções de cada um desses elementos na dinâmica dos trabalhos de Umbanda.

4.4- Os Materiais de Trabalho.

Ao se chegar a um centro de Umbanda é comum e quase invariável se deparar com a presença de grande quantidade de velas acesas, flores e imagens. Paira sempre no ar um agradável aroma de ervas queimadas, resultante da defumação. Em algumas casas ouve-se também o som dos atabaques e o canto dos pontos. Os médiuns na corrente trajam roupas brancas e trazem alguns colares no pescoço. As entidades incorporadas normalmente fumam cachimbos, charutos ou cigarros e, muitas vezes servem-se de bebidas alcoólicas e também de copos com água pura. Muitas ainda utilizam ervas, folhas ou flores, como ramos de arruda, espadas de São Jorge ou rosas, quando do atendimento aos consulentes. É comum que o leigo perceba tais elementos como mero fetichismo e que alguns cheguem mesmo a fazer pilhéria, mas tudo tem sua razão de ser e agora se passará a entender tal razão:

4.4.1- A vela.

O fogo, um dos quatro elementos, desde o início dos tempos tem sido usado como potente elemento purificador. Durante muitos séculos foi de uso comum, em casos de ferimentos em combate, com flechas, espadas, ou mesmo com balas: após a extração do projétil, o ferimento era queimado com um ferro em brasa. Esse procedimento estancava a hemorragia e, sem que se tivesse conhecimento aprofundado desse fato, servia também para fazer a assepsia do local, pois o calor eliminava as bactérias que poderiam posteriormente causar uma infecção que levasse à morte.

Na verdade, o fogo é uma potente fonte de energias diversas que se prestam, principalmente para queimar elementos indesejáveis e purificar o ambiente. Além disso, a energia oriunda da combustão também se presta à consecução de diversos outros trabalhos de "magia", funcionando como energia catalisadora de inúmeras outras reações atômicas. Basta lembrar que para desencadear reações necessárias no dia-a-dia usa-se o fogo; assim é que ele é usado para cozinhar, para mover veículos, para produzir remédios em laboratórios, enfim, para uma enorme gama de tarefas.

Ao falar no assunto, o livro **Umbanda e Seus Graus Iniciáticos** assim leciona:

> *"A utilização de velas constitui elemento importantíssimo e imprescindível na configuração dos trabalhos de magia. Vamos estabelecer a seguir o fundamento pelo qual este recurso mágico transcende a simples iluminação, que já é uma fundamental propriedade das velas.*
> *A presença do fogo oriundo da queima de velas de cera, parafina ou ainda de óleos típicos para este fim, constituídos essencialmente de hidrocarbonetos, tem uma profunda e complexa repercussão nos processos e resultados dos trabalhos executados. A constituição das substâncias nas partículas conhecidas como átomos, que as caracterizam em suas particularidades e por conseguinte, em suas*

propriedades, é o nosso ponto de partida para os devidos esclarecimentos do tema em questão.

(...)

Vejamos então a sequência de ações desenvolvidas:

a) *Energia liberada – Constitui fator propulsor em todas as atividades pertinentes à realização dos trabalhos.*
b) *Luz Amarela – Formada no topo da chama constitui a caracterização de outro tipo de energia específica (freqüência do amarelo), que por sua natureza, estimula todos os mecanismos mentais e cerebrais no exercício do intelecto.*
c) *Luz azul – Formada na base da chama, constitui a caracterização de outro tipo de energia específica (freqüência do azul), que por sua natureza, estimula a harmonia nas relações de comando e liderança, constituindo, assim, firmeza na condução dos trabalhos.*
d) *Carbono nascente – os dois tipos de chama presentes neste tipo de combustão é devido a queima incompleta do material combustível. A chama azul procede da combustão total e a chama amarela da combustão parcial. Na queima parcial estabelecem-se circunstâncias de suma importância para trabalhos que necessitem de fixação de emanações mentais. Isto porque se forma o carbono nascente, que possui a propriedade de fixar ideações mentais, tal qual uma fita magnética que grava sinais de som e vídeo. Importante ressaltar que a conformação geométrica desse elemento, o carbono, possibilita uma diversidade de propriedades, dentre as quais destacamos a isomeria quando disposto em formulações complexas ou ainda em arranjos macromoleculares da forma elementar, como por exemplo o diamante e carvão que são materiais diferentes do mesmo elemento.*
   As velas se constituem de algumas substâncias com características e propriedades diferentes , mas muitas outras em comum, que no processo de queima produzem um sinergismo em todos os desdobramentos citados anteriormente.
   Ficam devidamente catalisados pelas energias emanadas na combustão, todo este processo, através da queima incompleta, com o carbono nascente que registra e movimenta por todo o tempo de existência da chama, tal qual uma fita gravada tocando com 'auto-reverse'.
e) *Queima de indesejáveis – a presença de pontos de chama constituem excelentes sorvedores e queimadores de elementos indesejáveis, purificando os ambientes."* (D'ÁVILA & OMENA, 2006: p. 79 a 81)

Percebe-se claramente que, contrariamente ao que muitos pensam, a queima de velas não está ligada a superstições ou crendices, menos ainda a aspectos da mera tradição religiosa, mas a procedimentos de caráter científico que exigem hábeis manipuladores para sua execução, demonstrando mais uma vez o que tanto já se acentuou ao longo desse curso: **magia nada mais é que ciência astral.**

4.4.2- O álcool.

Muito se questiona o uso de bebidas alcoólicas pelas entidades, chegando alguns mesmo a afirmar que os exus vem aos terreiros saciar seus vícios terrenos, através da mediunidade de seus aparelhos. Essa interpretação decorre da prática pouco saudável intelectualmente de se julgar os fatos pelas aparências. Precipitação, ignorância e preconceito.

Sim, porque os que assim pensam, se conhecedores do Espiritismo e das peculiaridades que regem as relações entre os dois planos, deveriam saber que uma entidade que deseje se embriagar com fluidos alcoólicos pode muito mais facilmente vampirizar um indivíduo qualquer em um bar. É bem mais simples que procurar uma casa religiosa e perverter todo um culto para saciar um vício.

Na verdade, o álcool é um potente elemento de assepsia, operando com base em suas propriedades físicas e químicas. Aliás, basta observar que o mesmo composto é amplamente utilizado em hospitais, clínicas e farmácias com objetivo similar. O mentor Ramatis elimina quaisquer dúvidas a esse respeito na obra **A Missão da Umbanda**:

> *"PERGUNTA: - E quanto às bebidas alcoólicas utilizadas nos terreiros para dispersão e limpeza psicoastral, qual o fundamento científico?*
> *RAMATIS: - A utilização de bebidas com alto teor alcoólico é explicada pelas leis de atração e repulsão, de Newton.*
> *O álcool volatiliza-se rapidamente, servindo como condensador energético para desintegrar descargas e miasmas pesados que ficam impregnados nas auras dos consulentes. Toda forma de pensamento elementar é de vibração densa, e a dispersão do álcool no éter apresenta capacidade de atração, repulsão e dispersão, por ser um elemento que o interpenetra vibratoriamente, além de ser o meio volátil que faz a assepsia do ambiente. Não há necessidade de ingestão de qualquer líquido durante os trabalhos de Umbanda, à exceção da água, pois existe uma natural perda ocasionada pela potencializada evaporação fluídica do ectoplasma cedido pelos médiuns, podendo ocasionar sede e até desidratação, em certos locais de temperatura elevada."* (PEIXOTO, 2006: p. 136)

Sobressai, portanto, a orientação cristalina de Ramatis, indicando a função limpadora do álcool, além da inequívoca reprimenda àqueles que insistem em ingerir as bebidas alcoólicas durante a sessão. Deve-se ter claro que o álcool pode ser manipulado dentro de sua necessidade, podendo ser usado até mesmo em estado puro, mas não deve ser ingerido, já que as entidades não necessitam desse tipo de fluido. É certo, entretanto, que em ocasiões festivas, as entidades até podem ingerir através do médium, como uma forma de confraternização, mas, quando isso acontece é sempre em quantidades compatíveis com o decoro e, sob a expressa condição de que, após a subida da entidade, o médium não fique com uma única gota de álcool em seu organismo.

4.4.3- O tabaco.

O uso do tabaco é outro elemento polêmico, intensamente usado pelos críticos da Umbanda como meio de denegrir a doutrina. Isso porque principalmente nas últimas décadas o tabaco foi marginalizado e responsabilizado pela maioria dos problemas de saúde que

afetam a população. Sem entrar no mérito das neuroses coletivas disseminadas pela mídia sensacionalista, vale lembrar que essa erva – nativa das Américas – já era usada pelos índios pré-colombianos em suas cerimônias religiosas.

Seu uso pelas entidades não difere muito dos demais elementos estudados nesse capítulo. Trata-se de uma erva com propriedades químicas bastante variadas e que, quando submetida à combustão libera fluidos saneadores do ambiente e das pessoas. Também sobre esse ponto Ramatis lança luz:

> *"PERGUNTA: - Como explicar as defumações, o fumo usado em baforadas pelas entidades, a queima de pólvora e as ponteiras de aço cravadas no solo, sob a ótica cientificista dos atos mágicos da Umbanda?*
> *RAMATIS: - Observai que nas sessões de caridade a assistência, os consulentes apresentam pesada atmosfera psicoastral carregada de fluidos deletérios.O prana vital mantém sua vitalidade astromagnética comprimida nas ervas e folhas do fumo. Quando espargido nas golfadas esfumaçadas dos caboclos e cachimbadas dos pais velhos, o fumo se desacondiciona, liberando princípios ativos farmacocinéticos altamente benfeitores ao ambiente, desagregando as partículas densas em suspensão no éter. Essa teorização é amplamente comprovada em vossos laboratório: a utilização da queima de ervas específicas mantém um sistema constituído por um meio gasoso, em que estão dispersos elementos contidos no sólido que o originou, caracterizando um método físico-químico com duas fases: a dispersa (fumaça), que está extremamente subdividida e é antecedida pela outra, a fase dispersora (queima). Popularmente as entidades da Umbanda referem-se a isso como "destruir os fluidos ruins com um bom e favorável.* (Op. Cit. P. 134/135)

Como se observa, não se trata apenas de eliminar partículas negativas, mas também de substituir tais partículas por outras de configuração positiva para o ambiente e para as pessoas.

Diante disso, torna-se fácil entender a razão por que muitas vezes, quando se inicia uma consulta com uma entidade, ela lança na direção do consulente, em geral na direção do peito, uma baforada. Ao fazer isso, a entidade está, na verdade, limpando a aura, retirando vibrações saturadas e substituindo-as por energias mais salutares.

Não existe diferença entre o que se está fumando. Cachimbos, charutos, cigarrilhas, cigarros, tudo tem o mesmo efeito. Mas, então, por que artigos diferentes? Aí entra a simbologia da Umbanda. Pretos Velhos fumam cachimbos, Exus fumam charutos, Pombas Giras fumam cigarrilhas, cada um buscando melhor caracterizar o arquétipo que assumiu. Isso, longe de comprometer a Umbanda, torna-a mais rica, mais sutil, mais inteligente e muito mais bela.

4.4.4- As ervas e as flores.

As propriedades terapêuticas dos vegetais são conhecidas desde os mais remotos tempos. Muito antes que a medicina e a química manipulassem elementos complexos para

produzir remédios, os seres humanos já lançavam mão de ervas e raízes cujo poder de cura já se conhecia de modo empírico.

Além disso, muitas culturas ancestrais lançavam mão de ervas em suas cerimônias religiosas por reconhecerem nelas poderes "mágicos". Já no Egito eram usados incensos e, o próprio Cristo teria recebido dos Magos incenso e mirra.

Era natural que a Umbanda, bebendo no conhecimento de índios e negros e, por que não dizer também dos portugueses, tivesse herdado essa tradição de usar elementos florais com objetivos de purificação, de harmonização, de cura, enfim de uma série de funções que, presentemente a ciência oficial referenda cada vez mais através de acuradas pesquisas, comprovando o acerto da sabedoria ancestral.

Imprescindível neste tópico, observar o que dizem os autores de **Umbanda e Seus Graus Iniciáticos**, a respeito do assunto:

> *"Os vegetais são seres que apesar da condição inferior na escala evolutiva, na qual se inserem as humanas criaturas, apresentam via de regra um tônus energético puro e específico à natureza das espécies, alta freqüência vibratória devido a sua existência harmônica, sem interferências mentais típicas entre os seres superiores, que via de regra baixam o padrão vibratório dos mesmos.*
> *Os vegetais possuem a capacidade ímpar de extrair do solo (terra), água, ar, sol (fogo) e do ambiente em geral emanações afins, nas formas elementares, dando-lhes através de seu metabolismo uma nova expressão material em formas mais complexas, vitais à constituição dos seres superiores(animais) que não conseguem via de regra, em seus respectivos metabolismos, sintetiza-los. Concebem em si a essência elementar contida no meio ambiente, sintetizando estruturas moleculares complexas, com especificidades funcionais muito valiosas para a manutenção da vida em seres mais evoluídos biologicamente falando e, para configuração de um processo mágico de transmutação primário, ou seja, um processo fundamental de magia..*
> *As inúmeras formas existentes de vegetais, se devem a aspectos de influências climáticas, astrais, elementares relativas ao solo, além das matrizes genéticas que lhes conferem especificidade.* (D'ÁVILA & OMENA, 2006: p. 149/150)

O papel das ervas dentro do ritual de Umbanda é extenso e começa por sua função purificadora, por seu uso nas defumações com o objetivo de sanear o ambiente, pela destruição de miasmas e larvas. Sucede que determinadas ervas, quando submetidas à queima, liberam no ar substâncias cuja composição química e vibração tem o condão de derreter certas larvas astrais. A esse respeito vale rever a palavra de Ramatis quanto ao tabaco, pois tudo que ali se falou aplica-se igualmente a outras ervas; afinal, que é o tabaco, senão uma erva também.

É comum se assistir a Caboclos e Pretos Velhos receitando beberagens (chás, garrafadas, etc.) feitas de ervas, como remédio para a cura de certos males, o que demonstra que elas também possuem um valor fármaco terapêutico, aliás de há muito reconhecido pela ciência, haja vista que as ervas fornecem o princípio ativo de muitos medicamentos alopáticos

hoje disponíveis nas drogarias. Ressalte-se, nesse ponto, o imenso interesse das multinacionais farmacêuticas na flora amazônica, onde elas certamente vislumbram riquezas incalculáveis.

Há ainda a utilização das ervas nos banhos de purificação e de harmonização. É necessário que se compreenda que os elementos contidos em ervas e flores são também grandes ativadores energéticos, tendo efeitos altamente positivos sobre os chacras dos indivíduos. Por isso, são usados os banhos, pois a infusão libera as substâncias ativas contidas nessas ervas e flores que, quando jogadas sobre o corpo, atuam diretamente sobre o corpo astral, propiciando a regulagem ou a ativação dos pontos de energia, gerando melhor disposição, maior vigor e melhor percepção mediúnica.

A respeito desse tema, convém recorrer à orientação de W.W. da Matta e Silva em **Umbanda de Todos Nós**:

> *"Todos os Chakras, Centros ou Plexos, são gânglios nervosos que entram em maior atividade quando nos transes mediúnicos, porém, UM deles, desprende maior energia vital de acordo com a Entidade incorporante ou atuante.*
> *Veja-se, por exemplo, num bom aparelho, que o gasto de fluidos protoplásmicos faz-se sentir depois do transe, mesmo sem causar distúrbios, sobre uma região do corpo físico e isto, pode ser notado pelos próprios médiuns que, quando em carência de fluidos, ou melhor, quando notarem 'sua mediunidade enfraquecida', deverão sentir certas sensações de cansaço ou mal-estar na dita região em que este Plexo está situado, ou seja, onde este Chakra tem 'assento'.*
> *As 'ativações' desses Chakras, em grande parte podem ser processadas por intermédio de Banhos e Defumadores apropriados."* (SILVA, 2009: p. 287/288)

Resta ainda salientar que ervas e flores serão também utilizadas em trabalhos de firmeza, sob a forma de oferendas, quando as energias delas oriundas são revertidas em favor do próprio ofertante. No caso de oferendas é mais comum a utilização de flores, mas existem muitos casos em que também as ervas são utilizadas.

É comum ainda a utilização durante os trabalhos, como concentradores de energia, por isso muitas vezes se vêem caboclos incorporados utilizando espadas de São Jorge, ou Pretos Velhos utilizando ramos de arruda, ou oferecendo rosas para alguns consulentes.

Finalmente, deve-se salientar a função decorativa que possuem as flores em geral. Por essa razão, elas serão sempre encontradas enfeitando os Congas. Há que se ressaltar, contudo que, uma vez ali colocadas, seu papel nunca será meramente decorativo, pois serão utilizadas naturalmente dentro das possibilidades que sua espécie e sua natureza permitam, relembrando-se ainda que a atuação destes elementos dá-se de duas formas: energética e fisiológica, ou seja, agem rearmonizando energias ou mesmo diretamente no órgãos em situação de doença.

4.4.5- Os minerais.

Os elementos inorgânicos possuem um gigantesco número de utilizações na vida atual, sendo que, para citar-se apenas um exemplo, pode-se pensar nos metais e em sua utilidade no dia-a-dia: estruturas, ferramentas, utensílios, numa gama de objetos que vão desde agulhas a naves espaciais. Pode-se afirmar, sem medo de errar, que os minerais são dádivas da Mãe Terra, que de suas entranhas nos fornece matéria prima para a satisfação, desde as necessidades mais básicas, até os mais requintados caprichos de seus filhos.

As próprias eras da humanidade são contadas a partir do conhecimento e do domínio do uso de certos metais. Assim, quando o homem dominou o cobre, a humanidade deu um salto e saiu da Idade da Pedra. Quando dominou o ferro, novo salto qualitativo, até que houve o domínio do silício e adentrou-se uma era de possibilidades infinitas. Futuramente, os historiadores provavelmente irão chamar os tempos hodiernos de Idade do Silício.

Muito do que hoje se conhece como ciência, algumas décadas atrás seria tratado como magia e esse tratamento não estava de todo descontextualizado, uma vez que já se viu no decorrer deste curso que magia nada mais é que ciência. Dizer que a Umbanda é mágica corresponde a dizer que a Umbanda é científica e é nessa perspectiva que os minerais são utilizados dentro da ritualística.

É comum o uso de elementos minerais principalmente no equilíbrio do congá e do terreiro de um modo geral. O primeiro uso que se pode destacar é o das ponteiras de ferro ou aço que geralmente são colocadas em alguns pontos do terreiro e que tem a finalidade de fazer a descarga das energias negativas que são retiradas do ambiente. Esse é o mesmo princípio utilizado pelos pára-raios comuns: o ferro é excelente captador e condutor de energia, assim, as descargas de energias negativas, ocorridas durante trabalhos de desmanche de magia negativa, são atraídas pelas ponteiras de metal e devolvidas à terra, permitindo um equilíbrio energético e garantindo a proteção dos médiuns que atuam no trabalho. Sobre isso, Ramatis elucida:

> *"Além disso, os tratados de magia elucidam sobre as pontas de aço, caracterizando-as como meio eficaz de dissolver cargas ou aglomerações de larvas e miasmas astrais. Os antigos iniciados utilizavam espadas e punhais. Na umbanda, as ponteiras de aço nada mais fazem que servir de potentes pára-raios para as descargas eletromagnéticas liberadas em alguns atendimentos que envolvem sérias demandas contra o Astral inferior e são importantes instrumentos para a preservação da segurança dos médiuns. Possibilitam ainda desfazer pesados campos magnéticos de força plasmados no Astral, na forma de amuletos, escudos e mandalas, e aqueles construídos pela vitalidade do sangue nos despachos das encruzilhadas urbanas.* (PEIXOTO, 2006: p.135)

Outro caso que merece menção é o uso de cristais e de minérios específicos na fixação das energias do congá. Já se viu que cada orixá vibra na mesma freqüência que um metal específico, assim tem-se o ferro, ligado a Ogum, o estanho a Xangô, a prata a Iemanjá, o cobre a Oxóssi, entre outros; por isso é comum o uso de minério desses metais nos assentamentos do congá, a fim de melhor captar as energias cósmicas de cada orixá.

Assim como os minérios metálicos, os cristais são utilizados para esse mesmo fim. Nesse sentido, vale dizer que há muito a eletrônica já descobriu o valor dos cristais como captadores, condensadores e moduladores de determinadas freqüências magnéticas. Sobre isso, vale observar o que lecionam D'Ávila e Omena:

> *"Assim, em resumo, podemos dizer que os cristais são baterias que armazenam e concentram formas específicas e/ou faixas de freqüências energéticas, construindo assim mecanismos de mobilização, manutenção ou alteração de estados inerciais tanto no âmbito da matéria quanto da energia, principalmente em se tratando das emanações mentais, podendo desta forma, serem utilizados em processos de equilíbrio físico e psíquico, na cura de doenças ou na canalização de energias e influxos de forma catalisadora na realização de atividades diversas.* (D'ÁVILA & OMENA, 2006: p. 127)

O estudo das propriedades dos cristais constitui um ramo a parte do conhecimento exotérico, sobre o qual não é objetivo aprofundar nesse estudo, bastando o registro de sua relação com as vibrações dos orixás.

4.4.6- A pólvora.

Nos confrontos com o Astral inferior, nem sempre a ação deletéria dos defumadores e a energia mental dos médiuns são suficientes, pois, muitas vezes, as organizações umbralinas se servem de dispositivos mais resistentes desenvolvidos em seus laboratórios e que se mostram imunes à ação dos agentes purificadores normalmente utilizados. Quando isso acontece, torna-se necessário o uso de meios mais potentes para neutralizar a ação nociva dos magos negros. É aí que entra a pólvora. Sua queima desprende mais energia e possui maior poder desagregador de partículas atingindo com mais eficácia o objetivo pretendido nesses casos. Veja-se o que nos diz a esse respeito o mentor Ramatis no livro **A Missão da Umbanda**:

> *"Apesar dos seguidos ataques com a conotação de 'atraso espiritual', os rituais mágicos e milenares praticados na umbanda são cada vez mais comprovados pelos doutores da ciência. Insere-se nesse contexto o uso da pólvora (fundanga). Quando são queimados seus 'grânulos', eles explodem causando intenso deslocamento molecular do ar e do éter, desintegrando miasmas, placas, morbos psíquicos, ovóides astrais, aparelhos parasitas e outros recursos maléficos, instrumentos da magia*

> *negativa, e que os guias do Espaço não conseguiriam desfazer somente com a força mental e o fluido ectoplásmico dos aparelhos mediunizados."* (PEIXOTO, 2006: p. 135)

Logicamente o uso da pólvora é uma exceção, sendo reservado para trabalhos de limpeza de médiuns e de terreiro, ou ainda para atendimentos individuais em casos que a situação requeira medidas mais drásticas, devido à intensidade das forças maléficas que afetem o eventual paciente.

4.4.7- A água.

Água tem os mais diversos usos na Umbanda, assim como acontece na vida cotidiana. Para início de conversa, todos sabem que é um solvente universal: nela tudo pode ser diluído, por isso, é comum verem-se copos de água nos cantos do terreiro, pois os restos de energia negativas dissolvidas pela ação de defumadores, velas, fumaça de tabaco, e pólvora são ali depositados e diluídos, a fim de serem posteriormente despachados em água corrente e devolvidos à natureza, ao seio da Terra que se encarregará de reutilizar os detritos no eterno ciclo de conversão das energias.

É comum também verem-se pretos velhos trabalhando com um copo de água a seu lado e, de vez em quando darem uma baforada com seus cachimbos sobre a superfície daquela água, fixando posteriormente o olhar em direção ao copo como se a visualizar alguma cena. O meio aquoso, por possuir maior concentração de moléculas atua como uma tela astral mais eficiente que o ar.

Além disso, sabe-se que a água é morada de inúmeros espíritos, inclusive de elementais que, durante os trabalhos, sob a orientação dos mentores, dela se utilizam para realizar as mais diversas atividades de manipulação de fluidos, de equilíbrio energético, de desmagnetização, enfim toda uma gama de procedimentos que concorrem para o bom andamento das sessões, assim como para o bem estar dos médiuns e consulentes presentes no terreiro durante os trabalhos.

4.4.8- As guias.

Qualquer pessoa que chegue a um terreiro de Umbanda, reparará que os médiuns da corrente trazem vários colares pendurados ao pescoço. Tais colares são compostos de materiais os mais diversos e possuem cores também bastante diversificadas. São as guias,

causadoras das mais diversas polêmicas dentro do meio espírita e também do umbandista.

A fim de introduzir o assunto é necessário que se diga que o uso de guias é solicitado pelas entidades – Caboclos, Pretos Velhos, Crianças e Exus – que delas se servem durante os trabalhos com finalidades diversas, dentre as quais deve-se citar e analisar algumas de forma mais detalhada.

Primeiramente a guia é um condensador energético. A entidade que dela se serve, costuma usá-la para imantar energias de sua própria vibração que passam a funcionar como um elo fluídico entre ela, entidade, e o médium, facilitando, dessa forma, as ligações mediúnicas e o intercâmbio de energias entre os dois planos.

Em segundo lugar, a guia funciona também como um escudo fluídico. Durante as sessões de caridade, muitas vezes um mesmo médium atende inúmeros consulentes necessitados e, durante esses atendimentos, grande parte das energias trazidas pelo paciente tendem a provocar uma contaminação da aura do médium. Nesse caso, a guia suga essas energias, preservando a vibração do médium livre da interferência nociva de energias indesejadas. Por essa razão elas devem passar frequentemente por um procedimento de limpeza fluídica. Pela mesma razão, é comum ver-se uma guia, em dado momento, estourar sem o concurso de qualquer causa externa. É a saturação que leva ao rompimento.

Esses dois fundamentos para o uso das guias já descaracterizam a acusação feita por alguns no sentido de que se trata de meros amuletos, ou adereços desnecessários.

O que infelizmente ocorre é que algumas pessoas, por vaidade, exageram e acabam enchendo o pescoço com um número exorbitante e desnecessário de guias multicoloridas, a maior parte desprovida de utilidade prática.

Outro ponto que deve ser levado em consideração é que a confecção das guias deve obedecer a certos critérios, como, por exemplo, evitar o uso de contas de material plástico que não possuem qualquer propriedade magnética.

Afirma-se, portanto, que seu uso é importante, sobretudo quando a entidade expressamente solicita sua confecção, contudo entende-se que o médium preserva seu livre arbítrio, podendo recusar-se a usá-las, quando isso lhe seja desagradável, ou lhe traga constrangimento pessoal, pois a relação entre médium e mentores deve se pautar sempre pelo respeito mútuo e pela liberdade de ação, dentro dos limites da moral cristã.

4.4.9- Os atabaques.

Outro fator de grandes polêmicas nos meios umbandistas é o uso de tambores no

acompanhamento dos pontos cantados. Para alguns trata-se de um atavismo relacionado aos hábitos tribais e, por conseguinte, fator de atraso da Umbanda perante as outras religiões, principalmente perante o Espiritismo Kardecista.

O que as críticas desconsideram é que a música sempre esteve presente nas manifestações religiosas da humanidade, desde os mais remotos tempos e que presentemente isso não mudou. Curiosamente, quando algumas igrejas sabidamente cristãs se servem de guitarras, sintetizadores, baixos e baterias, ninguém considera isso uma concessão indevida aos novos tempos e a novas – e não necessariamente louváveis – tendências.

No caso da Umbanda, o fato de serem tambores e de remeterem aos cultos praticados pelos escravos remete, aí sim, a um sentimento atávico de preconceito racial, social e religioso que rotula os terreiros de Umbanda de supersticiosos e atrasados, e suas práticas de "macumba".

A questão dos atabaques, contudo, precisa ser vista sob um outro ângulo: o de seu real papel dentro do ritual. Inicialmente seria o caso de se perguntar: são indispensáveis? A resposta é não. Não são indispensáveis, da mesma forma que não são indispensáveis nem mesmo os pontos cantados. Então, na outra ponta, seria o caso de perguntarmos: são prejudiciais? A resposta é: depende.

Certamente, o uso de atabaques produz uma sensível alteração na vibração básica do ambiente. Som é energia e essa qualidade o faz passível de interferir na egrégora dos trabalhos de um grupo de médiuns, mas uma interferência pode ser benéfica ou não; pode inclusive ser neutra. Então como fica a questão dos atabaques?

Ramatis (PEIXOTO, 2006) adverte para o fato de que existem algumas batidas específicas que auxiliam na concentração dos médiuns e ainda melhoram a sintonia do grupo com as vibrações dos Orixás, mas que certamente tais batidas não se parecem em nada com o ritmo de samba adotado na maioria das casas que utilizam o atabaque. Assevera ainda que essa batida de samba interfere na concentração e na vibração de muitos membros do corpo mediúnico, além de atrair entidades desordeiras.

Assevera ainda que nas tradições africanas existiam pessoas voltadas especificamente para a confecção dos tambores rituais, que eram preparados para alcançarem determinado tipo de som, cuja vibração se prestava melhor à sintonia com os planos superiores. Esse conhecimento se perdeu e o atabaque de hoje é simplesmente um instrumento de percussão, como outro qualquer.

Nesse caso, deve-se dizer que os tambores são um elemento da tradição que podem sim ser usados no ritual, desde que o indivíduo que se proponha a tocá-lo tenha conhecimento

das batidas específicas para cada Orixá, para cada força. Caso não haja ninguém no grupo que domine esse conhecimento, melhor não fazer uso do atabaque.

Cabe lembrar a questão de preconceito puro em relação à Umbanda, pois diversos outros cultos de diferentes religiões também fazem uso da percussão; como instrumento de harmonização e de se atingir os objetivos como a concentração; tais como as baterias – muitas delas bastante sofisticadas e que chegam a tomar quase a metade de altares – além de guitarras, trompetes, pandeiros, que, claro, tem seu valor e utilidade em cada grupo religioso, mas que não recebem quaisquer criticas por parte dos mesmos que se assombram e se arrepiam com três atabaques. Cabe perguntar: o problema é o instrumento, o ritmo, a letra das músicas, a origem dos participantes ou são os olhos, os ouvidos e o coração de quem ouve? Ressalte-se ainda que esta rejeição injustificada perpassa ainda dentro da cabeça de alguns dos participantes da Umbanda, quando comparam estes instrumentos com as práticas de suas religiões anteriores.

Não se faz aqui uma defesa barata deste ou daquele instrumento, mas apenas se realiza um chamamento à coerência nas consciências dos praticantes, simpatizantes ou estudiosos da Umbanda. **Mesmo por que os instrumentos ou as formas dos cultos e ritos são estabelecidos e permitidos pelas entidades superiores que regem os trabalhos no plano espiritual**. Cabe ao médium sim questionar, mas lembrar também que: 1. Todos são importantes; 2. as portas estão sempre abertas, para entrar ou sair ou mesmo fundar outra religião; 3. Cabe e cada um contribuir, entender ou simplesmente manter-se na crítica infrutífera e até mesmo na discórdia; 4. Deve-se questionar sim, mas ter a fé e a confiança em Deus e na coerência dos mentores da Casa onde trabalhem e nos seus próprios.

Os tempos das Luzes já estão chegados há muito.

4.4.10- Os pontos cantados.

Embora algumas vertentes esotéricas afirmem que os pontos seriam originalmente mantras e que as cantigas entoadas nos terreiros não tenham qualquer valor, a verdade é que elas são verdadeiros hinos de louvor aos Orixás, às entidades e contribuem imensamente para a preservação do padrão vibratório durante as sessões. Enquanto se ocupam em entoar os pontos, os membros da corrente evitam a dispersão mental, o foco do pensamento em outras coisas que poderiam interferir na vibração da corrente.

Embora sua utilização não seja indispensável, são importantes pelo que já se falou e, além disso, Ramatis (PEIXOTO, 2006) ainda assinala uma outra função dos pontos que é a de

demarcar a separação entre as linhas que estão sendo chamadas em cada momento.

4.4.11- Os pontos riscados.

Também conhecidos como "Lei de Pemba", os pontos riscados possuem uma importância considerável dentro da sistemática umbandista. Esse tópico, por sua complexidade, merecerá um capítulo autônomo dedicado a um estudo aprofundado de seu papel no ritual umbandista.

Há que se salientar, contudo, que o que realmente importa, dentro da sistemática da Lei de Pemba são os sinais riscados, pois a pemba propriamente dita é apenas um bloco de giz branco ou de cores específicas, adquirido em lojas do ramo, sem qualquer propriedade mágica inerente a sua natureza ou origem.

Necessário se faz essa observação, pois existem lojas que anunciam pembas confeccionadas com calcário africano que teriam muito maior eficácia nos trabalhos. A única eficácia de tais objetos é relativa ao lucro que proporcionam a seus comerciantes que os vendem a um preço imensamente superior ao objeto comum que, na prática, surte o mesmo efeito.

4.4.12- A roupa branca.

Trata-se de um elemento ligado às três funções do ritual. Primeiramente o branco é um símbolo de pureza e é aconselhável que a roupa seja a mais simples possível, evitando as rendas, os babados e qualquer tipo de excesso, o que acrescenta ao traje o elemento simplicidade.

Em segundo lugar, a cor branca por sua vibração básica é mais permeável às energias espirituais, o que torna o médium mais acessível e, via de regra, facilita a ligação dos mentores aos chacras do aparelho.

Por último, deve-se ressaltar o aspecto organizacional, na medida em que a uniformização do corpo mediúnico contribui para uma melhor identificação dos médiuns, tanto por parte do dirigente dos trabalhos, quanto pela assistência. Trata-se, portanto, de um item ligado à organização e à disciplina.

Por tudo que se disse, é possível concluir que, se a roupa branca não é indispensável, sua utilização é contudo altamente aconselhável.

Esses, portanto, os tópicos que necessitavam ser tratados no que diz respeito aos

materiais de trabalho utilizados nas sessões práticas de Umbanda. No próximo capítulo, se adentrará o estudo dos rituais propriamente ditos.

4.5 - Dos rituais em espécie, do terreiro e do Congá.

Deve-se começar por lembrar das três funções básicas do ritual umbandista, para se acentuar o fato de que por trás de todo ritual praticado na Umbanda existe sempre uma razão prática, não havendo rituais realizados por mera simbologia ou por mera ostentação.

Deve-se entender por razão prática que haverá, ao longo de todas as celebrações ritualísticas, entidades trabalhando para um determinado fim que pode ser o de auxiliar os médiuns, nos chamados rituais iniciáticos, ou o de atender aos consulentes, nas sessões de trabalho caritativo.

Já é possível perceber, portanto, que existem modalidades diferentes de trabalhos, sendo certo afirmar que alguns deles se voltam para a preparação, harmonização, educação, iniciação e desenvolvimento do médiuns, enquanto outros se voltam para o público em geral, para o atendimento das demandas físicas e espirituais daqueles que procuram os terreiros em busca de consolo e bálsamo para suas mazelas.

Aqui se tratará primeiramente dos rituais internos, ou seja, aqueles voltados para os médiuns e para o equilíbrio energético do terreiro. Convém mais uma vez esclarecer que todas as práticas relatadas são típicas da Umbanda, consagradas pela tradição nos centros de orientação umbandista pura e ratificadas pelos mentores, inclusive pelo mestre Ramatis, principal referência deste curso.

Nunca é demais lembrar, portanto, que os rituais umbandistas não se confundem com os ritos tradicionais de Nação e, por isso, em Umbanda NÃO EXISTEM recolhimentos, raspagens, catulagens, boris, matanças, feituras nem obrigações periódicas. Tudo que se pratica está voltado para a busca da harmonização fluídica do médium com seus guias e protetores, visando a um melhor desempenho nas sessões de caridade.

4.5.1 - Os Rituais de Iniciação, de Firmeza e de Harmonização.

Todo indivíduo que pretenda fazer da Umbanda seu meio de religação com a divindade, através da prática da caridade cristã em comunhão com as entidades espirituais, deve saber antes de mais nada, que Umbanda é uma religião iniciática. Isso significa que, antes de se integrar à uma corrente mediúnica de atendimento, deve passar por uma série de

passos destinados a prepará-lo física e espiritualmente para o trabalho árduo que irá realizar e que muitas vezes implica em confrontos com entidades do astral inferior, em escoamento de energias pesadas e nocivas, em atendimento fraterno a pessoas necessitadas que, muitas vezes, encontram-se no limite entre a sanidade e a loucura, entre a vida e a morte.

Essa preparação consiste em harmonização fluídica com as vibrações dos mentores, feita através de uma série de ritos destinados à limpeza dos chacras, ao reconhecimento das vibrações, ao fortalecimento físico e espiritual. Nunca é demais lembrar que, sem a predisposição à reforma íntima e à interiorização do Evangelho do Cristo, todos esses rituais, por mais bem realizados que sejam, são meras exterioridades. A verdadeira iniciação possui mão dupla, isso é, acontece de dentro para fora e de fora para dentro.

4.5.1.1 - A educação mediúnica.

Todo o processo iniciático principia pelo aprendizado teórico, onde o iniciante tomará conhecimento dos princípios, da filosofia, dos fundamentos, enfim, do arcabouço teórico que norteia as práticas umbandistas. Essa educação se reveste de fundamental importância, quando se procura praticar a religião de forma racional, isenta de misticismos e superstições, entendendo a razão de cada um dos rituais, conhecendo as entidades, suas particularidades, suas funções e formas de atuação.

Além disso, o iniciante também deverá passar por um aprendizado sobre o que é mediunidade, sua função, seu sentido, sobre como bem exercitá-la e como utilizá-la de forma correta, tornando-a instrumento útil na prática do bem e da caridade, segundo os preceitos do Cristo e os objetivos dos mensageiros de Umbanda.

Falando sobre isso, em sua obra **Código de Umbanda**, Rubens Saraceni se expressa de forma magistralmente feliz ao lecionar:

> *"A educação mediúnica é muito importante, pois só se reeducando internamente é que um médium alcança níveis vibratórios mentais e conscienciais que lhe facultam os níveis espirituais superiores, a sintonização mental com seu mestre individual, a neutralização de possíveis vícios antagônicos com as práticas religiosas e a compreensão ou percepção do que acontece à sua volta, mas não é visível, assim como do que está acontecendo dentro de seu campo mediúnico. Quando bem educado mediunicamente, sua sensitividade é capaz de identificar presenças positivas ou negativas que adentrem em seus limites vibratórios.*
>
> *(...)*
>
> *É comum dizer que quem desenvolve sua mediunidade torna-se mais capaz do que quem não a desenvolve.*
> *Isso é uma verdade se quem se desenvolveu também compreendeu os compromissos que assumiu. Mas é pura fantasia se ele nada entendeu e logo começou a enfiar os pés pelas mãos, pois, se ele adquiriu um poder relativo, começa a se chocar com um*

> *poder absoluto: a Lei de Ação e Reação. Assim, sua suposta superioridade logo o lança em um sensível abismo consciencial.* (SARACENI, 2008: págs. 97 e 98)

Enquanto não iniciou seu aprendizado, o iniciante poderá freqüentar as reuniões como espectador, ou, caso deseje se juntar à corrente mediúnica, deverá permanecer na função de cambono, quando estará doando energias e contribuindo para o andamento dos trabalhos, na medida do auxílio que presta às entidades atuantes.

Somente após um período de estudo e aprendizagem, período esse que varia de terreiro para terreiro, quando já tiver adquirido noções básicas, o médium poderá dar sequência a seu trabalho de iniciação, sem prejuízo da continuidade dos estudos. Vem, então o batismo e o início do desenvolvimento.

4.5.1.2- O batismo da lei.

Faz-se necessário, inicialmente, que se estabeleça uma diferenciação em relação ao conceito de batismo: originalmente a idéia de batismo está ligada a um sacramento que tem o condão de livrar o indivíduo dos pecados anteriores e renová-lo para uma nova existência em comunhão com a divindade e com os preceitos da religião que está abraçando. Via de regra esse sacramento é ministrado a bebês, notadamente na Igreja Católica, e representa o renascer das águas. A Umbanda também possui esse sacramento, para crianças que tenham nascido em lar umbandista e cujos pais assim desejem fazer. Contudo, não é esse o escopo do Batismo de que se tratará nesse tópico.

O Batismo da Lei é o ritual pelo qual o iniciante, já conhecedor dos preceitos da Umbanda, pratica um ato explícito de conversão, correspondente a dizer: *"conheço e entendo os preceitos umbandistas e desejo vivê-los em plenitude, praticando a caridade cristã e oferecendo meu dom mediúnico como instrumento de trabalho para os irmãos do plano maior, a fim de que juntos possamos disseminar a palavra do Cristo."*

Como se pode perceber, não se trata de um ato meramente simbólico, mas de um ato profundo que deve ser precedido de grande reflexão, pois que pode ser visto como um marco, um divisor de águas para uma mudança qualitativa de atitudes, bem como para a assunção de um compromisso com o plano espiritual.

Deve-se ter em mente que esse compromisso não é inexorável e que os humildes trabalhadores da Corrente Astral de Umbanda jamais praticam qualquer ato tendente a violar o livre arbítrio e o livre direito de escolha dos irmãos encarnados. Esse compromisso poderá sempre ser rompido, ou mesmo negligenciado, sem que isso acarrete as antológicas "surras de

santo", de que só são vítimas aqueles que, em algum momento, fazem pactos sangrentos com entidades perversas e profundamente radicadas no mal, que se aproveitam da boa fé e da ingenuidade de muitos para selarem acordos que lhes permitam angariar comparsas encarnados para a perpetração dos crimes que ainda se regozijam em praticar.

O único algoz do homem de bem é sua consciência. Essa é a única que poderá, eventualmente, lhe cobrar pela negligência a um compromisso assumido, daí a necessidade de muita reflexão antes do ato específico de conversão.

Uma vez tomada a decisão, o iniciante se submeterá a uma cerimônia simples, previamente marcada e que será dirigida pelo chefe do terreiro que não estará mediunizados, embora assistido por todos os mentores da casa, que estarão presentes ao ato, vibrando e trabalhando durante a cerimônia.

Por fim, quanto às críticas daqueles que condenam os rituais em nome de um cristianismo esclarecido, adotamos a reflexão de Leal de Souza (1933): " *Não vejo inconveniente em celebrar, numa casa onde se invoca Jesus, um ato a que Jesus se submeteu."*

4.5.1.3- A cerimônia de batismo.

Como em muitos outros aspectos, não existe um cerimonial padrão para o batismo. Geralmente, os terreiros costumam cada um instituir seu próprio ritual, mas, dentro dessa diversidade, há um núcleo comum que constitui, provavelmente, a essência do ato. Podemos citar como componentes desse núcleo:

- o batismo só se faz uma única vez (se tiver sido feito na infância, terá uma confirmação aos vinte e um anos);
- será sempre realizado em uma cachoeira, ou rio, sendo permitida a variação por uma praia, em áreas litorâneas;
- será feito sempre, após um período de preparação através de estudos teóricos, para que o iniciante conheça a doutrina de Umbanda;
- após o batismo, haverá um período de sete dias de resguardo, quando o iniciante deverá abster-se de carnes, álcool e sexo.

A cerimônia será oficiada pelo dirigente do terreiro que não estará mediunizado, embora os mentores estejam todos presentes assistindo e vibrando sobre aquele que esteja se batizando.

Alguns autores tendem a chamar o batismo de adultos de "confirmação" em alusão ao

fato de que o batismo, conforme a tradição de diversas religiões, acontece na infância. Contudo, o ato de conversão na Umbanda também pode e deve ser chamado de batismo. Veja-se o que diz a respeito Omolubá, em seu livro **Fundamentos de Umbanda**:

> *"A confirmação tem lugar aos 21 anos, quando então o egresso do batismo, consciente, aceita a doutrina de Umbanda, seguindo-a em todos os seus ditames. Essa tomada de conhecimento fundamenta-se na maioridade que o mesmo atingiu, atribuindo-lhe a responsabilidade da idade adulta.*
> *Os batizandos de maior idade, que procuram pela primeira vez a senda umbandista, estão isentos do ato confirmatório, em virtude de acharem-se em plena posse de sua razão."* (OMOLUBÁ, 2004: p. 104/105) Grifo Nosso.

O termo grifado demonstra claramente que aqueles que se apresentam para o ato já na maioridade são tratados como batizandos, o que permite inferir que se trata de um ritual de batismo.

4.5.1.4 – Os fundamentos ou a finalidade do batismo.

Na verdade, pelo fato de ser uma religião iniciática, o batismo é entendido como um segundo momento no processo de iniciação do médium de Umbanda (o primeiro é a formação teórica), sendo o momento em que as entidades iniciam o processo de preparação fluídica daquele médium para os futuros trabalhos de atendimento e caridade.

Assim, durante a cerimônia de batismo, haverá grande número de espíritos trabalhando na ativação dos chacras daquele batizando, afim de iniciar o processo de sintonização com as energias astrais típicas dos trabalhadores da corrente astral de Umbanda, por isso, deve haver o ritual, a fim de que o sítio vibracional, a presença de uma corrente mediúnica e o ambiente devidamente preparado forneçam a egrégora adequada para que esse trabalho de ativação seja realizado. Vale ressaltar o que diz W.W. da Matta e Silva a respeito da questão:

> *"As' ativações's desses Chakras, em grande parte podem ser processadas por intermédio de Banhos e Defumadores apropriados.*
> *Essas confirmações ou 'fixações' deverão obedecer às seguintes diretrizes: inicia-se pelo ato de purificação e segurança, no qual o Iniciante vai tomar contato direto com as forças espirituais dentro de uma certa Magia e que fará assumir, de pronto imediata responsabilidade pelo Batismo da Lei.*
> *Este somente se faz uma vez e deve ser escolhido um dia positivo ou favorável do Planeta do aparelho, no próprio signo."* (SILVA, 2009: p.288)

Como se pode perceber, não se trata de um ato meramente simbólico, pois, como em todos os outros rituais de Umbanda, no momento do batismo, estará sendo levada a efeito

uma manipulação de fluidos visando a dar mais condições de trabalho ao médium, a partir de sua própria declaração de que deseja atuar dentro dos princípios da Umbanda Sagrada. Por isso, a iniciativa de se batizar deve ser precedida de grande reflexão a respeito do verdadeiro desejo do médium de se dedicar a essa nobre causa, lembrando sempre que a iniciação corresponde a um compromisso assumido e que o plano astral estará mobilizando sempre muito trabalho e energias nesse ato, para que alguém o faça por capricho ou por ostentação.

4.5.2 – As firmezas de orixás.

Este é um dos pontos mais polêmicos do ritual umbandista e, provavelmente, um daqueles sobre o qual a ignorância popular mais lança críticas e chacotas. Trata-se das tradicionais oferendas, onde os médiuns de Umbanda "arriam obrigações" para seus orixás de cabeça e, eventualmente, para seus guias.

Muitos questionamentos tem sido lançados sobre esses trabalhos, sob o argumento de que espíritos não comem, não precisam desse tipo de oferenda, que isso é atavismo, que são rituais primitivos, que é "macumba" e tantas outras críticas que, no fundo, só demonstram o desconhecimento geral em relação aos fundamentos do ritual em si.

Acontece que, após o Batismo da Lei, o médium passa a integrar a corrente mediúnica e ali vai receber a comunicação objetiva de seus mentores diretos. Esses mentores, chamados popularmente na Umbanda de "Pais de Cabeça", são, na verdade, os responsáveis pela mediunidade daquele indivíduo e comandam a equipe espiritual que passará a atender através daquele médium. Isso porque o médium na corrente de Umbanda pode trabalhar e dar atendimento com inúmeras entidades: Caboclos, Pretos Velhos, Crianças, Exus, Marinheiros, Boiadeiros, Baianos, Ciganos, mas entre essas entidades sempre haverá uma hierarquia e todos estarão subordinados aos Pais de Cabeça daquele médium.

Não existem meios cabalísticos ou advinhatórios de se determinar quem são esses mentores. A única forma de conhece-los é compondo a corrente mediúnica e esperando que eles mesmos se manifestem e se apresentem, no momento em que eles julgarem adequado e possível, por isso ninguém, nenhum babalorixá, vidente ou quem quer que seja, através de búzios, cartas, ou qualquer outro meio material poderá dizer quem são os mentores de alguém.

Geralmente esses mentores são em número de dois, sendo uma entidade masculina (Pai de Cabeça) e uma entidade feminina (Mãe de Cabeça), mas isso não é uma imposição e pode haver pessoas com apenas um, ou com três, mas certamente que eles comporão uma das sete linhas: Oxalá, Ogum, Xangô, Oxóssi, Iemanjá, Yorimá ou Yori.

Na medida em que o médium vai se tornando mais apto e sua mediunidade vai se aperfeiçoando, esses mentores costumam pedir que sejam feitos trabalhos de firmeza que consistem em oferecer determinados elementos, em geral flores, frutos, vegetais comestíveis, velas e bebidas. Os materiais constantes das oferendas estarão sempre ligados à faixa vibratória da entidade que os solicita, porque os vegetais também possuem uma energia própria (prana) que é regida por uma das sete vibrações originárias.

Dessa forma, quando o médium faz a oferenda daqueles elementos, o mentor utiliza essa energia típica presente em cada um deles para fazer um trabalho de limpeza e fortalecimento fluídico do corpo astral daquele médium, operando para fortalecer os laços de sintonia entre ele (médium) e a entidade mentora.

Na senda do que se acabou de dizer, apresenta-se absolutamente reveladora a consideração tecida por D'Ávila e Omena em **Umbanda e seus graus iniciáticos**:

> *"As chamadas oferendas constituem um dos aspectos da ritualística inerente à Umbanda. Sua expressão transcende a própria concepção do termo e representa um valoroso mecanismo de mobilização de energias, uma das formas mágicas com que os fundamentos esotéricos são postos em prática. Na verdade a terminologia restringe todo o conteúdo fenomênico que constitui essa prática. Não se trata apenas de apresentar elementos em dádiva, na pretensão de agradecer ou angariar ajuda para a realização de um determinado objetivo.*
>
> *(...)*
>
> *Os trabalhos de magia são agentes poderosos na configuração de canalização de influxos diversos para um determinado objetivo. A Umbanda prescinde desta atribuição como forma de integração natural entre elementos e seres na busca de harmonia e equilíbrio entre planos e seus respectivos integrantes.*
>
> *Realizar uma oferenda ou trabalho de magia, pode objetivar resultados de ordem física e/ou espiritual. Pode estabelecer uma relação de cura ou obtenção de auxílio material. Pode agir diretamente no organismo ou em corpos superiores. Pode conduzir a um estado de realização intelectual, social e o que é mais importante sobre nosso ponto de vista, estabelecer, estreitar e ativar o processo mediúnico em conciliação com as diretrizes espirituais.*
>
> *(...)*
>
> *Atribuir às oferendas uma conotação primitiva, na concepção pejorativa do termo é sem dúvida ignorância quanto ao aspecto fenomênico que incide e fundamenta estas práticas, via de regra pautados em sectarismos diversos, que são embutidos em doutrinações feitas por falsos líderes que conduzem verdadeiros 'rebanhos' nas sendas de seu bel-prazer."* (D'ÁVILA & OMENA, 2006: p. 73/74)

Esses trabalhos somente são realizados, quando solicitados pelos mentores e são feitos dentro do terreiro do médium, ou, conforme orientação espiritual, em algum sítio vibracional, como matas ou cachoeiras, caso em que todos os materiais utilizáveis deverão ser necessariamente perecíveis, porque não se pode entender que as entidades viessem a contribuir para a degradação da Natureza, pedindo coisas que viessem a poluir o ambiente.

Outro aspecto importante é que nenhum trabalho de firmeza utilizará carne, ou qualquer outro material que implique o sacrifício da vida ou da integridade física de nossos

irmãos inferiores.

Por tudo que se disse, já é possível deduzir que os "trabalhos" com que frequentemente nos deparamos nas esquinas e encruzilhadas urbanas não são trabalhos de firmeza e igualmente não são produzidos por seguidores e adeptos da Umbanda, configurando-se, no mais das vezes, como trabalhos de baixa magia.

Apesar disso, todo umbandista sincero, diante de um desses despachos, deve conservar uma atitude de respeito, entendendo que cada pessoa age conforme seu grau de evolução.

4.5.3 – Banhos ritualísticos, de purificação e de harmonização.

O uso de banhos rituais é tão antigo, quanto as crenças religiosas da humanidade. Silva (2009) cita os banhos de purificação dos Hindus no Rio Ganges e as práticas dos Essênios, ao tempo de Jesus, como exemplos dessa afirmação.

Na Umbanda o uso dos banhos está ligado ao ato de purificação do corpo astral, de ativação dos chacras, com conseqüente aguçamento da faculdade mediúnica. É extremamente comum observarem-se Pretos Velhos receitando o uso de banhos como parte da terapêutica dos consulentes e pacientes nos terreiros.

A eficácia de tais banhos se baseia nas propriedades de certas plantas e de alguns elementos minerais, propriedades essas conhecidas desde tempos ancestrais e, em muitos casos, presentemente comprovadas pela ciência médica, através do estudo detalhado dos princípios ativos de certos vegetais.

Aos médiuns atuantes nas casas de Umbanda é indicado o uso sistemático de tais banhos, como elemento revitalizador, ativador dos chacras, para fins de preservar um melhor grau de sintonia entre médium e entidades comunicantes.

Em linhas gerais, podemos distinguir os seguintes tipos de banhos [9]:

4.5.3.1 – Banhos de eliminação ou descarga.

São normalmente conhecidos como banhos de descarrego, sendo utilizados com o objetivo de se produzir limpeza astral e destruição ou eliminação de larvas, ou miasmas, vindas de qualquer fonte.

O fundamento é que a dinâmica da vida nos coloca em contato com as mais diversas

[9] Classificação baseada nos ensinamentos de W.W. da Matta e Silva, op. cit. págs. 209 a 211.

situações, muitas delas conflituosas, outras em que somos vítimas de energias negativas oriundas da inveja, do ciúme, da raiva, enfim, decorrências de se viver em um mundo de expiação e provas, em que ninguém é santo.

Essas energias negativas tendem a irem se impregnando e se acumulando em nosso corpo astral, causando, entre outras conseqüências, uma dificuldade de sintonia com os mensageiros do plano maior. Assim, aconselha-se que todos, mas principalmente os médiuns, procurem tomar regularmente tais banhos, a fim de se preservarem dos malefícios acarretados pelas energias pesadas. Aos médiuns em especial se dirige a recomendação, em função de que, por força de sua atuação nos trabalhos de atendimento e desobsessão, encontram-se mais expostos a cargas negativas oriundas das muitas entidades sofredoras que passam por tais trabalhos.

Existem alguns elementos cujas propriedades os transformam em poderosos agentes saneadores do corpo astral e dos chacras, em função de seu poder de atuar como dispersores dessas energias maléficas. Entre esses elementos o mais conhecido e popularizado é o sal grosso, mas existem também algumas ervas e plantas que fazem esse papel.

4.5.3.2 – Banhos de fixação ou ritualísticos.

São também conhecidos como banhos de harmonização. Sua função é a de promover a ativação dos chacras, melhorando a sintonia de sua vibração e harmonizando-os com as vibrações dos mentores do médium.

É aconselhável que tais banhos sejam tomados regularmente por todos aqueles médiuns que participam da corrente, já estejam batizados e conheçam os seus pais de cabeça, bem como sua vibração originária.

Tais banhos não podem ser tomados a esmo, pois exigem uma seleção criteriosa das ervas e flores que serão utilizadas em sua preparação e que devem ser selecionadas entre aquelas que sejam regidas pela vibração do orixá do médium.

Além disso, devem ser tomados em dias certos, também de acordo com a regência planetária do orixá do médium. Esses dias são determinados com base nos conhecimentos de astrologia que determinam que planeta rege cada dia da semana. Para se dar um exemplo, um médium que tenha como orixá de frente Ogum, deve saber que a vibração Ogum tem correspondência vibratória com o planeta Marte. Esse planeta rege ordinariamente o dia de terça-feira, assim, os filhos de Ogum devem tomar seus banhos de harmonização às terças-feiras.

Há ainda outras coisas que devem ser levadas em conta, como o caso daqueles médiuns que tem sua vibração original pessoal sob uma determinada regência, mas tem seu orixá de cabeça vibrando em outra freqüência. Nesse caso, tanto a seleção das ervas, como o dia em que se tomarão os banhos sofrerão alterações.

Como se percebe, não se trata de um procedimento aleatório, que qualquer um possa ir realizando a seu jeito, por isso são chamados banhos ritualísticos, porque sua preparação e sua execução estão sujeitas a todo um ritual e demandam todo um conhecimento sobre orixás, ervas e regências que demandam estudo e preparação.

4.5.3.3 – Amaci [10].

O amaci é um ritual de fixação de energias, realizado pelos médiuns de Umbanda com o objetivo de fixar as energias dos pais de cabeça no chacra coronário do médium que se está submetendo.

Difere dos banhos de fixação por três razões distintas: em primeiro lugar, o amaci não é exatamente um banho, mas uma lavagem de cabeça. Em segundo lugar, nos banhos de fixação as ervas são fervidas na água que será utilizado para o banho, enquanto que no amaci as ervas são maceradas e misturadas à água que irá servir para lavar a cabeça do médium. Em terceiro lugar, os banhos de fixação são tomados em casa, enquanto que o amaci deve ser feito exclusivamente no terreiro, sob a vibração de uma corrente mediúnica e comandado pelo dirigente do terreiro, incorporado ou não.

O amaci deve ser considerado como uma obrigação e não é feito com a freqüência com que são tomados os banhos de fixação, sendo que cada casa adota uma freqüência própria para a realização de seus amacis, sendo a mais comum a anual.

Também deve ser levado em consideração que o amaci geralmente é aplicado em médiuns que se encontrem num estágio mais avançado em relação ao desenvolvimento de sua mediunidade e que já conheça seus guias, sendo certo que o ritual é realizado de forma específica, com ervas diferentes para cada orixá.

É, na verdade, um ritual muito importante, onde o trabalho do médium se restringe à coleta e à maceração de suas ervas. Todo o trabalho de fixação das energias é realizado pelas entidades, durante o ritual, razão pela qual se exige que o mesmo seja realizado no terreiro, pois envolve manipulação de energias que necessitam de ambiente preparado, com a devida

[10] Embora Matta e Silva não se refira especificamente ao ritual do Amaci, entende-se que o mesmo se enquadre na categoria dos banhos e não pode deixar de ser citado, devido a sua importância.

canalização de forças determinada pelos assentamentos da casa e pela vibração da corrente mediúnica.

Não cabe ao médium dizer quando deseja fazer um amaci. Essa necessidade será determinada pelo próprio guia que, incorporado, solicitará ao dirigente da casa a realização da obrigação. Isso, contudo, varia de centro para centro, pois em muitas casas se adota a sistemática de o dirigente determinar quando cada pessoa deverá realizar o amaci, e ainda há situações em que a realização do ritual obedece a calendário pré-determinado, caso em que, numa determinada época do ano a instituição realiza uma cerimônia coletiva na qual todos os médiuns em condições são submetidos ao amaci.

4.5.3.4 – Banhos de elevação ou litúrgicos.

São aplicados a médiuns já iniciados e com grande experiência na prática de Umbanda. Tais banhos tem a finalidade de promover uma elevação do padrão vibratório, permitindo um maior grau de sintonia com entidades de hierarquia mais elevada, por isso são aplicados em geral a médiuns que exercem funções de direção de trabalhos.

Nunca é demais acentuar que a elevação buscada pelos banhos em questão não depende somente das ervas e da preparação do ritual. A principal elevação deve estar presente na mente daquele que se submete ao ritual. Se assim não for, por mais apropriado e bem feito que o banho seja, nenhum efeito surtirá.

4.6 – Dos Rituais de Trabalho.

A dinâmica da Umbanda gira em torno de trabalhos de atendimento aos necessitados que busquem auxílio das entidades. É a prática da caridade espiritual, razão de ser da Umbanda. Pode-se mesmo afirmar que sem caridade não há Umbanda viável.

Os trabalhos caritativos de atendimento são realizados em reuniões com dia e hora fixos, com periodicidade geralmente semanal, podendo, contudo, ser quinzenal, mensal, e até mesmo mais de um dia na mesma semana. Essas reuniões são denominadas sessões ou giras de atendimento.

Além dessas existem também as giras festivas. Essas são reuniões que ocorrem em datas comemorativas, normalmente aquelas em que se comemoram os dias de determinados santos católicos que, pelo sincretismo, foram associados às sete linhas de Umbanda.

4.6.1 – As sessões ou giras de atendimento.

Destinam-se a propiciar que os necessitados que tenham acorrido ao terreiro em busca de lenitivo para os males que os venham afligindo tenham oportunidade de conversar com uma entidade incorporada que os orientará, transmitirá passes energéticos, fará a limpeza fluídica, aconselhará eventuais obsessores e passará receitas de banhos e/ou chás destinados ao seu reequilíbrio físico e psicológico.

Essas giras ocorrem sempre num mesmo dia da semana, podendo variar de periodicidade, começando sempre na hora marcada e preferencialmente terminando também na hora determinada para o seu término.

O local de sua realização será sempre dentro das dependências do templo, mas, extraordinariamente e sempre por motivos relevantes, as entidades poderão determinar que alguma sessão de atendimento ocorra fora do templo, caso em que indicará um sítio da natureza, podendo ser uma floresta, uma cachoeira, ou uma praia.

A preparação do local será feita com antecedência, devendo serem acesas as velas destinadas à firmeza, distribuídos os recipientes com água nos locais adequados, colocados ao alcance todos os materiais que serão utilizados durante o trabalho, como velas, charutos, cachimbos, pembas, fósforos, defumadores e incensos. Da mesma forma, deve-se providenciar com antecedência o acendimento do braseiro do turíbulo com o qual se fará a defumação do ambiente e das pessoas.

4..6.1.1 – A dinâmica das giras de atendimento.

Alguns minutos antes do início, cada um dos médiuns da corrente fará sua saudação ao Congá, momento em que, batendo a cabeça, pedirá equilíbrio, clareza, disposição, proteção, enfim, tudo que julgar necessário para o bom desempenho dos trabalhos que irão ser realizados. Após isso, ocupará seu lugar na corrente mediúnica, permanecendo em silêncio e em prece, procurando estabelecer a melhor sintonia possível com seus mentores.

Na hora marcada, precisamente, o dirigente da sessão fará a saudação à defumação e, enquanto todos os membros da corrente entoam os pontos destinados a esse fim, o médium responsável fará a defumação, primeiramente do Congá, depois do ambiente de trabalho, depois dos médiuns e finalmente da assistência. Se não for possível defumar cada um dos presentes na assistência, o turíbulo deverá passar próximo às pessoas e essas deverão se aproximar o máximo possível da fumaça, procurando espargi-la sobre seu corpo.

Terminada a defumação, o dirigente fará a prece de abertura, momento em que deverá haver absoluto silêncio entre todos os presentes. Após isso, fará as saudações à Umbanda, a Oxalá, aos Mentores da casa um a um, aos guardiões das entradas, pedindo segurança e proteção para a realização dos trabalhos e, em seguida, todos cantarão os pontos de abertura. Nesse ponto, a entidade do dirigente virá riscar seu ponto e fazer a firmeza da sessão.

Finda essa etapa, o dirigente fará a saudação às sete linhas, podendo, se desejar, cantar um ponto para cada um dos orixás, sem que, no entanto, haja incorporações durante essa etapa, pois as entidades estarão vibrando sobre seus médiuns, mas sem a ligação fluídica da psicofonia.

Após a saudação às sete linhas, o dirigente fará a saudação à vibração que estará trabalhando naquele dia – que poderá ser Preto Velho, Caboclo, Criança, ou Exu – e começará a cantar os pontos de chamada relativos à vibração em questão. Os médiuns em condições de trabalho, assim que sentirem a vibração de sua entidade, deverão dar passagem e assim se prosseguirá, até que todas as entidades trabalhadoras da noite estejam em terra. Assim que as entidades se manifestarem, os cambonos já iniciarão o processo de preparação dos materiais solicitados pelas entidades para a execução do trabalho, acendendo charutos ou cachimbos, trazendo copos de água, velas, pembas, banquinhos, enfim, tudo aquilo que se fizer necessário para o bom andamento dos atendimentos da noite.

Nesse ponto, já deverá ter sido providenciada de alguma maneira a ordem de atendimento, seja pela inscrição dos nomes, seja pela distribuição de senhas específicas para atendimento com cada entidade.

Inicia-se a chamada dos consulentes e as entidades iniciam os atendimentos. Deverá haver cambonos e médiuns de transporte à disposição das entidades atendentes e esses deverão estar atentos a qualquer chamado, a fim de que a reunião se processe sem atrasos desnecessários.

Depois que o último consulente houver sido atendido, o dirigente determina que se cantem os pontos de despedida daquelas entidades. Tão logo elas tenham se despedido e subido, faz-se a chamada das entidades encarregadas da limpeza do ambiente. Terminada a limpeza, tendo as entidades ido embora, o dirigente pede aos médiuns que ocupem seus lugares, faz a prece de encerramento, canta o ponto de encerramento e declara finda a sessão.

4.6.1.2 – Generalidades sobre as reuniões de trabalho.

Essas reuniões podem ter objetivos e naturezas diversas, podendo ser de

aconselhamento, de limpeza, de desobsessão ou de cura. Normalmente, com exceção dos trabalhos de cura, todos os demais podem ser feitos numa mesma reunião.

Durante o desenvolvimento de uma sessão, inúmeros fatos poderão acontecer, desde a aplicação de um simples passe de limpeza, até a manifestação de algum obsessor mais revoltado que exigirá maior dispêndio de energia para sua doutrinação e contenção.

As entidades atendentes estarão a todo momento solicitando materiais diversos, ou a assistência dos médiuns de transporte. É importante que os cambonos e médiuns estejam atentos e concentrados em seu trabalho. Como se lidam com forças rebeldes muitas vezes poderosas, é conveniente que se evitem conversas paralelas ou quaisquer atividades que dispersem a atenção ou comprometam o padrão vibratório do ambiente.

Embora pequenos trabalhos de cura possam ser realizados em reuniões normais, o trabalho específico de cura exige um ambiente apropriado, com mais silêncio e vibração adequada para esse fim.

É necessário que haja sempre dois dirigentes numa reunião, porque, caso um dos dois venha a trabalhar com seu mentor, prestando atendimento, o outro deverá necessariamente permanecer desincorporado, pois é necessário que haja sempre um dirigente livre para dar encaminhamentos necessários à manutenção da ordem e à sequência normal dos trabalhos. Em nenhuma circunstância poderão estar todos os médiuns incorporados simultaneamente.

Deve-se considerar, finalmente, que a dinâmica acima descrita é um esboço de organização desejável para o bom andamento de uma sessão. A parte isso, cada terreiro adota seus procedimentos com pequenas variações do modelo em questão e, como a dinâmica de cada casa é sempre determinada pelas próprias entidades que fazem o trabalho, não nos cabe questionar nenhuma dinâmica que difira do que aqui se expôs.

4.6.2 – As sessões ou giras festivas.

Como bem já se assinalou reiteradas vezes ao longo desse curso, a Umbanda é uma religião simbólica e, dentro do contexto dessa simbologia, deve-se emprestar grande importância às datas comemorativas. Como bem se sabe, as linhas e orixás de Umbanda estão associados a santos católicos, devido ao processo de sincretismo que marcou os cultos africanos no Brasil ao longo do regime escravocrata, por isso, é comum que nos dias dedicados pela Igreja a esses santos, sejam realizadas cerimônias festivas nos centros de Umbanda em homenagem ao Orixá ou entidade associado a esse ou aquele santo.

Ainda que muitos questionem essas comemorações, sob o argumento de que o dia em

questão não é o da vibração, mas o do santo católico sincretizado, deve-se ter em mente que, quando das comemorações, a intenção de todo umbandista é a de homenagear a vibração e a entidade em si. Nesse sentido, é muito importante que haja dias definidos, pois as homenagens que se fazem são uma forma de estar em comunhão com o plano espiritual, celebrando, confraternizando, lembrando e agradecendo pelo muito que se recebe no conjunto de nossas vidas. Se não se tivessem essas datas simbólicas, em que momento se prestariam essas homenagens?

Esse é, portanto, um daqueles casos em que se deve ignorar o aspecto formal para se privilegiar o conteúdo, isto é, entender que as festas valem, não pelo dia em que são realizadas, mas pela intenção que as anima.

4.6.2.1 – A dinâmica das giras festivas.

A rigor não existem regras para a realização das reuniões de festa, uma vez que nesses dias não ocorrem tratamentos, ou atendimentos de qualquer espécie. Contudo, devem-se preservar algumas formalidades destinadas a preservar a ordem e o bom andamento da festa em si.

A abertura dos trabalhos será feita exatamente da mesma forma que a das reuniões de trabalho: defumação, prece, cânticos de abertura, saudação às sete linhas. Na seqüência, cantam-se os pontos para as entidades homenageadas do dia e os médiuns em condições de trabalho dão passagem àquelas que se fizerem presentes no recinto.

Uma vez em terra, as entidades irão dançar, cantar, beber se o desejarem, conversar com os presentes, tanto médiuns quanto assistência, ocasião em que estarão também aproveitando a oportunidade para distribuir energias purificadoras e vivificantes, servindo-se do clima de confraternização e de descontração. Afinal a alegria é também uma vibração positiva.

Durante ou após a estadia das entidades é costumeiro se servirem aos presentes, tanto médiuns, quanto assistência, as comidas típicas associadas àquelas entidades: feijoada ou peixada de Pretos Velhos, frutas de Oxossi, caruru de Xangô, enfim toda a variedade de pratos que a mística popular consagrou.

Ao final, o dirigente da reunião encerra os trabalhos, exatamente como o faz nas reuniões de atendimento.

4.6.2.2 – Generalidades sobre as reuniões festivas.

Não se pode perder de vista que, embora seja um dia de festa, o ambiente é de uma casa de oração, por isso, como em tudo na vida, a medida do bom senso deve nortear o comportamento de todos os presentes, no sentido de se evitarem excessos, brincadeiras exageradas, conversas inconvenientes, risadas altas, buscando sempre o equilíbrio e uma atitude cristã.

Quanto ao uso do álcool, deve ser restrito às entidades – donas da festa – evitando-se sua distribuição aos médiuns e à assistência, a fim de se prevenirem situações desagradáveis e inesperadas. As bebidas servidas aos encarnados deverão ser exclusivamente refrigerantes e/ou sucos. Da mesma forma o uso do tabaco deverá ser evitado, ficando novamente restrito às entidades.

Em contrapartida, a comida só deverá ser servida aos encarnados – médiuns e assistência – atendendo mais uma vez ao bom senso, pois bem sabemos que entidades não comem, não necessitam do alimento sólido de que nos servimos para nossa nutrição.

4.7 – Dos Rituais Extravagantes.

Necessário se faz o esclarecimento no sentido de que, mais uma vez por falta de unidade doutrinária, existe não só uma variedade de rituais diferentes dos que aqui citamos e que muitas vezes se distanciam da realidade e da natureza da umbanda. Além disso, existem ainda as variações no entendimento dos rituais que enumeramos, sendo possível afirmar que dificilmente se verão tais rituais serem executados da mesma forma por um grande número de casas de Umbanda.

E, além dos rituais já elencados, a Umbanda ainda possui mais dois que podemos destacar e que possuem natureza distinta do processo de iniciação e do processo de atendimento caritativo. Por essa razão resolvemos classificá-los como extravagantes, no sentido de que estão além da liturgia, possuindo natureza social, mas, nem por isso, são menos importantes, ou podem ser ignorados ou negligenciados. São eles:

4.7.1 – O casamento.

A exemplo do que acontece na quase totalidade das religiões existentes no planeta, embora poucos saibam disso, a Umbanda também possui o seu ritual ou cerimônia de casamento. Não poderia ser diferente, pois o fato de tantas visões religiosas entenderem o casamento como um sacramento decorre da importância que ele possui na estrutura social do

planeta. Não se pense apenas na função reprodutiva tendente a perpetuar a espécie, pois que para isso não é necessário o casamento, afinal os animais se reproduzem todos os dias sem precisarem se casar, embora algumas espécies – mais evoluídas que alguns humanos – permaneçam com o mesmo parceiro ou parceira pela vida inteira.

Deve-se pensar na necessidade de estruturação familiar que permita aos descendentes desfrutarem de um referencial seguro de sua condição humana, através do convívio com um pai e uma mãe que se amem e que saibam fazer do amor o ponto de partida e de chegada para todas as demandas da vida.

Essa função do casamento que, sem dúvida o torna importantíssimo na senda evolutiva, tanto dos cônjuges, quanto de seus descendentes, tem por si só o condão de torná-lo um sacramento, principalmente para os padrões de uma religião que se fundamente na evolução constante e na necessidade de aprimoramento pelo amor e pela caridade.

A cerimônia de casamento é bastante simples, como aliás devem ser todas as cerimônias na Umbanda. Falando sobre casamento em sua obra **Fundamentos de umbanda**, Omolubá afirma o seguinte:

> *"A cerimônia do casamento tem lugar diante do sacerdote de Umbanda, devidamente sacramentado, o qual abençoa os nubentes que se escolheram mutuamente, vindo, portanto, obter o beneplácito do religioso, através desta solenidade.*
> *O sacerdote declara aos noivos que a partir daí são responsáveis ante o poder religioso e social e que, dessa união advém o dever moral a que ficaram submissos, bem como as virtudes que decorrerem desse ato, tais como: fidelidade, companheirismo, respeito, tolerância, amor e tudo quanto possa resultar de fortalecimento, de bom e útil desta jornada que ambos intentam.*
> *Na Umbanda só é exercido o Sacramento do Casamento, quando os nubentes estão em plena concordância com as leis do país."* (OMOLUBÁ, 2004: p. 105)

Essa visão apresenta várias facetas do casamento umbandista, que merecem ser comentadas. Ei-las:

Em primeiro lugar, ele afirma que a cerimônia tem lugar diante do sacerdote de Umbanda. Ora, muitas casas não adotam a figura do sacerdote *strictu sensu*, por isso seria mais aconselhável entendermos que a cerimônia tem lugar perante o dirigente da reunião.

Em segundo lugar, afirma também que o sacerdote "abençoa" os nubentes, numa alusão clara ao fato de que aquela cerimônia corresponde claramente a uma bênção que é concedida aos noivos e é exatamente essa a função, uma vez que as entidades estarão ali presentes, vibrando favoravelmente e criando uma atmosfera de harmonia e de paz, dirigindo suas preces para que os noivos tenham firmeza para conduzir até o fim o compromisso que estão abraçando.

Em quarto lugar, afirma que o casamento só é realizado quando os nubentes estão em

plena concordância com as leis do país. Isso significa que não se podem referendar nos rituais de Umbanda, situações que não sejam legalmente admitidas. Implica, portanto, que não se farão cerimônias de casamento de pessoas ainda casadas civilmente, de pessoas do mesmo sexo, nem que se enquadrem em qualquer das situações que o Código Civil elenca como impeditivas para o casamento.

Há que se observar ainda – e isso é muito importante – que, durante muito tempo, o casamento na Umbanda foi apenas uma cerimônia de casamento religioso, de modo que, aqueles que por ele optassem, deveriam fazer antes o seu casamento civil e depois se submeterem à cerimônia na Umbanda. Recentemente, contudo, começaram a ser celebrados em terreiros de umbanda casamentos com efeitos civis, a exemplo das igrejas tradicionais.

4.7.2 – O ritual fúnebre.

Em todas as religiões, em todas as culturas, sempre existiram rituais de passagem realizados quando da extinção da vida física. É o reconhecimento instintivo que o homem faz do papel da morte como elemento transformador da natureza e do próprio homem.

Na Umbanda não poderia ser diferente, tanto mais por se tratar de uma religião que compreende de modo mais abrangente a jornada que será empreendida pelo espírito em sua nova condição.

Por essa razão, é aconselhável que, tanto quanto possível, a pessoa que se encontre em seus últimos momentos possa receber o ofício religioso de um dirigente umbandista que lhe possa aplicar um passe, dizer-lhe palavras de alento, pronunciar com ela uma prece e clamar o auxílio dos mentores a recebê-la, ampará-la e guiá-la em seus primeiros momentos de retorno à pátria espiritual. É o correspondente à extrema unção.

Se, contudo, isso não for possível, é aconselhável que o ofício religioso seja ministrado durante o velório. Sobre isso, nos diz Omolubá:

> *“ A cerimônia de extrema unção poderá ser efetuada nos últimos instantes da guarda do corpo físico na cova.*
>
> *(...)*
>
> *Cabe ao sacerdote dizer algumas palavras acerca da nova jornada que aquele espírito tem a realizar. As palavras então ditas pelo sacerdote devem ser confortantes, capazes de emprestar um envolvimento aos que lhe ouvem, trazendo paz e compreensão da Lei imutável a que todos nós estamos sujeitos, Nascimento e Morte.*
> *É comum a prece de 7, 14 ou 21 dias no terreiro.*
> *Na extrema-unção é facultativo o entoar de cânticos à Almas e aos Orixás.”*
> (OMOLUBÁ, 2004: p. 106)

Em última análise, o ritual fúnebre é equiparável a um gesto de caridade, quando se

vai oferecer um conforto espiritual a quem não há mais nada que possa ser oferecido. A presença dos mentores nesse momento se presta a auxiliar no trabalho de desenlace, de quebra dos últimos liames energéticos que ainda prendem o espírito à matéria, a fim de facilitar a libertação do espírito.

Esses são, portanto, os rituais mais comuns e costumeiros dentro da prática umbandista. Muitos outros ainda são levados a efeito em nome da Umbanda, mas há os que são desnecessários e inclusive aqueles que fogem completamente aos domínios da filosofia umbandista, estando mais afeitos aos ritos de nação ou a outras tendências religiosas.

4.8 - A Grafia dos Orixás: A Lei de Pemba.

Em muitas outras ocasiões já se afirmou que a Umbanda é uma religião simbólica. Quem se propõe a trabalhar nessa senda, precisa necessariamente conhecer a simbologia, a fim de saber interpretar os fenômenos que ocorrem dentro da casa umbandista.

Quem inicia na religião costuma, num primeiro momento, sentir-se um pouco confuso ante a infinidade de práticas rituais que presencia, e é comum muitos acharem que a maioria daquelas práticas possui um caráter meramente fetichista, tendente a impressionar o leigo, sem qualquer significado prático. Isso é um clamoroso engano. Tudo que se faz em Umbanda possui um significado e está direcionado para uma finalidade específica. Na medida em que se vão conhecendo tais significados e tais finalidades, vai-se apreciando a beleza e a riqueza dessa religião.

Dentre os muitos artigos simbólicos encontrados na ritualística umbandista, destacam-se os chamados “pontos riscados”. Quem alguma vez já foi a um terreiro, já presenciou uma entidade incorporada pegar um giz (pemba) e com ele traçar, no chão ou em uma pequena tábua, alguns sinais, a princípio ininteligíveis. Esses sinais são os pontos riscados. Sobre eles, seus fundamentos, suas características e seus significados é que se vai tratar nesse capítulo.

4.9 – Do Que São os Sinais Riscados.

A comunicação é uma necessidade básica em tudo o que é vivo e pulsa. É por isso que o homem, desde seus primórdios, desenvolveu sinais, primeiramente sonoros e posteriormente gráficos, com o intuito de transmitir pensamentos, idéias, enfim, estabelecer contato com seus semelhantes. Foi desse contato que nasceu a possibilidade da civilização, da vida em sociedade.

Entre os espíritos não é diferente. Em que pese o fato de se comunicarem pelo pensamento, toda comunicação exige uma linguagem articulada. No caso deles, como no dos encarnados, além da linguagem verbal, também se servem da linguagem grafada. Para tanto, servem-se de um conjunto de sinais organizados que, segundo alguns autores, deriva do antigo alfabeto adâmico, uma escrita original que teria sido o ponto de partida para todos os outros alfabetos hoje conhecidos no planeta.

Nesse sentido, vale observar o ensinamento de D'Ávila e Omena (2006), para melhor se situar o entendimento da matéria:

> *"Estabelecido o processo evolutivo e dinâmico da natureza, na qual as humanas criaturas destacam-se por uma desenvoltura mais ativa, foram surgindo sinais e respectivas expressões fonéticas, que combinados expressavam os mesmos objetos e fenômenos. Surge então os alfabetos primordiais, que nos foram legados através de mestres e divindades, no intuito de conceberem na forma de sinais e sons, aspectos relativos a própria estrutura e dinâmica fenomenológica da criação, do próprio Deus, em sua ação fenomênica.*
> *Saint Yves D'Alveidre, emérito estudioso das raízes religiosas, ressuscitou ao mundo terreno, um tesouro precioso, um elo importantíssimo de conexão com a tradição esotérica, firmada através de alfabeto primordial ou o mais antigo que se conhece. Esse alfabeto foi revelado ao mundo contemporâneo, através da magna obra, denominada "O ARQUEÔMETRO". Nela poderemos encontrar o chamado alfabeto adâmico ou vatan, que constitui a forma pela qual as entidades graduadas na Lei de Umbanda se comunicam e via de regra "materializam" muitos dos fenômenos que intermedeiam entre os planos superiores e o plano físico em que vivemos.*
> *Assim se estabelece o que denominamos Lei de Pemba, ou seja, a grafia sagrada dos Orixás".* (D'ÁVILA e OMENA, 2006: p. 65/66)

Pode-se inferir daí, portanto que o que se chama de Lei de Pemba é, em princípio, um alfabeto do qual se servem as entidades de Umbanda para se comunicarem graficamente, assim como os encarnados se servem da palavra escrita em seus alfabetos.

4.10 – Da Função dos Sinais Riscados.

Muitos se perguntam – e essa não é uma pergunta desprovida de sentido – por que as entidades precisam de sinais riscados para se comunicarem, uma vez que já dispõem da faculdade mediúnica, podendo se servir do aparelho fonador dos médiuns para fazerem contato, tanto com os outros médiuns, quanto com os consulentes.

É possível apontar pelo menos duas funções primordiais dos pontos riscados: a primeira, mais singela, é a identificação positiva da entidade comunicante. Equivale a uma assinatura astral. A partir daquele sinal específico, todos os iniciados na Umbanda têm condições de identificar a entidade que o traçou.

A segunda, mais complexa se liga ao aspecto dito "mágico" da Umbanda, servindo

como elo de comunicação entre uma entidade comunicante no terreiro e os seus servidores, aquelas entidades e elementais que atuam sob suas ordens. Assim, os sinais riscados servem também para que as entidades transmitam ordens a seus subordinados, quanto às finalidades do trabalho que está sendo realizado naquele momento. Falando sobre isso, Silva (2009) assim se expressa:

> *" Assim como os homens têm a pena para firmar documentos, elaborar tratados, codificar leis e expressar cientificamente seu pensamento, os Orixás, Guias e Protetores usam a pemba (giz bruto), que é uma de suas maiores "armas" na imantação de certas forças, da Magia da Lei, não pelo objeto em si, mas pelo valor de seus sinais."*(SILVA, 2009: p. 239)

Vê-se, então, que, quando uma entidade risca um ponto no terreiro, ela tanto pode estar fazendo sua assinatura astral, como pode estar transmitindo um conjunto de ordens para seus subordinados. Aliás, deve-se dizer que a simples assinatura já funciona como uma ordem expressa, pois sua projeção astral tem o condão de atrair todas os elementais que atuam sob as ordens daquela entidade que riscou o ponto.

Por essa razão, passou-se a dizer que, ao riscar o ponto, a entidade está "firmando o terreiro", o que equivale a dizer que ela está deixando claro quem está trabalhando ali e a natureza dos trabalhos que estão sendo levados a efeito. Todas as entidades atuantes na Umbanda e também na Quimbanda (Exus) reconhecem e sabem interpretar esses sinais. O mesmo acontece com os quiumbas, de modo que o ponto riscado pode funcionar simultaneamente como fator de atração para aqueles que se afinizam com o tipo de trabalho e como fator de repulsão para aqueles que não se afinizam.

Já é possível perceber, portanto, que os pontos riscados existem muito mais em função do plano espiritual, do que do plano físico. Daí a importância de serem grafados de modo correto.

4,11 – Das Dificuldades Relativas aos Pontos Riscados.

O fato de ao longo do tempo a Umbanda se disseminar de forma costumeira, sem muito aporte teórico, fez com que, em muitos casos, a aparência se sobrepusesse à essência. Infelizmente poucas casas se preocuparam em ensinar a seus médiuns os fundamentos da Lei de Pemba e isso fez com que, aos poucos, os sinais riscados fossem se afastando de suas características originais, na medida em que a psicofonia totalmente inconsciente começava a diminuir e cedia lugar à chamada irradiação intuitiva. Isso, porque na psicofonia inconsciente

a entidade comunicante fazia tudo absolutamente só, tomava o controle do corpo do médium e se encarregava de fazer e dizer o que lhe aprouvesse; já na irradiação intuitiva o médium tem o controle de todas as ações, cabendo-lhe receber e repassar o que a entidade dita.

Nesse novo formato, se não houver uma perfeita interação entre entidade e médium, a ação do médium tende a se sobrepor à da entidade e, via de consequência, o animismo tende a se sobrepor à comunicação autêntica.

Sobressai, portanto, a importância da educação mediúnica, notoriamente no campo da grafia dos orixás, uma vez que se torna muito difícil transmitir algo eminentemente complexo, como a composição de símbolos, se o médium não possuir um conhecimento prévio do código que será utilizado para tanto. A ausência da educação e da formação já teve conseqüências sérias nesse sentido: aos poucos, os verdadeiros pontos riscados foram cedendo lugar a desenhos fantasiosos, extraídos da imaginação fértil dos médiuns, desenhos esses a que as entidades procuraram emprestar validade e legitimidade, na medida da boa intenção com que eram produzidos, mas que nada tem a ver com os verdadeiros sinais da Lei de Pemba.

Falando sobre esse problema, o mestre W.W. da Matta e Silva em dois momentos já lançou um pouco de luz sobre a questão. Primeiramente em seu livro **Umbanda de todos nós**, onde leciona:

> *"Estes 'Pontos riscados' são sinais que as entidades traçam ao 'correr da mão', rapidamente, sem dificuldades.*
> *O que é comum vermos são 'pontos simbólicos ou brasões de Xangôs, de Oguns tais e tais, dos Caboclos ou dos Pais A, B, C, D etc., de execução tão difícil que as entidades, para 'traçá-los', necessitariam de régua, compasso, esquadro, penas e tintas especiais, enfim quase todos os apetrechos de desenho.*
> *E mesmo que assim procedessem, tais 'pontos' não identificariam a Banda-afim, a Linha-afim, a Categoria ou Plano-afim, pois os desenhos não traduzem e não caracterizam os seus donos."* (SILVA, 2009: p. 252)

Num segundo momento, dessa vez em livro psicografado, ditado por um espírito de Preto Velho, Pai Guiné d'Angola, de forma ainda mais veemente critica o uso dos chamados "pontos riscados", da forma como eles vem sendo traçados. Assim se manifesta a entidade em **Umbanda (e quimbanda) na palavra de um "preto velho"**:

> *"Você sabe que se risca pemba por aí, de qualquer jeito, forma ou direção, não é? Este 'preto-velho' vai contornar o assunto, de maneira a não ferir aqueles que, ingenuamente, aprenderam o que lhes ensinaram humanamente, como os pontos riscados do 'caboclo tal-e-qual', etc.*
> *Existem DUAS formas de aplicação dos sinais riscados nos terreiros.*
> *A primeira é comum e vamos defini-la como exterior ou exotérica: se prende a farrapos de certos conhecimentos, oriundos da Cabala, sobre os sinais ou símbolos ditos como triângulos, círculos, cruzes, pentágonos, estrela dos magos, etc., que*

confundem e riscam, às vezes de mistura com os sinais deturpados dos signos e dos planetas.
Há mais os que inventaram e que riscam, simbolizando a lua, o sol, linhas em curvas e as famosas setas ou flechas, iguaizinhas a essas que indicam o tráfego dos veículos... essas mesmas de formato 'standard', generalizadas para todas as linhas, para todas as entidades.
Com isso tudo, fazem uma salada, uma mistura e formam os 'pontos dos caboclos, dos pretos-velhos, das crianças tais-e-tais'... Tudo isso é bem humano, é bem compreensível. A cada um, segundo as suas luzes... A quem mais tem, ainda lhes será acrescentado e a quem nada tem ainda lhes será tirado'... Assim está mais ou menos nos Evangelhos do Cristo.
A segunda forma que vou definir como interna ou esotérica, é de uso exclusivo das Entidades astrais, os verdadeiros caboclos, pretos-velhos, etc. Só eles é que riscam e manipulam esses pontos, quando tem a felicidade do o fazer, através de um médium de contatos positivos ou reais.
É ensinada, excepcionalmente, a alguns filhos de fé, desses raros aparelhos, cônscios de suas responsabilidades ou missões. Esses sinais, dessa segunda forma, já tivemos oportunidade de elucidar bastante, em outras lições.
Todavia, devo relembrar que os verdadeiros pontos riscados são sinais de força mágica, convencionados no astral, e cada sinal riscado tem sua forma especial, ligada a certos clichês astrais, que são, nada mais, nada menos, do que a forma fluídica ou etérica de determinadas classes de dementais chamados de 'espíritos da natureza', algumas conhecidas de outras Escolas e outras não.
De sorte que, caboclo, preto-velho, etc., quando risca pemba, sabe porque e como o faz... Está imantando fluidicamente a classe dos elementais com os quais deseja operar. Está manipulando elementos sutis, valiosos, porém perigosos para os que tentam imitar sinais ou pontos riscados, só porque viu dessa ou daquela forma serem riscados.(SILVA, 1984: p. 94/95)

Vale ressaltar a expressão "convencionados no astral", utilizada pelo Preto Velho, indicando que o valor real dos sinais riscados decorre de uma convenção, indicando que o que se chama "magia", nesse caso, nada mais é que um código simbólico que produz uma escrita, por intermédio da qual as entidades comunicam entre si e também com os elementais que comandam.

No estágio de consciência em que a mediunidade se encontra hoje, nada mais natural que o médium também conhecer, ainda que parcialmente, os sinais convencionais, a fim de que possa reproduzir aquilo que lhe está sendo ditado pela entidade comunicante, no momento em que a mesma se propõe a riscar um ponto no terreiro.

4.12 – O Código da Lei de Pemba.

Existe uma lógica simples nos sinais que são traçados pelas entidades. Deve-se ter em mente que a maioria dos pontos riscados são assinaturas astrais, símbolos, através dos quais os mensageiros de Umbanda fazem sua identificação positiva e completa. Além das assinaturas há também os pontos de trabalho, aqueles através dos quais eles identificam o tipo de operação que deverá ser levado a efeito durante uma sessão. Esses últimos podem ser mais

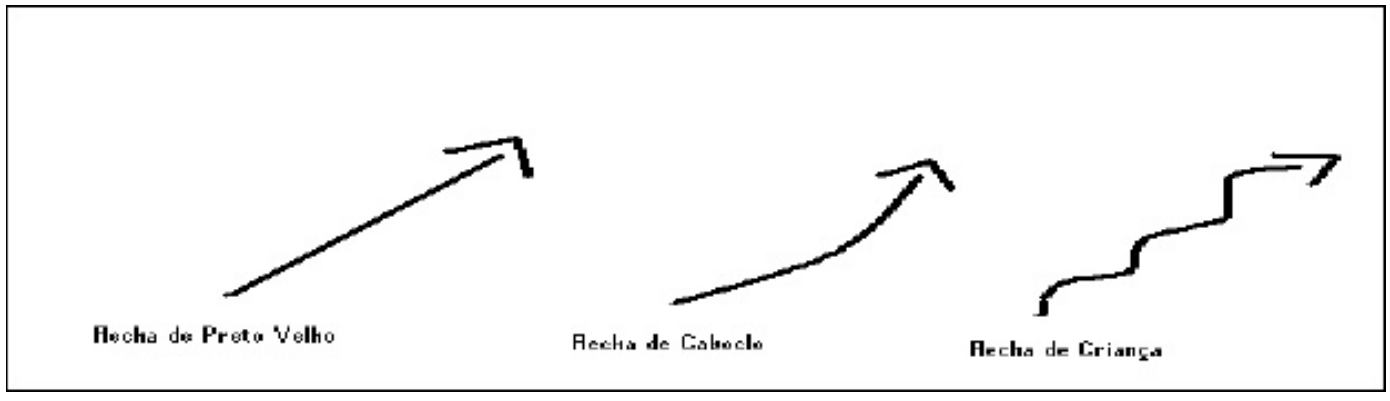
complexos, mas seguem o mesmo padrão e utilizam os mesmos sinais convencionais presentes nos pontos de assinatura.

Para que se possa sistematizar o código, deve-se ter em mente que, segundo Silva (2009), os sinais estão divididos em três categorias fundamentais: **sinais de flecha, sinais de chave e sinais de raiz**. Cada uma dessas categorias identifica um dos aspectos da entidade que risca o ponto. Dessa forma, o ponto, quando riscado completo, produz uma identificação completa e positiva do mensageiro comunicante.

4.12.1 – Os sinais de flecha.

Na Umbanda, como já se viu anteriormente, as entidades se apresentam sob três formas básicas: Preto Velho, Caboclo e Criança. A esse formato da entidade é que comumente se denomina "banda". Assim, tem-se a banda dos Pretos Velhos, a banda dos Caboclos e a banda das Crianças. O sinal de flecha é, então, o ideograma que identifica a banda da entidade comunicante: flecha reta identifica Preto Velho, flecha curva identifica Caboclo e flecha ondulada identifica Criança.

Figura 1 – flechas das três bandas



Trata-se de uma flecha simples, sem afetações, que pode ser desenhada de forma rápida, com apenas o correr da pemba, sem necessidade de utilização de qualquer utensílio além da própria mão do médium.

Diz-se tratar-se de um ideograma, pelo fato de ser uma imagem que traduz uma idéia pré-convencionada. Na verdade, a grafia dos Orixás é ideogramática.

4.12.2 – Os sinais de chave.

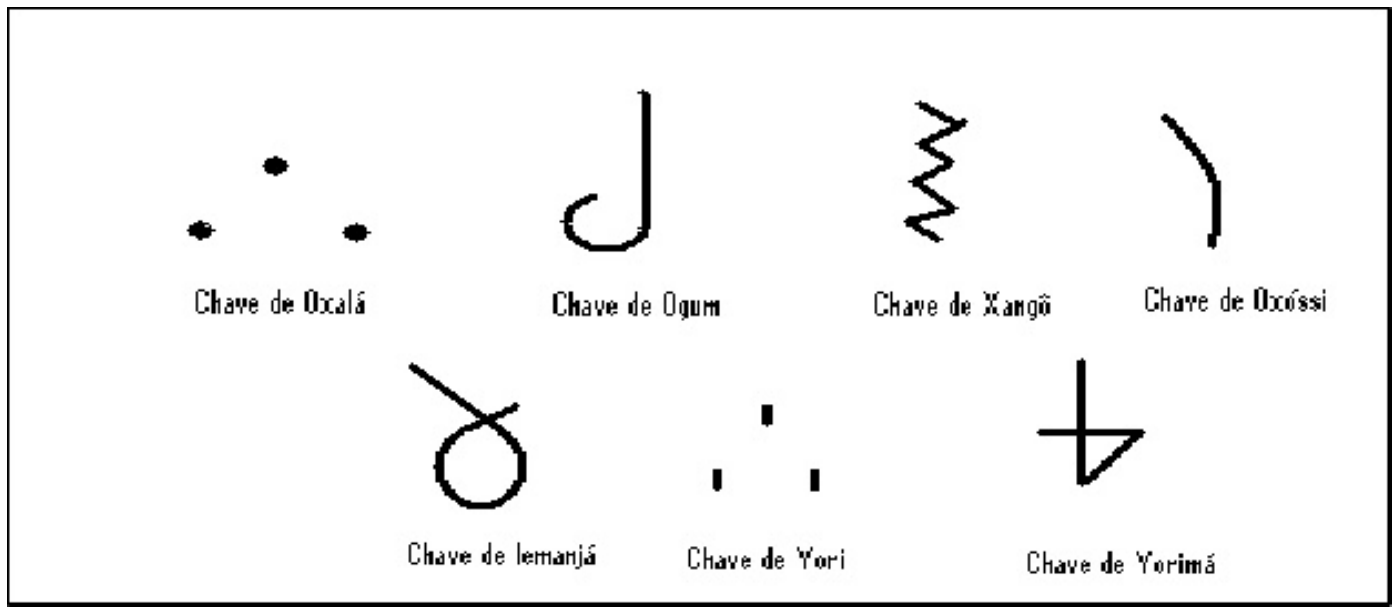
Além dos sinais de flecha, identificando a banda, usam-se também os chamados sinais

de chave, cuja destinação é identificar a linha a que a entidade se encontra vinculada. Isso pode parecer desnecessário no caso de Yorimá e de Yori; principalmente em se tratando dessa última (Caboclos de Obaluaê também se manifestam dentro da vibração Yorimá), onde só se manifestam crianças, mas não se pode esquecer que Yori é uma das sete linhas e, como linha, exige a identificação pelo sinal de chave.

Quando se trata da banda de Caboclos, contudo, isso se torna imprescindível, uma vez que os caboclos se apresentam em seis das sete linhas existentes: temos Caboclos de Oxalá, Caboclos de Ogum, Caboclos de Xangô, Caboclos de Oxóssi, Caboclas de Iemanjá e Caboclos de Obaluaê (na linha de Yorimá). Nesse contexto, o sinal de chave, grafado junto ao de flecha, proporciona mais um elemento na identificação positiva da entidade manifestante.

Abaixo podem ser vistos os sinais de chave referentes a todas as sete linhas:

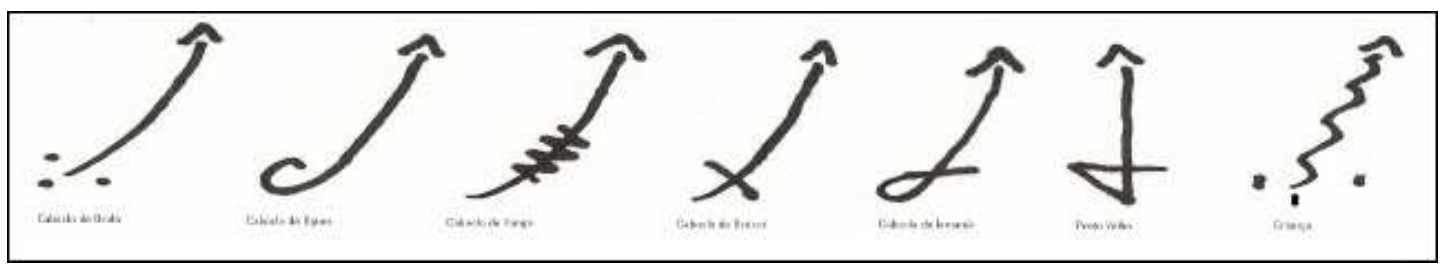
Figura 2 – Chaves das cinco linhas.



Nunca é demais salientar que Caboclas de Nanã, de Oxum e de Iansã, quando riscam seus pontos, utilizam o sinal de chave identificador da Linha de Iemanjá, uma vez que essas caboclas pertencem a legiões específicas da linha maior. Da mesma forma, os Caboclos de Obaluaê utilizam a chave de Yorimá, visto que é nessa vibração que se apresentam.

Já é possível, a partir dessas informações, vislumbrar a conjugação dos dois sinais apresentados, isso é, flecha mais chave, identificando a banda e a linha a que a entidade pertence:

Figura 3 – Conjugação de flechas e chaves

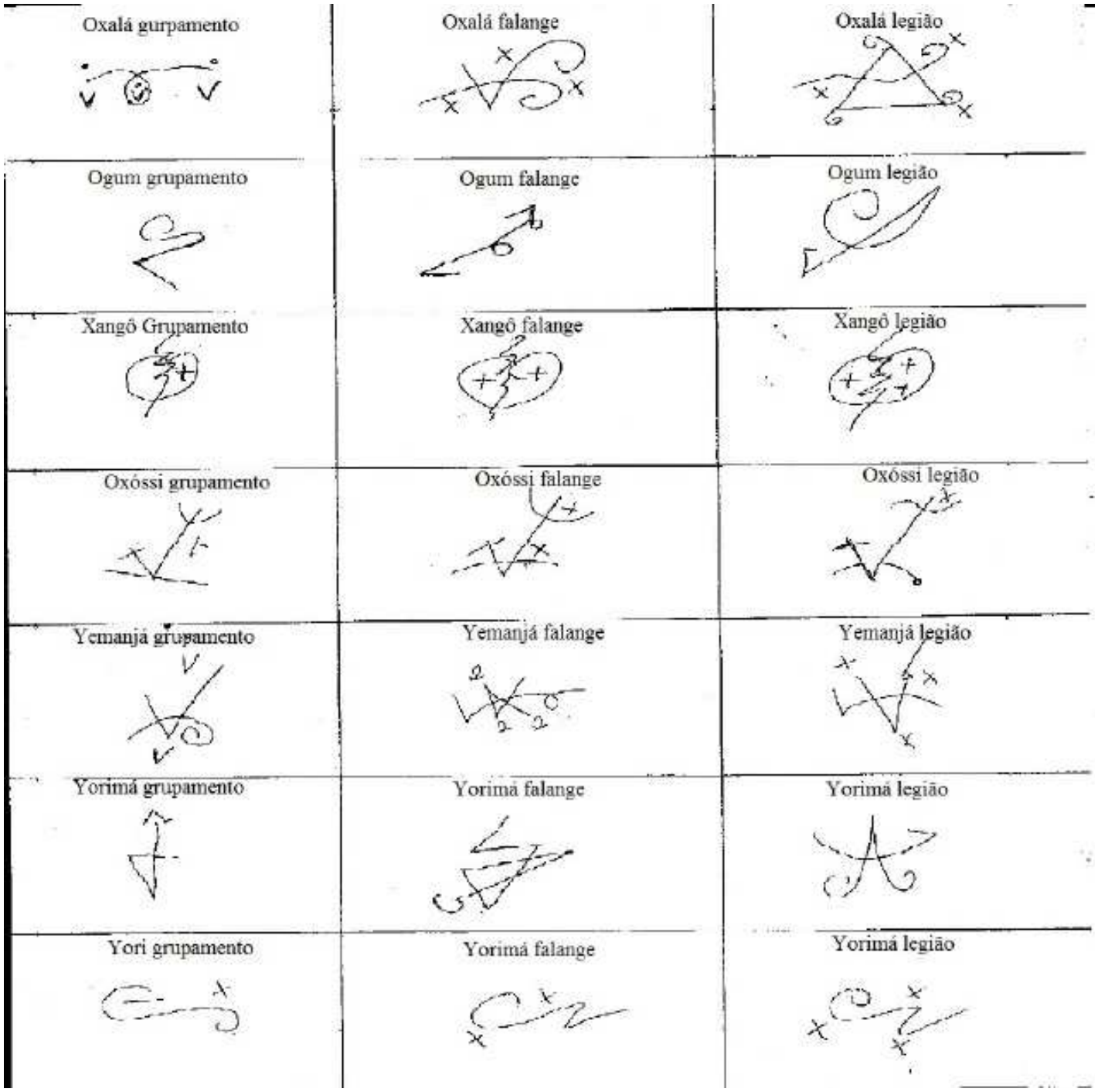


Esses sinais conjugados são o início de todo ponto identificador, da assinatura astral de qualquer entidade. De um modo geral, quando a entidade apresenta seu ponto completo, ele costuma ter pelo menos três flechas entrecruzadas, geralmente formando um triângulo

4.12.3 – Os sinais de raiz.

O terceiro elemento identificador, chamado sinal de raiz, existe, para referenciar a legião, a falange e o grupamento, além do grau ou plano evolutivo da entidade manifestante, permitindo saber se se trata de um protetor, um guia, ou um orixá intermediário.

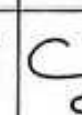
Figura 4 – Os sinais de raiz identificadores de legião, falange e grupamento.



Mas existem ainda outros sinais de raiz, como os que apontam para a hierarquia da entidade, identificando-a como obreiro, protetor, ou guia. Trata-se de alguns dísticos grafados na própria flecha, conforme a tabela abaixo:

Figura 5

SINAIS RADICAIS INDICADORES DAS VIBRAÇÕES ORIGINAIS E SINAIS HIERARQUIZANTES PARA GRAU DE OBREÍRO, PROTETOR E GUIA.

	OXALÁ	OXOSSE	OGUM	XANGÔ	YEMANJÁ	YORI	YORIMÁ
1º GRAU							
2º GRAU							
3º GRAU							

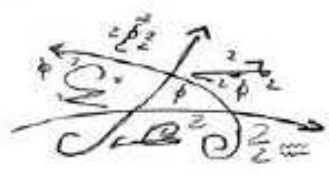
Esses sinais presentes no traçado do ponto permitem completar, por assim dizer, a identificação positiva da entidade, uma vez que, ao traçar a flecha ela comunica sua banda, ao traçar a chave, identifica sua linha e, ao traçar as raízes, comunica sua localização dentro da Corrente Astral de Umbanda e sua hierarquia. Não bastam, contudo, os sinais em si. É necessário levar em consideração a posição que eles ocupam dentro da triangulação do ponto. Este é um código que se aprenderá mais tarde.

Ainda existem os sinais indicadores de fixação de energias, que também serão aprendidos mais tarde, porque os pontos são riscados de forma gradativa pelas entidades.

Já é possível, portanto, visualizar o conjunto de um ponto riscado, com sua identificação positiva:

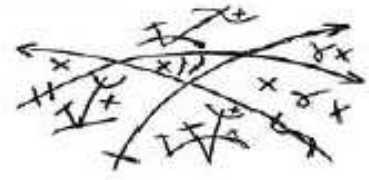
Figura 6 – Exemplos de pontos riscados completos.

Caboclo de Ogum 6º grau protetor



Caboclo da legião de Ogum de Malê,, pertencente ao 6º grupamento da 2ª falange

Caboclo de Oxóssi 4º grau protetor



Caboclo da legião de Cobra Coral, pertencente ao 6º grupamento da 4ª falange.

Os sinais presentes nos pontos acima que ainda não foram estudados aqui pertencem ao grupo dos fixadores de energias que também são, por classificação, sinais de raiz, mas que, devido a sua complexidade, estão além dos limites desse curso básico e serão vistos em momento oportuno.

É comum ainda as entidades grafarem alguns outros elementos cabalísticos em seus pontos e para alguns desses sinais não existe consenso quanto ao significado específico que possuem. Aqui se está disponibilizando uma relação de alguns desses elementos, acompanhados das interpretações mais frequentes que lhes são atribuídas. A última das interpretações apresentadas aparece em negrito, por ser aquela que parece mais aceitável, para os efeitos desse curso:

- **Estrela de cinco pontas: A representação dos cinco elementos, indicando que a entidade manipula todos eles e comanda elementais ligados aos cinco.**

- **Estrela de seis pontas: O fogo (triângulo em pé) e a água (triângulo deitado), simbolizando o equilíbrio de todas as forças.**

- **Triângulo equilátero: Equilíbrio e harmonia**.

- **Quadrado: Os quatro elementos**.

- **Círculo: A consciência humana reconhecendo a eternidade; unidade, totalidade e infinito.**

- **Cruz: Trabalho de desobsessão sendo realizado** (lembrar, contudo, que nos pontos de Pretos Velhos elas aparecem com freqüência, possivelmente como uma representação das almas).

Esses são os sinais de que se tem conhecimento até o momento. É provável que existam outros que as entidades ainda não tenham dado a conhecer.

É imprescindível alertar a todos os médiuns que quem risca o ponto é a entidade e que, antes de fazê-lo, ela costuma mostrar o ponto ao médium anteriormente, por isso deve-se evitar a tentação de inventar um ponto, ou mesmo de ir acrescentando sinais ao ponto, de acordo com as preferências pessoais do médium.

D'Ávila e Omena (2006) falam também dos chamados pontos simples de firmeza de terreiro, que são pontos específicos para identificar a vibração que está dirigindo os trabalhos em determinado dia.

Figura 7 – Pontos de firmeza de terreiro.

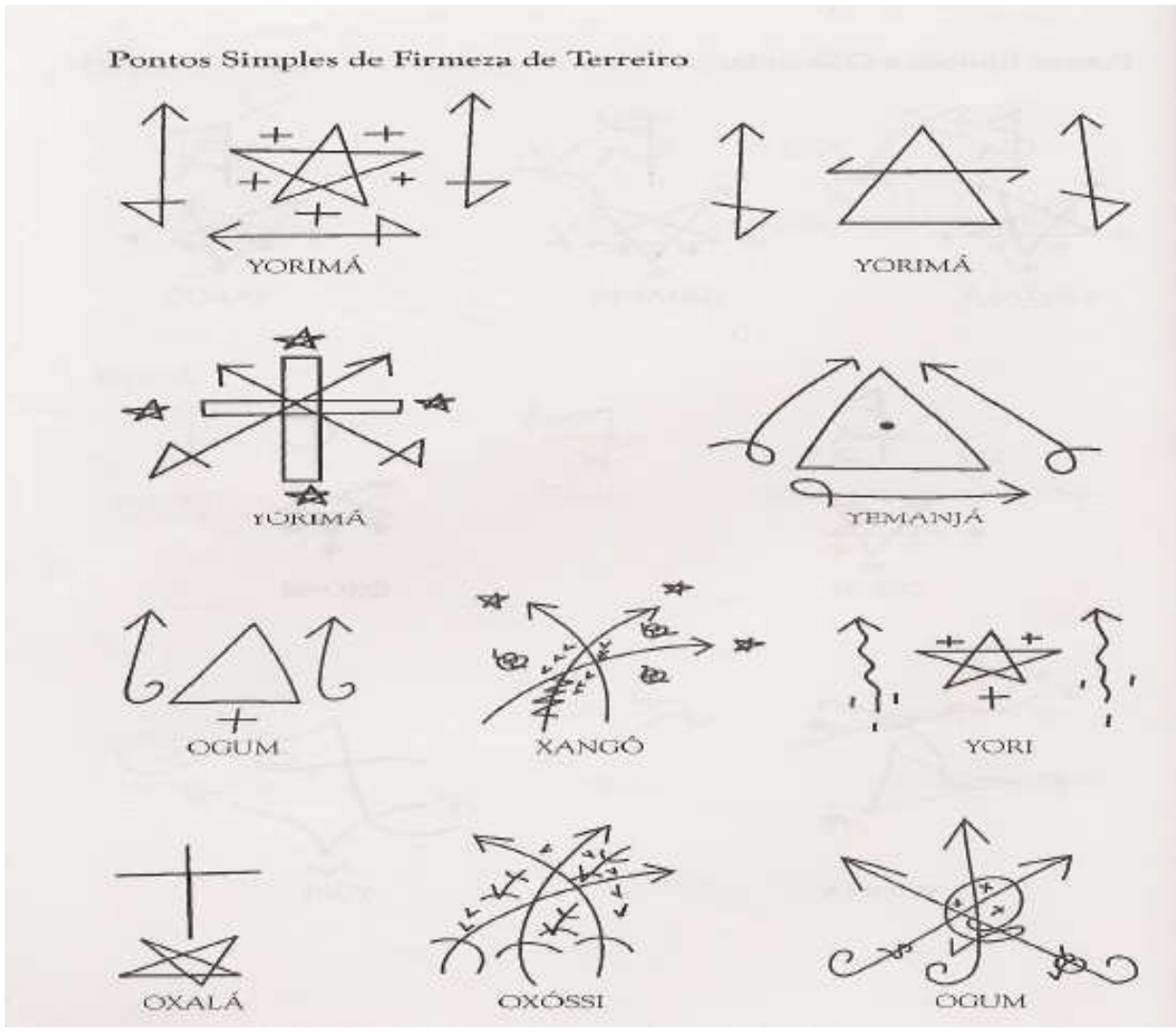


Figura extraída do livro Umbanda e Seus Graus Iniciáticos, pág. 72

4.13 – Os Pontos Riscados de Exu.

Também os Exus riscam seus pontos durante os trabalhos de atendimento. Devido a algumas diferenças existentes no traçados de seus pontos, rapidamente o imaginário popular associou as flechas caracterizadas com tridentes e isso reforçou a associação da figura de Exu com o demônio católico, mas a verdade é que os pontos de Exu também seguem a sistemática de flecha, chave e raiz, tal qual os pontos de Orixás.

As diferenças são bastante simples e, uma vez entendidos os pontos das entidades da direita, torna-se bastante fácil compreender os de Exu.

A primeira coisa que se deve dizer é que a flecha ainda é um elemento básico. Nesse sentido, vale ressaltar que a presença de todas as flechas retas indica Exu da rua, enquanto a presença de flechas curvas indica Exu da calunga.

Observe-se ainda que, entre as entidades da calunga, as Pomba-Giras costumam fazer flechas sinuosas, podendo aparecer no ponto apenas uma, ou todas as flechas nesse estilo. Em alguns pontos, pode aparecer apenas uma flecha sinuosa, acompanhada de outras curvas ou retas. Não existe uma regra definida nesse sentido e, além disso, o ponto varia de entidade para entidade.

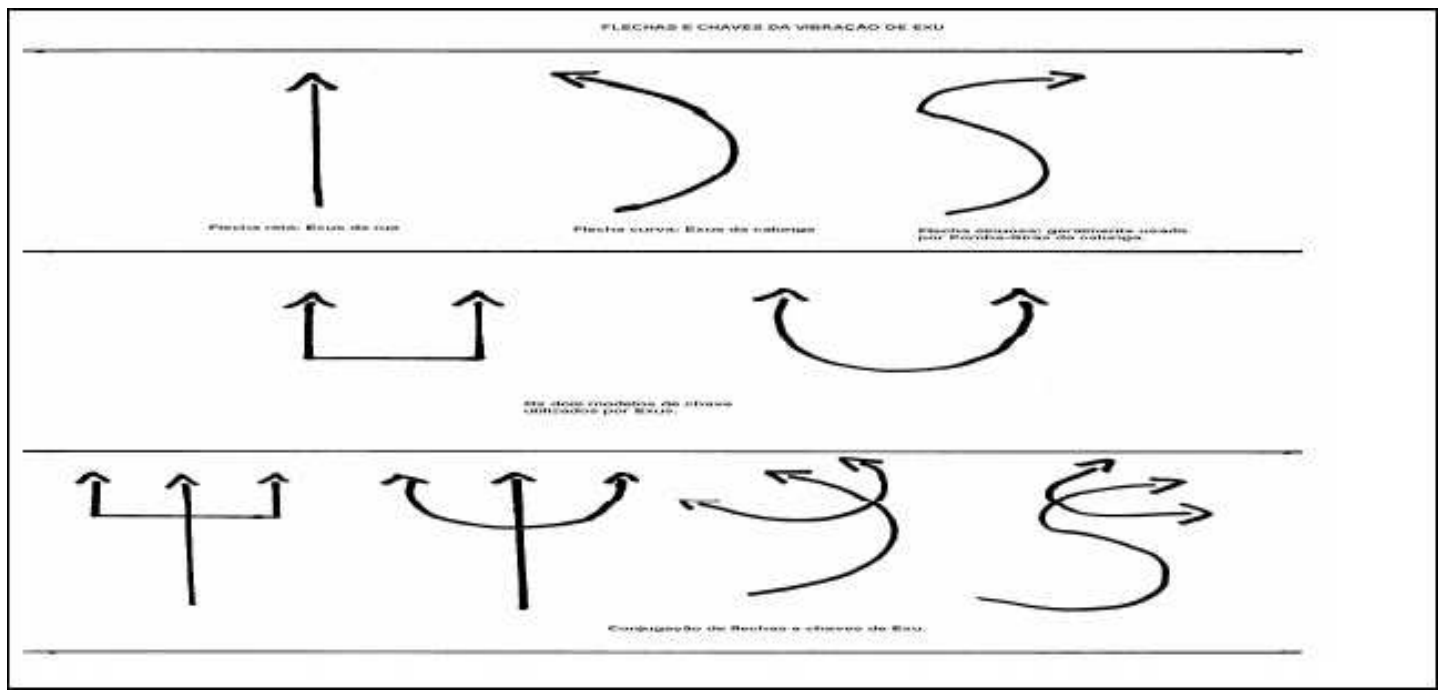
Já a chave de Exu é bastante simples e serve a todas as falanges, de forma igual, apresentando como diferença apenas a eventualidade de ser formada por linhas retas ou por linhas curvas. Essa chave, bastante simples, é na realidade uma flecha pequena, quebrada ou curva, com duas pontas.

A chave, quando devidamente incorporada à flecha forma uma imagem semelhante a um tridente. Não há evidências de intencionalidade na formação dessa imagem, mas, ainda que intencional, a associação com o demônio católico é forçada e pueril, até porque a figura do tridente está muito mais fortemente associada ao deus Netuno, correspondente romano ao deus grego Poseidon, ambos entendidos nas respectivas mitologias, como divindades do mar, nada tendo a ver com os infernos, domínios específicos do deus Ades, que não usava tridentes.

Em última análise, cabe lembrar que o ponto é uma conjugação de sinais com significados específicos. Em todos os pontos, o sinal de chave aparece acoplado á flecha, por isso, não há como entender tratar-se de um tridente, como imagem única, pois a imagem é na verdade a junção de dois sinais, cada um com significado diferente.

Tudo isso considerado, já é possível começar a traçar alguns esboços dos pontos representativos dos exus:

Figura 8 – Flechas, chaves e respectivas conjugações na linha de exu.



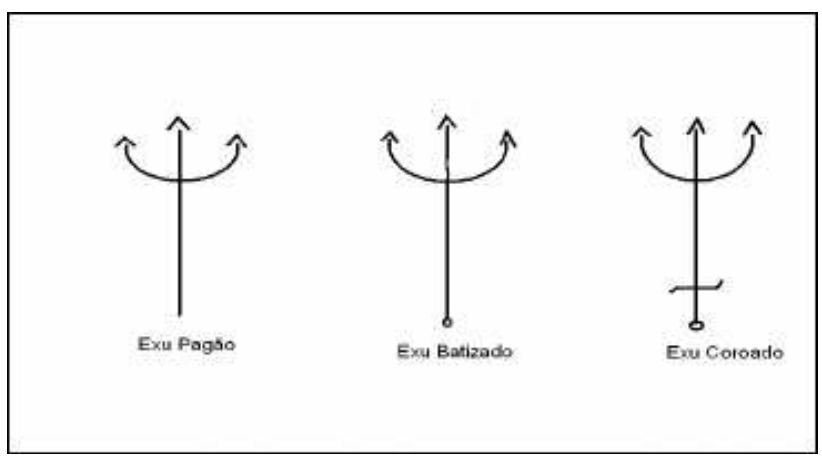
Quanto aos sinais de raiz, a única diferença em relação aos pontos de Orixás está no sinal que identifica o grau hierárquico da entidade manifestante. Nesse sentido, é necessário relembrar que existem três graduações entre os Exus, todas elas incorporantes nos trabalhos de Umbanda:

a) Exus coroados: São os que se encontram no topo da escala de Exu. Geralmente são dirigentes de falanges e de legiões. Entidades já bastante evoluídas, com grande conhecimento em trabalhos de manipulação e com grande ascendência sobre as forças do astral inferior.
b) Exus batizados: São aqueles que se encontram em posição intermediária na escala dos Exus. Já bastante esclarecidos, possuem grande liderança, podem comandar grupamentos e até mesmo falanges. Também são grandes manipuladores e possuem igualmente bastante ascendência sobre as forças do astral inferior.
c) Exus pagãos: São os que se encontram na base da escala. Trata-se de entidades ainda em estágio de aperfeiçoamento; muitos podem ser até mesmo principiantes como Exus, mas têm em comum a característica de não mais aceitarem a prática do mal como tarefa. Discorda-se de algumas correntes que afirmam estarem os Exus pagãos numa situação em que ainda fazem tanto o bem quanto o mal. Fazer tal afirmação é desconhecer a verdadeira natureza e missão dos Exus na Umbanda e acreditar na versão de Quiumbas enganadores que gostam de se passarem por verdadeiros Exus.

Feito esse esclarecimento, já se podem, então, apresentar os sinais de raiz identificadores do grau hierárquico dos Exus.

Na verdade, a sistemática é bastante simples: na base da flecha pode haver um pequeno círculo que identifica os Exus batizados. Se acima desse círculo existir um pequeno dístico semelhante à letra "Z" deitada, trata-se de um Exu coroado. Agora, se na base da flecha não houver nada, então se trata de um Exu pagão.

Figura 9 – Sinais de Raiz de Eu.



Quanto aos demais sinais de raiz, os Exus se utilizam de todos os símbolos já estudados para os pontos de Orixás; vale dizer, então: estrelas, círculos quadrados, triângulos, cruzes, enfim, toda a diversidade de símbolos já estudados anteriormente, além de alguns sinais que os Exus costumam risca e cujo significado permanece desconhecido, talvez porque não seja necessário seu conhecimento pelos médiuns.

Seguem abaixo alguns exemplos de pontos riscados de Exus e de Pomba-Giras, com o objetivo de proporcionar uma melhor visualização e um melhor entendimento do que aqui se expõe.

Figura 10 - Exemplos de Pontos de Exu.

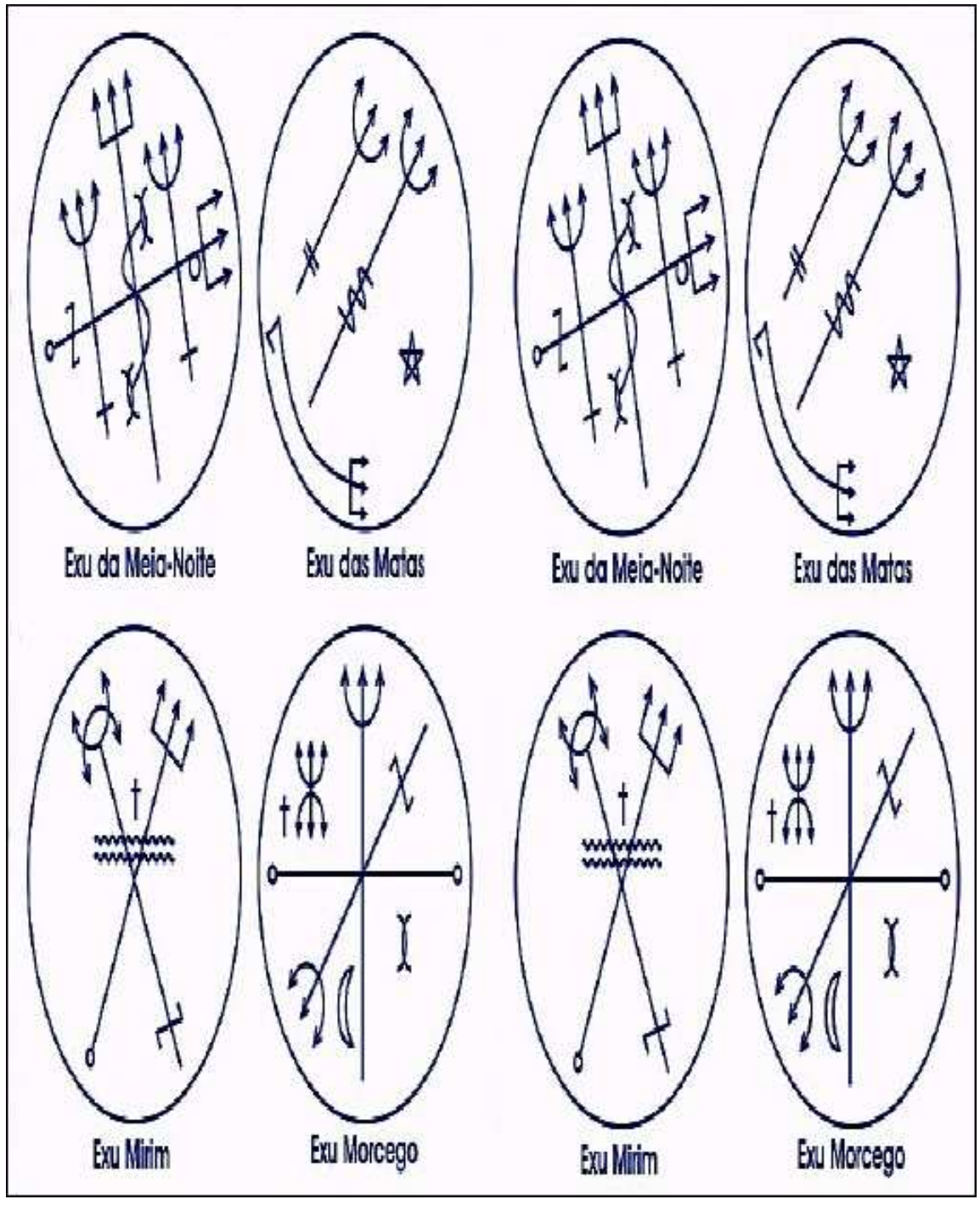


Imagem extraída do Site "Canto do Aprendiz"

Figura 11 – Exemplos de Pontos de Pomba-Giras

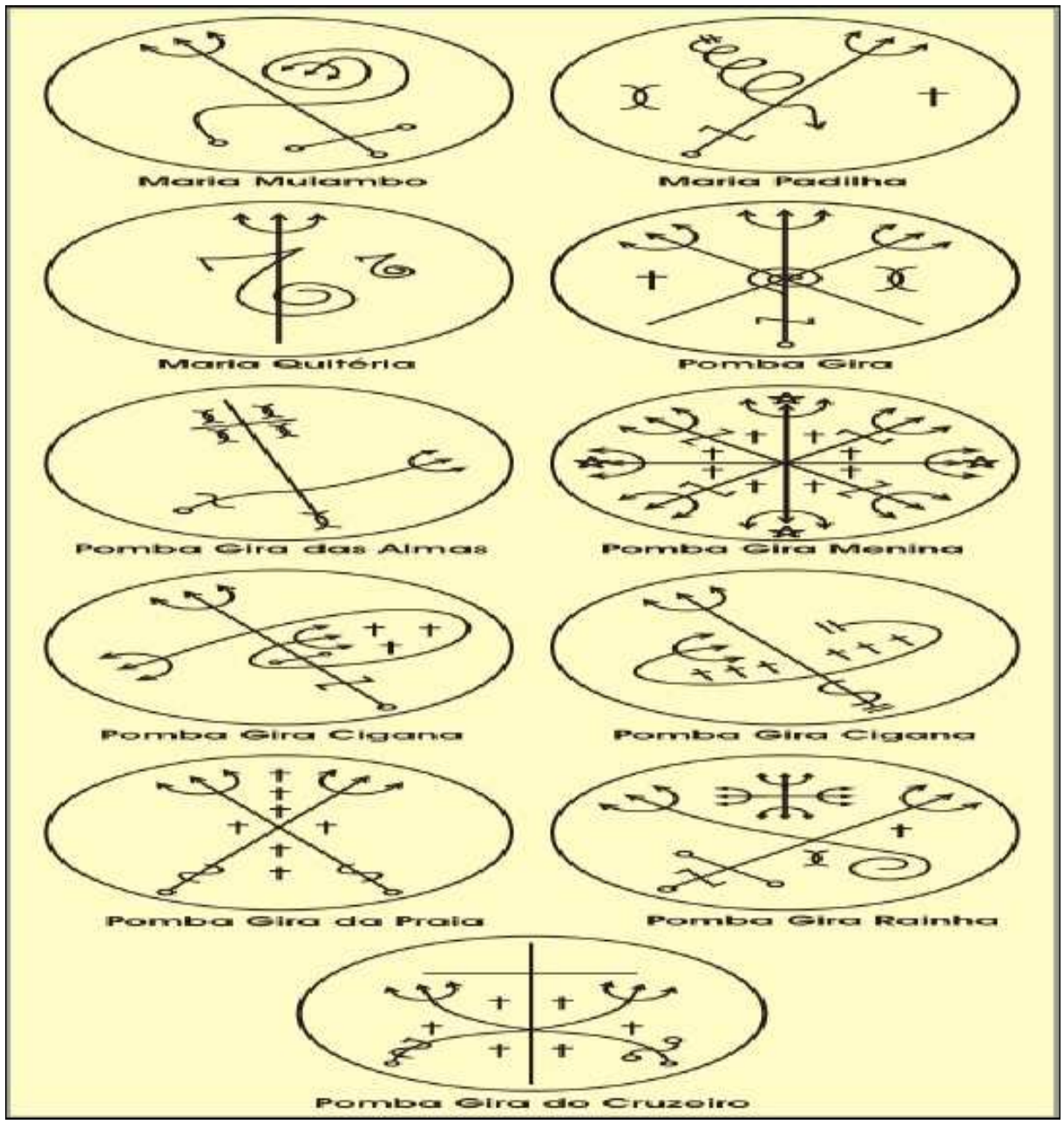


Imagem extraída do Site "Canto do Aprendiz"

Nunca é demais lembrar que as imagens acima são apenas exemplos, apenas demonstração de como se parecem os pontos dos Exus e Pomba-Giras. Por mais que sejam pontos legítimos, riscados por entidades autênticas, sabe-se que cada entidade possui seu próprio ponto, único como uma rubrica.

Vale, portanto, assinalar, mais uma vez, que somente a entidade devidamente manifestada sabe como exatamente é o seu ponto riscado e, por isso mesmo, deve-se aguardar que ela, entidade, decida qual é o momento certo de apresentar esse ponto ao aparelho e às demais pessoas.

Aos médiuns cabe conhecerem o significado dos sinais que os mentores lhes permitam, a fim de poderem fazer uma identificação rápida e segura das entidades manifestantes.

Por fim, ainda é necessário lembrar também que, muitas vezes, a entidade irá riscar alguns sinais cujo significado não foi estudado neste curso. Quando isso acontecer, deve-se ter em mente que não é ainda dado aos encarnados conhecerem a totalidade dos sinais existentes na Lei de Pemba, havendo alguns que permanecem como de conhecimento exclusivo das próprias entidades.

Assim, excetuando-se aqueles desenhos estereotipados como machadinhas, lanças, espadas, velas, coroas, caveiras, entre outros, qualquer sinal de características cabalísticas que venham aparecer nos pontos riscados serão tidos como autênticos e ainda não revelados.

Capítulo V

A Mediunidade.

5. A MEDIUNIDADE

Toda a prática de Umbanda está assentada sobre o fenômeno mediúnico. Como já foi dito no capítulo 1 o epicentro da prática umbandista está na manifestação dos mentores através dos médiuns, trazendo orientações e ensinamentos.

Apesar disso, muito pouco ainda se sabe sobre a mediunidade em si, sobre os mecanismos de sua manifestação, sobre os tipos de mediunidade e, principalmente, sobre a utilidade de cada um desses tipos no trabalho de Umbanda.

Existe mesmo uma tendência a acreditar que, para efeito dos trabalhos realizados nos terreiros, somente a psicofonia (conhecida como incorporação)tem utilidade, pois os mentores só se manifestam através dessa modalidade, mas isso é um equívoco.

Na verdade existem inúmeras modalidades de contato com o mundo espiritual e na prática cotidiana da Umbanda todas elas são importantes e necessárias, sendo lícito falar, inclusive, que é preciso aproveitar os médiuns em todas as suas potencialidades, ao invés de se acreditar que somente aqueles que incorporam estão trabalhando efetivamente com o plano maior.

Para um melhor entendimento da questão, faz-se necessário um estudo mais detalhado das modalidades de mediunidade que são encontradas.

5.1 – Dos Tipos de Mediunidade.

Para efeitos meramente didáticos, Allan Kardec, ao escrever O Livro dos Médiuns, dividiu as manifestações mediúnicas em duas categorias a saber: a das manifestações físicas e a das manifestações inteligentes.

Deve-se entender por manifestações físicas, aquelas em que a mediunidade produz algum tipo de efeito sensível sobre a matéria em si, tais como deslocamentos, produção de ruídos e até mesmo materializações.

Por manifestações inteligentes entendem-se aquelas que produzem algum tipo de comunicação efetiva com o plano invisível, como acontece no caso da psicofonia, da audiência, da vidência, ou da psicografia.

O fato de se estabelecer essa diferenciação não significa que por trás das manifestações de efeitos físicos não haja inteligência. Pelo contrário, afinal existem espíritos manipulando energias para que os fenômenos se produzam, mas, nesse caso, os médiuns participam simplesmente com a doação de ectoplasma, diferentemente do que ocorre nos

outros tipos de manifestação, onde os médiuns são participantes ativos e tudo passa pelo crivo de sua razão, de sua inteligência. Daí, manifestações inteligentes.

5.1.1 – Da mediunidade de efeitos físicos

Presentemente, no estágio em que o Espiritismo se encontra, as manifestações de efeito físico mais ostensiva – como a movimentação de objetos, por exemplo – são cada vez mais raras, na verdade, quase inexistentes. Apesar disso, os médiuns de efeitos físicos em geral, diferente do que se poderia pensar, estão entre os mais importantes de uma corrente mediúnica, pois é com o ectoplasma doado por eles que se opera a maioria dos trabalhos que são realizados.

É bastante comum encontrarmos em uma corrente umbandista aquelas pessoas que nada manifestam. Tais pessoas geralmente são destacadas para a cambonagem e costumam se sentir diminuídas, pois, aparentemente, realizam uma função secundária em relação àqueles que estão usando sua faculdade mediúnica de forma visível.

O que a maioria das pessoas não sabe, contudo, é que grande parte desses indivíduos ali estão fazendo a doação de ectoplasma indispensável para a manutenção da malha de segurança dos trabalhos, para a manipulação de energias destinadas aos trabalhos de cura, para a reenergização dos pacientes em trabalhos de desobsessão e para muitas outras funções na dinâmica dos trabalhos em geral. Pode-se dizer que sem essas pessoas o trabalho ficaria extremamente prejudicado e até mesmo inviabilizado.

Não se poderia enquadrar a todos na categoria de “efeitos físicos”, como Kardec a definiu, mas não resta dúvida de que todos estão, em maior ou menor grau, doando o ectoplasma necessário.

Fato é que numa corrente de umbanda ninguém é desnecessário. Quando os trabalhos começam, todos tem uma função muito bem definida e os mentores sabem exatamente que função é essa, esperando de cada um o comportamento adequado. Por isso é imprescindível que haja um código de conduta dos médiuns como se verá mais adiante, ainda neste capítulo.

5.1.2 – Da psicofonia ou incorporação.

Trata-se, aparentemente, da forma mais comum de mediunidade encontrada nos terreiros de Umbanda em geral.

Diz-se aparentemente, porque existe uma sensível diferença entre o mecanismo da

psicofonia propriamente dita e o da chamada irradiação intuitiva, destacada por Matta e Silva (1984), como se verá mais adiante.

Psicofonia, mesmo, é a faculdade mediúnica na qual o espírito comunicante se apropria dos órgãos da fala no médium, a fim de transmitir a mensagem que pretende transmitir.

Quando se diz órgãos da fala, é preciso que fique bem claro que é nesta área que o espírito atua, por isso é errado falar em incorporação. Não acontece, como muitos pensam, uma tomada do corpo do médium pelo espírito comunicante. O espírito não entra no corpo do médium; isso seria impossível.

O que realmente se dá é que o espírito, postado a curta distância do médium, vibra sobre o chacra correspondente, estabelecendo uma ligação fluídica e, por esse mecanismo, transmite seu pensamento que é registrado pelos órgãos da fala.

É comum falar-se da existência de médiuns inconscientes, semiconscientes e conscientes. Caibar Schutel em seu livro **Médiuns e Mediunidades** registra que nos ditos médiuns inconscientes ocorre um afastamento temporário do espírito do médium que entra em estado de transe sonambúlico, enquanto o espírito comunicante se apodera do corpo. Apoderar-se do corpo, contudo, não significa entrar no corpo; significa comandá-lo a través do pensamento, pela ligação fluídica. Os médiuns absolutamente inconscientes, entretanto, são cada vez mais raros em todas as formas de Espiritismo.

Os semiconscientes são aqueles que preservam toda a consciência durante a comunicação, perdendo, no entanto, o controle da faculdade da fala, permitindo ao espírito comunicante se utilizar livremente do aparelho fonador, embora ele, médium, tenha total consciência do que está sendo falado. Estes médiuns também estão em extinção, sendo cada vez mais raros. A tendência é que venham a desaparecer com o passar do tempo.

Os ditos médiuns conscientes são aqueles classificados por Matta e Silva (1984) como médiuns de irradiação intuitiva. Nesse caso, o que acontece é que o espírito comunicante faz a ligação fluídica com o médium, transmitindo-lhe o pensamento e o médium se encarrega de retransmitir, de forma espontânea aquilo que lhe está sendo ditado pelo espírito.

Esta modalidade é a que existe hoje em maior quantidade em todos os terreiros de Umbanda pelo país. É a mais difícil e também a que causa mais problemas, pois todo médium equilibrado tem sempre enorme dificuldade em reconhecer a comunicação positiva e diferenciá-la de suas próprias ideias.

O desenvolvimento desses médiuns é sempre muito lento e depende de um processo de entrosamento entre ele e as entidades que atuaram em sua faculdade. Esse processo é

sempre bastante angustiante e normalmente está marcado pela dúvida e pelo medo da mistificação. Contudo, uma vez desenvolvida a mediunidade, a tendência é que cada vez mais se aperfeiçoe

Outro aspecto que deve ser ressaltado é o de que, nos médiuns conscientes, o gestual da entidade é todo ele sugerido. Nesse caso, o médium recebe da entidade a sugestão de que realize determinados movimentos e gestos, atendendo ao pedido, como complemento da manifestação. Há que se considerar, entretanto, que, caso o médium não deseje praticar os gestos, a comunicação poderá se dar completamente sem afetação, simplesmente recebendo o pensamento da entidade e o retransmitindo da forma mais fiel possível.

5.1.3 – Da vidência.

A vidência é uma das mais belas formas de mediunidade existentes. Por meio dela, o médium é capaz de ver os espíritos, ver quadros, cenas que lhe são mostrados pelo plano espiritual.

Essa faculdade é inerente ao espírito do médium e independe dos órgãos físicos da visão, por isso o médium vidente pode ver com os olhos abertos ou com os olhos fechados. Existem aqueles que só conseguem ver nitidamente com os olhos fechados, mas, tendo-os abertos, percebem vultos, sombras e traços.

O médium vidente mais completo é aquele que consegue ver, tanto os espíritos, quanto os quadros diversos com os olhos abertos. Essa faculdade é, contudo, bastante complexa, porque pressupõe a capacidade de discernir duas dimensões distintas, tais sejam a do plano material e a do plano espiritual.

A vidência mais comum é a que se dá de olhos fechados, pois, nesse caso, o médium está enxergando com os olhos do espírito, sem contato visual com os dados do plano material.

É indiscutível a importância do médium vidente nas reuniões de Umbanda. Sua presença pode auxiliar a direção dos trabalhos, pois permite que se tenha uma perfeita noção do que está acontecendo no ambiente, quais os trabalhos estão sendo desenvolvidos, que tipo de atendimento está sendo realizado e, em alguns casos, até mesmo sanar a dúvida quanto à autenticidade de determinada manifestação.

O médium vidente necessita de muito discernimento, pois muitas vezes será necessário interpretar os quadros que lhe são mostrados pelo plano espiritual e adequá-los ao contexto do trabalho que está sendo realizado e no qual ele se insere.

Aos videntes são mostrados quadros muito belos, mas também bastante perturbadores,

por isso esses médiuns devem estar sempre muito bem preparados ao se dirigirem ao trabalho, procurando preservar nesses dias todo o seu equilíbrio físico e psíquico, a fim de não se perturbar com nada do que venha a ver.

Não se deve confundir a faculdade da vidência com a da intuição premonitória. Essa última, que é bastante rara, tem sido usada aleatoriamente por grande número de embusteiros e farsantes com objetivos escusos, sob o nome equivocado de vidência.

Vidência é a capacidade de ver espíritos e quadros. Intuição premonitória é a capacidade de prever eventos potencialmente possíveis, muitas vezes com o objetivo de se evitar desastres ou grandes perdas. Essa faculdade, como de resto todas as demais, não está sob o controle do médium que dela pode lançar mão a qualquer momento. São sempre os espíritos que participam na atuação das faculdades mediúnicas e, por isso, qualquer um que pretenda fazer previsões sob encomenda, ou é um farsante, ou está assessorado por espíritos malévolos que nenhum compromisso tem com a verdade.

5.1.4 – Da psicografia.

É uma das formas de mediunidade mais conhecida e também uma das que as pessoas mais almejam possuir. Trata-se da faculdade de receber comunicações escritas dos Espíritos. É também uma das mais difundidas; existe hoje uma vasta literatura espírita, fruto da mediunidade de psicografia de inúmeros médiuns distribuídos por todo o país, mas, sem qualquer sombra de dúvida, essa modalidade se eternizou por intermédio da mediunidade de Chico Xavier.

Há basicamente duas modalidades de psicografia: a mecânica e a inspirada. Alguns autores falam em semimecânica, mas, a nosso ver, essa modalidade é apenas uma derivação da mecânica, sem grandes diferenciais entre uma e outra.

Na psicografia mecânica – cada vez mais rara – o espírito comunicante assume o controle da função motora dos membros superiores do médium e redige ele mesmo a mensagem, sem qualquer participação consciente do encarnado. Nessa modalidade, é comum que o médium escreva simultaneamente com ambas as mãos e, até mesmo de trás para frente. É, sombra de dúvida, uma manifestação incontestável em sua autenticidade e, em grande parte dos casos, até mesmo a caligrafia do manifestante pode ser confirmada por especialistas em identificação.

É comum os psicógrafos mecânicos escreverem com os olhos fechados e com as luzes apagadas, redigindo mensagens legíveis e bem estruturadas. Quem assiste a uma sessão de

psicografia mecânica tem que ceder à evidência, por mais cético que seja. É um fenômeno belo e que não abre margens para questionamentos de farsa.

A psicografia inspirada – a mais comum nos dias de hoje – é aquela em que o médium recebe conscientemente a mensagem do espírito comunicante e se encarrega de transpor para o papel as ideias recebidas.

É uma modalidade de mediunidade intuitiva que conta com uma ampla participação do médium, mas, nem por isso, menos confiável que a psicografia mecânica.

De um modo geral, é mais complexo para o médium perceber a intenção do espírito em comunicar-se por escrito e costuma levar um tempo maior até que haja uma maior autoconfiança e também uma maior interação entre encarnado e desencarnado. Essa modalidade, assim como todas as demais formas de mediunidades conscientes, ainda é vista com certa reserva por muitas pessoas, pois é mais passível de acarretar fraudes, contudo, a tendência no mundo moderno é de que as comunicações mediúnicas passem, cada vez mais, a seguir essa linha da manifestação consciente, pois essa é uma forma de compartilhar o esforço e os méritos entre o desencarnado e o encarnado.

5.1.5 – Da audiência

Audiência é a faculdade de ouvir os espíritos. É necessário que se façam alguns esclarecimentos a respeito desse conceito de "ouvir", afinal os desencarnados não possuem órgãos materiais de fala e, consequentemente, não fazem vibrar partículas de ar, como acontece em nossa dimensão. Contudo esses espíritos continuam tendo uma tonalidade de voz que é peculiar a sua personalidade. Se essa voz fosse física, quando o espírito falasse a um médium, todos os outros que estivessem próximos também ouviriam, já que se trataria de um efeito físico comum. O médium audiente, no entanto, escuta essa voz e até tem a impressão de que a está escutando pelos ouvidos, mas não é isso que ocorre. A voz é percebida na mente do médium. A impressão de que o som passa pelos ouvidos decorre do costume que se tem de perceber sons pelos órgãos auditivos. Para encarnados é difícil entender a possibilidade de receber um som diretamente na mente, sem intermediação dos ouvidos, mas é isso que ocorre.

Um exercício que pode ajudar a elucidar o processo de audiência consiste em procurar se lembrar de uma pessoa conhecida falando. Quando se faz isso, pode-se ouvir na memória o som e o timbre da voz daquela pessoa, sem que a pessoa esteja naquele momento emitindo ondas sonoras com sua voz. Ora, se é possível ouvir uma voz na memória, é porque se tem a capacidade de perceber sons sem a necessidade de que esses sons estejam sendo produzidos

fisicamente, sem que eles estejam passando pela cadeia orgânica de nosso aparelho auditivo. É comum, inclusive, que médiuns audiente ouçam em muitos momentos as vozes de espíritos e não se apercebam do que está acontecendo, porque em muitos casos, essa voz espiritual se confunde com os próprios sons ambientes, passando despercebidas ao médium. Por essa razão, é razoável acreditar que a faculdade da audiência seja mais comum do que se imagina.

5.1.6 – Da intuição.

O que se convencionou chamar de intuição, ou sexto sentido é, na verdade, a forma mais usual de comunicação entre os dois planos da vida. Na prática consiste em se receber uma ideia, uma impressão, uma sugestão, um aviso, enfim, qualquer mensagem articulada diretamente na mente, sem a intermediação de qualquer tipo de meio físico.

Isso ocorre todos os dias, com imensa quantidade de pessoas e costuma passar despercebido. É aquela sensação de quando você está prestes a fazer alguma coisa e, subitamente, muda de ideia, sem um motivo aparente, depois descobre que, se tivesse feito, algo desagradável teria acontecido.

Imagine-se a pessoa que está prestes a embarcar em um avião, mas, de repente, muda de ideia e deixa para viajar mais tarde. Algumas horas depois recebe a notícia de que o avião caiu e que não houve sobreviventes. Isso é o mecanismo da intuição. Trata-se de uma faculdade bastante comum e pode-se dizer, inclusive, que provavelmente todas as pessoas encarnadas desfrutem dessa faculdade.

Entretanto, o médium intuitivo de manifestação positiva é aquele que desenvolve essa faculdade ao nível do controle das comunicações. Explicando melhor, é aquele que passa a perceber a presença da entidade comunicante e a receber mensagens mais complexas, sendo capaz mesmo de dialogar com o comunicante, fazendo perguntas, propondo alternativas, travando, enfim, um verdadeiro processo de diálogo com o desencarnado.

Como se trata de uma forma de comunicação muito rápida e eficiente, os médiuns intuitivos são de extrema importância, principalmente nas correntes de Umbanda e devem procurar aperfeiçoar sua faculdade ao máximo, a fim de que, na dinâmica dos trabalhos, possa receber mensagens importantes e participar ativamente de tudo o que está sendo feito.

Essa participação, contudo, exige um grau elevado de responsabilidade do médium, pois ele deverá estar sempre em excelentes condições físicas e morais, a fim de manter a sintonia com as entidades dirigentes e trabalhadoras da casa. Além disso, o médium deve ser de uma honestidade exemplar, lembrando-se de jamais usar suas próprias ideias para

manipular os acontecimentos, pois esse tipo de atitude acarreta grandes débitos para aquele que a pratica. É necessário lembrar que o uso da mediunidade em trabalho é um intercâmbio com o próprio Criador e com as potências do universo.

Ainda existem outras formas menos comuns de manifestação mediúnica, como o desdobramento e a comunicação telepática, mas as que foram listadas, além de serem as mais comuns, são também as que se usam costumeiramente nos terreiros de Umbanda e que são necessárias para o bom andamento de um trabalho.

5.2 – Do Desenvolvimento Mediúnico.

Deve-se deixar claro e sem qualquer margem para dúvidas que a mediunidade é uma característica da espécie humana em geral. Toda pessoa, em maior ou menor grau, tem a capacidade de estabelecer algum tipo de intercâmbio com o plano espiritual, mesmo que seja apenas um arrepio. Kardec, no capítulo XVI de **O Livro dos Médiuns,** bem se manifestou a esse respeito:

> "Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva." (KARDEC, 2007, pag. 131)

Por isso, não existem motivos para vaidades, já que a mediunidade não constitui um privilégio, uma distinção que é concedida a escolhidos.

Por outro lado o próprio Kardec afirma que só se qualificam como médiuns aqueles em quem a faculdade se mostra mais caracterizada, ou seja, mais patente, mais manifesta. Esse caso muito menos pode ser visto como motivo de vaidade, uma vez que é sabido que, de um modo geral, maior potencial mediúnico também indica maior grau de endividamento perante a Lei divina.

Fato é que algumas pessoas apresentam uma maior facilidade para estabelecerem contato com o plano espiritual. Quando é assim, tais pessoas necessitam passar por um processo de refinamento da faculdade, a fim de que possam adquirir conhecimento teórico e prático das leis e dos mecanismos que regem o intercâmbio com os espíritos.

É como todas as outras coisas na vida, como qualquer atividade praticada por humanos

que necessita de educação e aprimoramento, para que se atinja um grau de melhor desempenho. Não existe mediunidade pronta e acabada (exceção, talvez, aos chamados médiuns missionários), qualquer médium, por mais sensível que seja, precisa de um período de preparação, antes de poder atuar com segurança e eficácia nos trabalhos práticos.

Os espíritos sabem disso e, por essa razão, não exigem de seus médiuns uma atuação perfeita, antes que eles estejam realmente preparados. O grande problema que ainda permeia a Umbanda é estabelecer em que consiste essa preparação.

É preciso que o umbandista esclarecido se conscientize do fato de que os espíritos de boa evolução trabalham sempre em consonância com as leis de Deus e com sua condição de espíritos, estando plenamente conscientes da desnecessidade de elementos materiais grosseiros destinados a eles mesmos.

Nessa linha de raciocínio, faz-se hora de se estabelecer de forma categórica que na Umbanda, na VERDADEIRA E SALUTAR UMBANDA, não existe espaço para ritos primitivos de iniciação como camarinhas, oboris, raspagens, ebós e feituras em geral. Todo esse aparato ritualístico pode ter e de fato tem algum significado no contexto dos ritos de nação, mas são absolutamente estranhos ao universo da Umbanda.

O desenvolvimento do médium de Umbanda consiste única e exclusivamente de três elementos: ESTUDO, REFORMA ÍNTIMA e HARMNONIZAÇÃO COM OS MENTORES. Essa harmonização acontece em reuniões específicas para esse fim, onde se propiciam as condições adequadas para que a entidade se manifeste e permaneça durante algum tempo “em terra”. É, na verdade, um processo de conhecimento recíproco, onde ambos se afinizam, como se fosse uma amizade que começa em uma situação social e se solidifica na medida do convívio constante e da troca de experiências na consecução de objetivos comuns. Somente a prática reiterada é capaz de propiciar uma mediunidade afinada.

Por essa razão, a Umbanda não pratica rituais exóticos de feitura. Ninguém, frise-se muito bem: NINGUÉM tem o dom ou a prerrogativa de “colocar um santo na cabeça” de quem quer que seja. Não existem rituais mágicos para abrir ou fechar a mediunidade. O vínculo que leva uma entidade a atuar na mediunidade de um encarnado é de ordem cármica, ou de caráter idiossincrásico, isto é: ou são seres que precisam se afinizar, ou são seres que possuem enormes afinidades. Assim funciona a Lei Divina e nada nem ninguém pode revogar ou alterar uma alínea sequer dessa Lei.

Mediunidade, por sua vez, é uma faculdade também ligada a aspectos cármicos – ou, em casos excepcionais, a aspectos missionários – e quem a possui de forma positiva na hora certa será chamado pela vida a coloca-la a serviço do bem. Os famosos rituais, portanto,

podem servir, quando muito, para que espíritos mal intencionados se aproximem de um médium ainda tenro e desconhecedor das verdades espirituais, a fim de utilizá-lo como fantoche de suas fanfarronices e falcatruas.

O verdadeiro mentor de Umbanda não cobra o exercício da faculdade mediúnica; quando muito faz alertas ao médium de que o momento chegou. Aparte isso, espera pacientemente o momento do despertar da consciência do médium, para então começar o trabalho que ambos tem a desenvolver juntos.

Chegada a hora, o médium de Umbanda deve procurar estudar e conhecer a Umbanda e o Espiritismo em geral e, na medida desse conhecimento, procurar ir modificando atitudes, visando a uma melhoria de seu padrão vibratório. Num segundo momento, encaminhado a um trabalho prático de desenvolvimento, espera a chegada de seus mentores, com quem passa a se harmonizar passo a passo, até que esteja em condições de atuar nos trabalhos de atendimento fraterno, dando passividade e permitindo o aconselhamento e a assistência espiritual.

Esse, portanto, o processo de formação, de preparação do médium, para bem atuar no âmbito dos trabalhos de Umbanda.

Em qualquer circunstância, o médium umbandista deve se lembrar que quem atua, quem opera, quem dá conselhos, quem conversa com consulentes e com obsessores é a entidade. A participação do médium se resume a bem transmitir o recado que lhe é passado, sabendo, inclusive, filtrar e elaborar as informações, de modo que as mesmas cheguem mais inteligíveis ao consulente.

Para esse fim, quanto mais conhecimento o médium possui, quanto maior sua cultura geral, mais fluido será o seu desempenho, pois a entidade se utilizará dos conhecimentos acumulados pelo médium para bem se comunicar.

5.3 – Do Comportamento do Médium.

Vive-se em um planeta de expiação e provas. Isso já é suficiente para indicar que ninguém é santo, nem se tornará santo do dia para a noite. As imperfeições de cada um podem e devem ser corrigidas, mas isso é um processo árduo, difícil e que demanda muito tempo e perseverança. Por isso, o maior erro que se pode cometer é querer atingir um estado de perfeição do dia para a noite, forçando melhoras que ainda não se está pronto para promover, em nome de um trabalho mediúnico. Acaba-se incorrendo na hipocrisia, que é ainda pior que o defeito original, porque vem se somar a ele, constituindo mais um defeito.

Apesar disso, deve-se ter claro que o trabalho mediúnico é executado em parceria com irmãos que se encontram em um patamar evolutivo superior ao dos médiuns e a sintonia com esses irmãos é fundamental para o bom desempenho do trabalho. Como, então, conciliar os defeitos e a necessidade de sintonia?

Em seu livro **Mistérios e Práticas na Lei de Umbanda,** W.W. da Matta e Silva apresenta instruções genéricas de comportamento bastante úteis para os médiuns umbandistas:

> "1) Manter dentro e fora da Tenda, isto é, na sua vida espiritual ou religiosa particular, conduta irrepreensível, de modo a não suscitar críticas, pois qualquer deslize nesse sentido irá refletir na sua Tenda e mesmo na Umbanda, de modo geral.
>
> 2) Procurar instruir-se nos assuntos espirituais elevados, lendo o Evangelho de Cristo Jesus e outros livros indicados pela Direção Espiritual da Tenda, bem como assistindo palestras nesse sentido.
>
> 3) Conservar sua saúde psíquica, vigiando constantemente, o aspecto moral.
>
> 4) Não alimentar vibrações de ódio, rancores, inveja, ciúmes ou qualquer sentimento ou pensamento reconhecidamente negativo.
>
> 5) Não falar mal nem julgar a alguém, pois não se pode chegar às causas pelo aspecto grosseiro dos efeitos.
>
> 6) Não julgar que seu protetor é o mais forte, o mais sabido, muito mais "tudo" que o do seu irmão, médium também.
>
> 7) Não viva querendo impor seus dons mediúnicos, contando, com insistência, os feitos de seu guia ou protetor. Lembre-se de que tudo isso pode ser problemático e transitório e não esqueça de que você pode ser testado por outrem e toda essa sua conversa vaidosa ruir fragorosamente.
>
> 8) Dê paz a seu protetor no astral, deixando de falar tanto no seu nome, isto é, vibrando constantemente nele. Assim, você está se fanatizando e "aborrecendo" a entidade. Fique certo de que, se ele, o seu protetor, tiver "ordens e direitos de trabalho" sobre você, poderá até discipliná-lo, cassando-lhe as ligações mediúnicas e mesmo infringindo-lhe castigos materiais, orgânicos, financeiros etc., se você for desses que, além de tudo isso, ainda comete erros em nome de sua entidade protetora...
>
> 9) Quando for para a sua sessão, não vá aborrecido e quando chegar lá, não procure conversas fúteis. Recolha-se a seus pensamentos de paz, fé e caridade pura para com o próximo.
>
> 10) Lembre-se sempre de que sendo você um médium considerado pronto ou desenvolvido, é de sua conveniência tomar banhos de descarga ou propiciatório determinados por seu guia ou protetor. Se for médium em desenvolvimento, procure saber quais os banhos e defumadores mais indicados, o que será dado pela direção da Tenda.
>
> 11) Não use "guias" ou colares de qualquer natureza sem ordem comprovada de sua entidade protetora responsável direta e testadas na Tenda, ou então, somente por indicação do médium-chefe, se for pessoa reconhecidamente capacitada.
>
> 12) Não se preocupe em saber o nome do seu guia ou protetor antes que ele julgue necessário e por seu próprio intermédio. É de toda conveniência também, para você,

não tentar reproduzir, de maneira alguma, qualquer ponto riscado que o tenha impressionado, dessa ou daquela forma.

13) Não mantenha convivência com pessoas más, viciosas, maldizentes etc.. isto é importante para o equilíbrio de sua aura e dos seus próprios pensamentos. Tolerar a ignorância não é compartilhar dela.

14) Acostume-se a fazer todo o bem que puder, sem visar a recompensas.

15) Tenha ânimo forte através de qualquer prova ou sofrimento. Aprenda a confiar e esperar.

16) Aprenda a fazer recolhimento diário, pelo menos de meia hora, a fim de meditar sobre suas ações e outras coisas importantes da sua vida.

17) Não confie a qualquer um os seus problemas ou "segredos". Escolha a pessoa indicada para isso.

18) Não tema a ninguém, pois o medo é a prova de que está em débito com a sua consciência.

19) Lembre-se sempre de que todos nós erramos, pois o erro é da condição humana e portanto ligado à dor, a sofrimentos vários e, consequentemente, às lições, com suas experiências... Sem dor, sofrimento, lições e experiências não há Carma, não há humanização nem polimento íntimo. O importante é que não se erre mais, ou não cometer os mesmos erros. Passe uma esponja no passado, erga a cabeça e procure a senda da reabilitação (caso se julgue culpado de alguma coisa), e para isso, "mate" a sua vaidade, não se importe, em absoluto, com que os outros disserem de você. Faça tudo para ser tolerante e compreensivo, pois assim, só boas coisas poderão ser ditas de você.

20) Zele por sua saúde física, com uma alimentação racional e equilibrada.

21) Não abuse de carnes, fumo e outros excitantes, principalmente o álcool. 22) Nos dias de sessão, regule a sua alimentação e faça tudo para se encaminhar aos trabalhos espirituais, limpo de corpo e espírito.

23) Não se esqueça, em hipótese alguma, de que não deve ter relações ou contatos carnais na véspera e no dia da sessão.

24) Tenha sempre em mente que, para qualquer pessoa, especialmente o médium, os bons espíritos somente assistem com precisão, se verificarem uma boa dose de humildade ou de simplicidade no coração. A vaidade, o orgulho e o egoísmo cavam o túmulo do médium.

25) Aprenda lentamente a orar confiando em Jesus, o Regente do Planeta Terra. Cumpra as ordens ou conselhos de seu Guia ou Protetor. Ele é seu grande e talvez único amigo de fato e quer somente a sua felicidade.

26) E finalmente: se você é um irmão que está na condição de Médium-chefe, com toda responsabilidade espiritual do terreiro em suas mãos, convém que se guarde rigorosamente contra a vampirização daqueles que só procuram o seu terreiro e sua entidade protetora para fins de ordem material, pessoal, com casos e mais casos, sempre pessoais... Convém que se guarde, para seu próprio equilíbrio e segurança, contra esses aspectos que envolvem sempre ângulos escusos relacionados com o baixo astral. Isso não é próprio das coisas que se entendem como caridade. Isso é vampirização, sugação de gente viciada, interesseira que pensa ser a Umbanda uma "agência comercial", e o seu terreiro, o "balcão" onde pretendem servir-se através de seu guia ou protetor. Enfim, não permita que o baixo astral alimente as correntes

> mentais e espirituais de sua Tenda, pois se isso acontecer, você dificilmente se livrará dele – será um escravo...” (SILVA, Edição Eletrônica, p. 64 a 66)

O mesmo Matta e Silva ainda apresenta, na mesma obra, um modelo de conduta e disciplina para ser aplicado nos dias de trabalho, na relação direta com a tenda ou casa umbandista.

> “1) Todos os médiuns da Tenda ficam obrigados a comparecer às sessões 20 minutos antes do horário estabelecido para os trabalhos (geralmente 20ou 20:30h)
>
> 2) É obrigação dos médiuns, ao chegarem à Tenda, dirigir-se logo ao vestiário para não tomar contato com outras coisas ou influências reinantes no momento. E qualquer assunto de ordem pessoal ou administrativo do médium ficará para depois da sessão.
>
> 3) Os médiuns não poderão fazer uso dos vestiários para discussão ou comentários diversos, tampouco transformá-los em salão de fumar, etc.
>
> 4) Os médiuns ao entrarem no vestiário se obrigam a manter o silêncio necessário, bem como, ao se encaminharem para o recinto do “Congá”, devem fazê-lo ainda dentro da mais respeitável atitude, tudo de acordo com o RITUAL estabelecido pela Direção Espiritual da Tenda (obediência rigorosa à Vibração Cruzada), a fim de tomarem os respectivos lugares... À saída também devem obedecer às mesmas condições de disciplina.
>
> 5) Os médiuns, em dia de sessão, devem abster-se do uso de qualquer bebida alcoólica, pois se comparecerem sob qualquer efeito negativo resultante disso estão sujeitos a serem excluídos da corrente e até da Tenda.
>
> 6) Os médiuns ficam sob a estrita obrigação de comparecerem às sessões sempre higienizados, quer de corpo, quer de roupas, a fim de se porem em harmonia com as entidades que encontram dificuldades em incorporar ou mesmo vibrar corretamente em aparelhos dentro dessas condições, isto é, sem a devida higiene.
>
> 7) Fica terminantemente proibido aos médiuns femininos, em dias de sessão ou de trabalhos de caridade, desenvolvimento etc., comparecerem com pinturas no rosto, dedos etc. Se, eventualmente, assim acontecer, devem retirar toda a pintura antes da sessão.
>
> 8) Os médiuns femininos não devem comparecer ou participar dos trabalhos espirituais mediúnicos no período de sua fase mensal.
>
> 9) Fica terminantemente proibido aos médiuns fazerem comentários de menosprezo ou de enaltecimento dos protetores, sejam seus ou de outrem, pelo menos dentro da Tenda, a fim de que sejam evitados vaidades e
> rancores.
>
> 10) O médium que ficar descontente com outro, com a Direção da Casa, ou com o médium-chefe, poderá dirigir queixa ou pedido de esclarecimento ao Presidente, ou a o Diretor espiritual da Tenda, de acordo com o caso, para as devidas providências.
>
> 11) Todo médium que faltar a três sessões consecutivas sem justificação será afastado da corrente mediúnica. Na reincidência, esse afastamento poderá ir até a exclusão.
>
> 12) O médium que se tornar motivo de escândalo, provocar intrigas e promover atritos e desunião entre irmãos, será sumariamente desligado da corrente mediúnica e do quadro social da Tenda.

> 13) O uniforme da Tenda é exclusivamente o branco. Se, eventualmente, forem criados outros, todos devem seguir o modelo adotado.
>
> 14) Haverá um livro de presença no local adequado, onde o médium obrigatoriamente deixará sua assinatura, para os devidos fins de controle.
>
> 15) O médium deve se inteirar sobre os banhos e defumadores apropriados à sua natureza espiritual mediúnica, para poder usá-los com regularidade, principalmente nos dias de sessão." (SILVA, Edição Eletrônica, p. 67 e 68)

Obviamente que alguns posicionamentos do autor não refletem exatamente a postura adotada neste trabalho, parecendo até mesmo contraditórios com algumas afirmações que já haviam sido feitas. Isso ocorre pelo fato de Matta e Silva ter sido um autor e dirigente muito severo no que tange ao aspecto moral.

Aparte isso, deve-se considerar que todas as recomendações são bastante pertinentes. Qualquer médium atuante deve ter claro que o aprimoramento moral deve ser uma tarefa do dia-a-dia e deve ser buscado, dentro das possibilidades de cada um, visando não só a qualidade do trabalho mediúnico, mas também a própria evolução.

BIBLIOGRAFIA

1- ARMOND, Edgard. **Os exilados da capela**. 3ª ed. São Paulo. Aliança, 1999.

2- KARDEC, Allan. **A gênese**. 37ª ed. Rio de Janeiro. FEB, 1996.

3- _____. **O livro dos espíritos**. 59ª Ed. São Paulo. LAKE, 1998.

4- _____. **O livro dos médiuns.** 58ª Ed. Rio de Janeiro. FEB, 2007.

5- _____. **O céu e o inferno.** 58ª Ed. Rio de Janeiro. FEB, 2005

6- PEIXOTO, Norberto. **A missão da umbanda.** 1ª ed. Limeira. Conhecimento, 2006.

7- _____. **Umbanda pé no chão.** 1ª ed. Limeira. Editora do Conhecimento, 2008.

8- SILVA, W. W. da Matta. **Umbanda de todos nós**. 13ª ed. São Paulo. Ícone, 2009.

9- _____. **Umbanda (e quimbanda) na palavra de um preto-velho**. 5ª ed. Rio de Janeiro. Freitas Bastos, 1984.

10- _____. **Mistérios e práticas na lei de umbanda.** Edição eletrônica.

11- SOUZA, Leal de. **O espiritismo, a magia e as sete linhas de umbanda.** Rio de Janeiro. Edição digital, extraída da edição de 1933.

12- XAVIER, Francisco Cândido. **A caminho da Luz**. 35ª ed. Rio de Janeiro. FEB, 2007.

13- SARACENI, Rubens. **Código de umbanda.** 3ª ed. São Paulo. Madras, 2008.

14- TRINDADE, Diamantino Fernandes, LINARES, Ronaldo Antônio e COSTA, Wagner Veneziani. **Os orixás na umbanda e no candomblé**. São Paulo. Madras, 2008.

15- D'ÁVILA, Rogério e OMENA, Maurício. **Umbanda e seus graus iniciáticos.** São Paulo. Ícone, 2006.

16- OMOLUBÁ. **Fundamentos de Umbanda**. São Paulo. Cristális, 2004.

17- REBELO, Victor. **A origem da umbanda. Revista Cristã de Espiritismo**. Julho/2009. Disponível em: http://www.rcespiritismo.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=567. Acessado em 25/06/2009.

18- SIGNATES, Luiz. **O espiritismo e os ritos.** 2008. Disponível em: http://www.gers.com.br/pag_artigos/artigos/o_espiritismo_e_os_ritos.pdf . Acessado em 17/11/2009.

19- CANTO DO APRENDIZ. **Pontos riscados.** Sem local. Sem data disponível em http://cantodoaprendiz.wordpress.com/2008/09/12/pontos-riscadosexemplos/ acessado em 13/08/2010.